



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional: Adequação do Repertório Português ao Ensino Básico e Secundário em Violino

Ana Rita de Oliveira Nunes

Orientação | Professor Doutor Liviu Scripcaru

Mestrado em Ensino

Ensino da Música
Relatório de Estágio

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional: Adequação do Repertório Português ao Ensino Básico e Secundário em Violino

Ana Rita de Oliveira Nunes

Orientação | Professor Doutor Liviu Scripcaru

Mestrado em Ensino

Ensino da Música
Relatório de Estágio

Évora, 2018

Agradecimentos

Ao meu pai, a minha principal inspiração e influência no meu interesse e paixão pela música clássica e principal pilar do meu percurso académico, apoiando-me sempre e incondicionalmente em todas as etapas da minha educação e vida.

À minha mãe e irmãs pelo amor e presença incondicionais em todos os altos e baixos.

À Sarah pelo incansável apoio, amor e positividade que acrescenta a todos os meus dias.

Ao Professor Doutor Liviu Scripcaru, a minha primordial referência na qualidade do exercício profissional e artístico como violinista, a quem devo grande parte dos meus sucessos e conquistas académicas e profissionais. O seu incansável apoio e confiança inspiram-me a ultrapassar todas as adversidades.

À professora Anne Victorino d'Almeida pela amabilidade, profissionalismo e confiança com que me acolheu e incluiu na atividade docente da sua classe de violino na instituição da EAMCN. A partilha, cumplicidade e seriedade na atividade educativa realizada, fez com que se tornasse um importante marco no enriquecimento da minha aprendizagem como violinista e na aquisição de ferramentas fulcrais ao desenvolvimento da minha identidade como docente.

Aos alunos com quem tive o privilégio de trabalhar e observar, pela sua amabilidade, disponibilidade e simpatia, proporcionando uma intervenção orgânica e enriquecedora na qualidade da prática educativa.

À professora Inês Vieira por me ter iniciado à aprendizagem do violino e acompanhado durante todo o curso Básico e Secundário. Todos os ensinamentos, paciência e esforços durante o meu percurso são algo que levo como exemplo e referência na minha atividade académica e profissional.

Ao André Fresco, pelo exemplo como padrinho, colega e amigo. É com muita admiração, carinho e consideração que aprecio todo o apoio, disponibilidade, conselhos e amizade que nunca faltaram.

A todos os meus amigos, com quem cresço, prospero e sou sempre feliz.

Em especial, ao Safara, Alex, Gato e Tiago, os meus alicerces em todas as horas.

A todos os professores que me levaram a alcançar todos os sucessos e conquistas até hoje.

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional: Adequação do Repertório Português ao Ensino Básico e Secundário em Violino

À EAMCN por me ter acolhido e integrado no seu ecossistema escolar, possibilitando uma experiência inigualável no desenvolvimento da minha educação na área da pedagogia e da música.

À Universidade de Évora por me proporcionar todos os meios necessários para a obtenção de uma educação completa e gratificante.

“Music is the movement of sound to reach the soul for the education of its virtue.”

- Platão (428 – 348 a. C.)

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional: Adequação do Repertório Português ao Ensino Básico e Secundário em Violino

Resumo: O presente relatório insere-se no âmbito dos trabalhos da Prática de Estágio Supervisionada, realizada na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional sob orientação do Professor Doutor Liviu Scripcaru e da orientadora cooperante Professora Anne Victorino d’Almeida.

A primeira secção será focada numa contextualização histórica e enquadramento organizacional da instituição, bem como uma estruturação detalhada das metodologias e abordagens da prática educativa recomendar, com a prática pedagógica da orientadora cooperante e efeitos consequentes no percurso e progresso académico e artístico dos respetivos alunos ao longo do ano letivo de 2017/2018.

Seguidamente, numa segunda e última secção, será abordada a componente de investigação da adequação do Repertório Português no Ensino Básico e Secundário do violino. Pretende-se averiguar a expressão e utilidade técnica do repertório português nas estratégias pedagógicas dos graus que constituem as modalidades de ensino Básico e Secundário, promovendo e integrando a cultura nacional no percurso académico e artístico dos alunos.

Palavras-chave: Ensino da Música; Violino; Repertório Português; Investigação.

Report on Supervised Teaching Practice held at Escola Artística de Música do Conservatório Nacional: Adequacy of the Portuguese Repertory to Basic and Secondary Education in Violin

Abstract: This report is a follow-up to the Supervised Internship, held at Escola Artística de Música do Conservatório Nacional under the guidance of PhD Professor Liviu Scripcaru and the co-ordinating advisor, Professor Anne Victorino d'Almeida.

This work is divided into two sections. Firstly, a historical contextualization and organizational framework of the institution will be elaborated, as well as a detailed structuring of the methodologies and approaches of the educative practice advised with the cooperating teacher/advisor practical and pedagogical knowledge and its consequent effects in the academic journey and artistic progress of the respective students throughout the academic year of 2017/2018.

Then, in a second and final section, there will be a research approach on the adequacy of the Portuguese Repertory in Basic and Secondary Education of the violin. This section tries to ascertain the recurrence and technical utility of the Portuguese repertoire within the pedagogical strategies of the degrees that constitute the modalities of Basic and Secondary education promoting and integrating the national culture in the academic and artistic course of the students.

Keywords: Music Teaching; Violin; Portuguese repertoire; Research.

Lista de Símbolos e Abreviaturas

AMAC – Academia Musical dos Amigos das Crianças

APEEEMCN – Associação de Pais e Encarregados de Educação da EAMCN

ASE – Ação Social Escolar

CN – Conservatório Nacional

CNL – Conservatório Nacional de Lisboa

CRL – Conservatório Real de Lisboa

EADCN – Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional

EAEM – Ensino Artístico Especializado da Música

EAMCN – Escola Artística de Música do Conservatório Nacional

ECTS – European Credit Transfer System

EMCN – Escola de Música do Conservatório Nacional

FOCCA – Departamento da EAMCN que engloba as áreas disciplinares de Instrumentos Antigos

Nº – Número

OJ.COM – Orquestra Jovem dos Conservatórios Oficiais de Música

PAP – Prova de Aptidão Profissional

PAA – Prova de Aptidão Artística

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PEE – Programa Educativo Escolar

RA – Regime Articulado

RI – Regime Integrado

RS – Regime Supletivo

Séc. – Século

UCs – Unidades Curriculares

Índice

Introdução	1
Secção 1 – Prática de Ensino Supervisionada	3
1. Caracterização da escola – EAMCN	3
1.1. História	3
1.2. Oferta Educativa	9
1.3. Órgãos de Gestão	11
1.4. Comunidade Educativa	13
1.5. Recursos físicos – Instalações e equipamentos	17
1.6. Avaliação	19
2. Caracterização dos alunos	19
2.1 Enquadramento	19
2.2. Aluno A – 2º Grau RI	21
2.3. Aluno B – 4º Grau RI	23
2.4. Aluno C – 4º Grau RS	25
2.5. Aluno D – 5º Grau RI	27
2.6. Aluno E – 5º Grau RI	29
2.7. Aluno F – 5º Grau RI	31
2.8. Aluno G – 7º Grau RI	33
2.9. Aluno H - 7º Grau RS	35
2.10. Aluno I – 8º Grau RS	37
2.11. Aluno J - 3º Ano Curso Profissional	39
3. Práticas Educativas	41
3.1. Enquadramento	41
3.2. Orientadora Cooperante	42
3.3. Estratégias e Abordagens Pedagógicas	43
3.4. Aulas assistidas	45
3.4.1. Ensino Básico	46
3.4.2. Ensino Secundário	47
3.5. Aulas lecionadas	49
3.5.1. Ensino Básico	50
3.5.2. Ensino Secundário	51
3.6. Atividades escolares	53
3.7. Avaliação	55

4. Conclusão	57
Secção 2 – Investigação	59
5. A temática de Investigação	59
5.1. Motivação e contextualização na escolha da temática	59
5.2. Objetivos de Investigação	60
6. Contextualização do Ensino em violino	61
6.1. Contextualização histórica do Ensino da Música, em Portugal	61
6.2. O Ensino do violino em Portugal	65
6.3. A Música Portuguesa no Ensino do Violino	69
7. Aspetos Metodológicos	71
7.1. Etapas da Investigação	71
7.2. Métodos e técnicas de Investigação	72
7.3. Estrutura do conteúdo da Investigação	73
7.4. Origem da informação recolhida em contexto da PES	73
8. Adequação do Repertório Português no Ensino do violino	74
8.1. Perspetivas de utilização do repertório português no Ensino do violino em Portugal	74
8.1.1. Docente	75
8.1.2. Aluno	78
8.2. Adequação do Repertório Português no Ensino do Violino	80
8.2.1. Ensino Básico	81
8.2.2. Ensino Secundário	83
8.2.3. Avaliação	84
8.3. Acesso, administração e divulgação do repertório português para violino na EAMCN	86
9. Conclusão	88
Referências Bibliográficas	91
Bibliografia	93
Anexos	95

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Distribuição de alunos da EAMCN consoante os regimes em vigor, ano letivo de 2017/2018	14
Gráfico 2 – Distribuição de alunos da EAMCN consoante os níveis de educação, ano letivo de 2017/2018	14

Gráfico 3 – Distribuição dos alunos de violino consoante níveis de Ensino, ano letivo de 2017/2018	16
Gráfico 4 – Distribuição dos alunos de violino consoante os regimes em vigor, ano letivo de 2017/2018	17

Índice de Tabelas

Tabela 1A – Caracterização do Aluno A.....	21
Tabela 2A – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno A	21
Tabela 1B – Caracterização do Aluno B	24
Tabela 2B – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno B.....	24
Tabela 1C – Caracterização do Aluno C	25
Tabela 2C – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno C	26
Tabela 1D – Caracterização do aluno D.....	28
Tabela 2D – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno D	28
Tabela 1E – Caracterização do Aluno E.....	29
Tabela 2E – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno E.....	30
Tabela 1F – Caracterização do Aluno F	32
Tabela 2F – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno F	32
Tabela 1G – Caracterização do Aluno G.....	34
Tabela 2G – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno G.....	34
Tabela 1H – Caracterização do Aluno H.....	35
Tabela 2H – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno H.....	36
Tabela 1I – Caracterização do Aluno I.....	38
Tabela 2I – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno I.....	38
Tabela 1J – Caracterização do Aluno J	40
Tabela 2J – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno J	40
Tabela 3 – Distribuição de horas da PES por semestre e total	41
Tabela 4 – Estrutura paralela do Ensino Regular e Ensino Artístico Especializado na escolaridade obrigatória – Ensino Básico e Secundário (Fonte: Ferreira de Sousa, 2003)	65
Tabela 5 - Obras portuguesas com adequação ao Ensino Básico.....	83
Tabela 6 – Obras portuguesas com adequação ao Ensino Secundário	84

Índice de Anexos

Anexo 1 – Horário semanal da distribuição dos alunos	95
Anexo 2 - Classes de Instrumento e Canto - Critérios de Avaliação EAMCN.....	96
Anexo 3 – Programa de Violino	98
Anexo 4 - Entrevista Orientadora Cooperante – Prof. Anne Victorino d’Almeida..	102
Anexo 5 - Inquérito aos alunos da classe da Prof. Anne Victorino d’Almeida.....	103
Anexo 6 – Utilização do repertório português em dois contextos: Da classe da Prof. Anne Victorino d’Almeida e da observação nas provas Recital de violino na EAMCN no ano letivo 2017/2018’	106
Anexo 7 - Lista de obras portuguesas para violino (séc. XVII – atualidade).....	107

Introdução

As habilitações necessárias ao exercício profissional do ensino vocacional e artístico, ao abrigo do Decreto-lei 79/2014¹, exigem a obtenção de Grau do 2º Ciclo do Ensino Superior com Profissionalização integrada, justificando frequência no Mestrado em Ensino da Música.

Na Universidade de Évora, o curso² tem a duração de quatro semestres³, integrando um conjunto de disciplinas⁴ focadas na especialização à docência do Ensino da Música. O presente relatório insere-se na fase final da Prática de Ensino Supervisionada no Ensino Vocacional de Música I e II, culminando na atribuição legal da habilitação profissional para a docência no ensino artístico especializado.

O presente documento visa registar as várias vertentes do conhecimento e experiência adquiridos da concretização da Prática de Ensino Supervisionada, componente prática de estágio, integrada no 3º e 4º semestre do Mestrado em Ensino da Música. O estágio teve lugar na prestigiada instituição Escola Artística de Música do Conservatório Nacional (EAMCN), onde foi possível ter acesso a variados contextos educativos nos diversos regimes de Ensino Artístico, proporcionando um percurso enriquecedor e completo, que contribuiu intrinsecamente para a evolução da mestranda na qualidade de aspiração à docência.

No decorrer do estágio, foram partilhados saberes e experiências que amadureceram a sensibilidade não só pessoal, mas também profissional da mestranda dentro do ambiente educacional. Entre os elementos que contribuíram para este crescimento destacam-se as aulas assistidas, aulas lecionadas, atividades escolares, reflexão sobre a Prática Supervisionada, caracterização desenvolvida atinente ao trabalho desenvolvido com a classe e discussão de metodologias e abordagens pedagógicas. Todas estas e outras importantes componentes informativas disponibilizadas e apreendidas contribuíram para

¹ Decreto-Lei 79/2014 de 14 de maio: aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário.

² O Mestrado em Ensino da Música consta da Oferta Formativa da Universidade de Évora desde o ano letivo de 2015/2016.

³ 120 ECTS (102 obrigatórios e 18 optativos em UCS).

⁴ Frequentadas pela mestranda durante os anos letivos de 2016/2017 e 2017/2018. Obrigatórias: Didática Específica para o Ensino Vocacional de Música I, II e III; Área de Docência I, II e III; Metodologias de Investigação em Educação; Administração e Gestão Educacional; Prática de Ensino Supervisionada no Ensino Vocacional de Música I e II. Optativas: Psicologia da Educação; Educação para a Cidadania; Comunicação em Contexto Escolar.

um balanço ponderado e útil, tendo em vista uma otimização da intervenção docente na prática educativa.

Na organização e redação deste projeto é importante salientar a importância da componente teórica e investigativa necessária para poder desenvolver uma prática com qualidade e flexível, face aos demais contextos com que um docente se depara, sempre com o propósito de proporcionar a melhor e mais enriquecedora experiência educativa dentro de um ambiente simbiótico e equilibrado, que estimule a aprendizagem da forma mais eficaz e séria.

A avaliação assídua e constante da prática educativa é um dos principais contributos para construção de identidade profissional, espírito de autocrítica, separação e assimilação da informação relevante e útil à evolução e dinamização prática da pedagogia. Isto permitiu uma compreensão profunda do papel que um docente estagiário deve desempenhar, a fim de contribuir positivamente não só para seu próprio crescimento profissional, mas também para a intervenção positiva no ecossistema educativo em que participa.

Toda a aprendizagem que a EAMCN ofereceu, teve, e continuará a ter, um impacto no futuro exercício pedagógico noutras experiências educativas fora da PES, promovendo uma constante procura pela qualidade na transmissão e aplicação de ensinamentos aos alunos.

A inquestionável qualidade docente da EAMCN, excelente leque de contextos educativos e alunos de elevado nível com que a mestranda teve a satisfação de acompanhar e trabalhar, fez com que a pertinência e acessibilidade da componente temática deste projeto – Adequação do Repertório Português no Ensino Básico e Secundário do Violino – fosse ativamente motivada pela investigação da relevância deste repertório para as instituições artísticas de Música e seus estudantes violinistas, como componente integrante não exclusiva, mas fulcral na sua formação artística. O panorama das obras nacionais é de interesse não só educativo, mas também cultural, numa promoção contínua na divulgação e pertinência do repertório vernáculo no desenvolvimento dos estudantes de música da atualidade e numa perspetiva futura e estratégica do que será a representação da Música Clássica em Portugal.

Com isto, pretende-se que o presente relatório retrate fielmente o conteúdo da PES inserida na EAMCN, valorizado pela partilha da experiência e orientação de distintos

docentes, alunos motivados e empenhados, abrangendo um percurso completo, realista e enriquecedor na vertente da docência supervisionada.

Secção 1 – Prática de Ensino Supervisionada

1. Caracterização da escola – EAMCN

1.1. História

Com base no resumo historial disponível no site oficial da EAMCN e na cronologia histórica disponível no site da Meloteca: Sítio de Música e Artes, ambos da autoria de Maria José Borges, musicóloga e professora de História da Música, e, também, com a seleção de notícias nacionais relevantes sobre a atual situação socioeducativa da EAMCN, segue-se uma contextualização histórica da instituição, datando desde a sua génese ao presente ano (2018).

A EAMCN goza de um grande prestígio na qualidade do ensino artístico especializado da música e da dança. Esta instituição data de 1822, quando foi confiada a João Domingos Bomtempo⁵, pelas Cortes, a construção de um projeto que estabelecesse os fundamentos para a prática da música vocal e instrumental, a fim de reorganizar o Seminário da Patriarcal.

Com o arranque oficial e legal⁶ do projeto em 1824, deram-se os primeiros passos em direção ao que mais tarde viria a ser a EAMCN. No entanto, apenas em 1834⁷, após a guerra liberal, se erigiu a visão reformada do que viria a ser o ensino artístico em Portugal. No entanto, devido a complicações económicas e organizacionais⁸, o corpo docente e leque de disciplinas foram consideravelmente reduzidos⁹. Apenas em 1835/36¹⁰ foram fundados oficialmente os dois Conservatórios que albergavam as três

⁵ (1755 – 1842) Compositor, pianista e notável pedagogo.

⁶ 3/11: decreto que passa a inserir o ensino de instrumentos musicais na Escola de Música do Seminário da Patriarcal, lecionado por professores quase todos provenientes da Real Câmara (entre 1824 – 1834) (Borges, Maria José – Histórico e Cronologia, EMCN).

⁷ (junho, data não especificada) Apresentação de um projeto reformado – 18 professores para 16 disciplinas –, oferecido a sua Majestade Duque de Bragança.

⁸ Em 1834, o corpo docente originário do Seminário da Patriarcal, oficialmente extinto, foi revisto e repostado na sua totalidade.

⁹ Eram ministradas um total de seis disciplinas com um professor por cada uma, sendo mais tarde adicionada a de Piano, ministrada pelo próprio Diretor, Bomtempo.

¹⁰ São publicados decretos (5/5 e 15/11) que oficializam a criação do Conservatório de Música (anexo à Casa Pia), presidido por João Bomtempo e Conservatório Geral de Arte Dramática, presidido por Almeida Garret respetivamente.

escolas¹¹, sendo possível criar um plano educativo e institucional para todas as Artes Performativas. O edifício do Convento dos Caetanos foi atribuído como destino para a instalação do projeto, sendo que este havia sido desocupado pelas Ordens Religiosas após a guerra.

A Missão desta instituição, atualmente, resume-se ao seguinte:

Qualificar os alunos através de uma sólida formação nas suas múltiplas vertentes, humanística, científica, histórica, ética, ecológica, estética, artística e musical, capacitando-os para uma opção profissional como músicos. (Site Oficial da EAMCN – Separador Instituição/Apresentação)

Desde a génese desta instituição que a intenção de alcançar a excelência no ensino artístico especializado se mantém entre gerações. Até ao século XIX, o ensino público musical destinava-se à promoção, desenvolvimento e aprendizagem exclusiva da música religiosa. Esta modalidade de ensino foi ministrada sempre pelo Seminário da Patriarcal e o corpo docente era maioritariamente constituído por estrangeiros, tanto instrumentistas como cantores.

Bomtempo, neste contexto, e já numa visão antecipada do que, mais tarde, vem a ser a Missão da atual EAMCN, idealizou um projeto objetivo que permitiu a progressiva transferência desta modalidade limitada à religião para uma educação artística que se focasse na música laica, ministrando, paralelamente, formação profissional nos campos lírico e exclusivamente instrumental, surgindo progressivamente músicos portugueses, de ambos os sexos, com o objetivo de reduzir e evitar a contratação excessiva de *personnel* estrangeiro. Assim, a nova instituição dividiu-se em duas modalidades estruturais de organização educativa: uma tradicional, reproduzida pelos modelos dos Antigos Conservatórios italianos, dada a aura caritativa por influência do contexto socioeconómico da Casa Pia¹²; outra, mais modernista, pois era proporcionada uma educação musical laica acessível a ambos os sexos.

Em 1840, Bomtempo solicita a proteção régia do Conservatório. Nesse mesmo ano, é requerido à Rainha Dona Maria II e declarada em decreto (04/07) a designação de Conservatório Real de Lisboa, presidido por D. Fernando I, promovendo, assim, as

¹¹ Escola de Música, Escola de Teatro e Declamação e Escola de Mímica e Dança.

¹² Um colégio constituído de órfãos e estudantes pobres sustentados pelo próprio estabelecimento.

primeiras apresentações públicas do Conservatório. Em maio de 1841 é constituída a Academia do Conservatório¹³ e são promulgados os Estatutos¹⁴ da Instituição.

Com a morte de Bomtempo, em 1842, no que toca à Direção do Conservatório, nos anos subsequentes houve diversos mandatos dos quais se destacam o Conde de Farrobo¹⁵, Duarte de Sá¹⁶, Luís Augusto Palmeirim¹⁷ e Eduardo Schwallbach¹⁸.

Foi no mandato de Luís Palmeirim, no último quartel do séc. XIX, que o Conservatório dispôs da sua própria sala de concertos, o Salão Nobre. As pinturas que ilustram o teto e os medalhões que retratam diversas personalidades foram encomendadas ao pintor Malhoa. As restantes decorações são da autoria de Eugénio Cotrim, celebrando a conclusão da obra em agosto de 1892.

De 1901 a 1910 marcam-se os primeiros passos para a modernização do Conservatório com a reforma encabeçada por Augusto Machado¹⁹, numa atualização profunda e integral dos planos de estudo e repertórios dos vários instrumentos.

A 5 de Outubro de 1910, com a Implementação da República, a instituição passa a designar-se Conservatório Nacional de Lisboa (CNL). Em 1919, o pianista Vianna da Motta é instituído como Diretor do CNL e Luís de Freitas Branco, compositor, musicólogo e pedagogo, toma o cargo de Diretor da escola de Música. Estas duas personalidades de renome em Portugal concretizam uma das mais importantes reformas do ensino musical. Das alterações mais relevantes destacam-se: a inclusão das disciplinas de Cultura Geral²⁰, a criação da Classe de Ciências Musicais²¹, a instauração

¹³ A secção de Música era dirigida por Bomtempo, associada a muitos dos vultos literários, artísticos e científicos do país e individualidades estrangeiras, das quais se destacam: Rossini, Mercadante, Donizetti, Auber e Mayerbeer. (Borges, Maria José – Histórico e Cronologia, EMCN)

¹⁴ Art. 1: “O Conservatório Real de Lisboa tem por objeto restaurar, conservar, e aperfeiçoar a literatura dramática e a língua portuguesa, a música, a declamação e as artes mímicas. E promover outrossim o estudo da arqueologia, da história e de todos os ramos de ciência, de literatura e de arte que podem auxiliar a dramática”. (Borges, Maria José – Histórico e Cronologia, EMCN)

¹⁵ Atribuição do cargo de Direção do CRL em 1848. Aristocrata, mecenas e melómano português. Desempenhou um papel muito importante no que toca à Inspetoria Geral dos Theatros e espetáculos públicos, bem como no financiamento, apoio e restauro de instituições e associações artísticas portuguesas (Silvestre, S. 2012)

¹⁶ Atribuição do cargo de Direção do CRL em 1870. Sem informação adicional disponível.

¹⁷ Atribuição do cargo de Direção do CRL em 1878. Dramaturgo, publicou “Memória acerca do ensino das artes scenicas e com especialidade da Música”, uma proposta de relevância na renovação das escolas do Conservatório.

¹⁸ Atribuição do cargo de Direção do CRL em 1895. Schwallbach foi um prestigiado dramaturgo nomeado, entre outros candidatos artistas e homens de letras reconhecidos, inspetor do CRL pelo órgão régio, passando a residir no edificio.

¹⁹ Diretor do CRL nos anos compreendidos entre 1901-1910.

²⁰ História, Geografia, Línguas e Literaturas francesa e portuguesa.

²¹ História da Música, Acústica e Estética Musical.

de uma nova disciplina de Leitura de partituras e adoção exclusiva do Solfejo entoado, o desenvolvimento do Curso de Composição e a criação das disciplinas de Instrumentação e Regência. Com estas novidades revolucionárias, o Conservatório aumentou consideravelmente o número de alunos, inaugurando um dos seus apogeus como Escola de Música.

Em 1930 surge uma nova reforma, motivada por cortes orçamentais, o que levou à aglutinação das escolas de Música e Teatro, eliminando a autonomia administrativa. Assim, a designação da instituição é reduzida a Conservatório Nacional. O dramaturgo Júlio Dantas e Vianna da Motta são nomeados respetivamente como inspetor do CN e Diretor da secção de Música. Neste contexto mais contido no apoio económico ao CN, algumas das novas disciplinas²² tiveram de ser extintas e o número de alunos decresceu significativamente. Apenas em 1938, com o empenho e espírito de renovação do novo Diretor, Maestro e compositor, Ivo Cruz, em conjunto com Lúcio Mendes, no cargo de subdiretor da Escola de Música, iniciou-se uma nova fase de recuperação e renovação do Ensino com o objetivo de elevar o Conservatório Nacional a uma instituição que equivalesse às suas congéneres europeias. O Ministro da Educação da altura, Dr. Pedro Carneiro, participou no apoio à visão de Ivo Cruz, partilhando do mesmo entusiasmo perante este movimento. Em 1946 foi o ano de maior manifestação e concretização desta renovação, pois tiveram lugar importantes obras de remodelação e modernização do edifício. Este projeto foi liderado pelo engenheiro Duarte Pacheco, proporcionando ao Conservatório um Salão Nobre restaurado, uma renovada biblioteca (desenhada pelo arquiteto Raul Lino) e restauração de amplas salas que permitiram acolher o Museu Instrumental²³.

Nas décadas subsequentes foram registadas diversas atividades por parte do corpo docente e dos alunos das quais se destacam: Recitais da Nova Geração, concertos do Collegium Musicum, e de Intercâmbio Musical. O Conservatório recebeu vários especialistas nacionais e estrangeiros em cursos e conferências e, foi também fundado o estudo de instrumentos antigos²⁴ e da guitarra hispânica.

Em 1971 o Ministério da Educação nomeou uma Comissão Orientadora da reforma do Conservatório Nacional, presidida por Manuela Perdigão, com o fim de reestruturar e

²² E.g. Cultura Geral, Leitura de Partituras, Estética Musical, Regência.

²³ O Museu Instrumental foi fundado oficialmente em 1941, mas por inexistência de instalações, permaneceu um projeto incompleto até 1946.

²⁴ Cravo, clavicórdio, viola da gamba, viola d'amore.

reformular o ensino, que se encontrava desatualizado, respeitando, porém, a doutrina defendida nos planos de estudo de 1930. Assim, surge, em 1972, um novo plano de estudos provisório, apresentado como Experiência Pedagógica, uma reformulação do antigo plano que vigorava até à data. Dada a urgência na atualização destes programas, esta reforma não chegou a ser homologada, mas teve aplicação prática imediata.

Ao abrigo deste novo projeto surgem algumas mudanças significativas comparativamente ao plano de estudos anterior, das quais se destacam: aumento dos anos de estudo, atualização dos repertórios, introdução de novos cursos de espécies instrumentais que ainda não faziam parte da oferta formativa da Escola de Música – Alaúde e Flauta de Bisel.

Entre 1972 e 1974 iniciou-se uma experiência de ensino integrado da música em colaboração com a Escola Secundária Francisco Arruda. Finalmente, foi ainda criada uma Escola Superior de Cinema.

Após o 25 de Abril a CORCN²⁵ demitiu-se em bloco e nasce a Comissão de Gestão do CN, constituída por três professores e três alunos. A primeira Comissão integrava os Professores Francisco Brito e Cunha, Elisa Lamas e Teresa Vieira, e pelos alunos Maria José Artiaga, João Vieira Caldas e António Wagner Dinis.

No final dos anos 70 e princípio dos anos 80, foi erguida uma administração de gestores nomeados pelo Ministério²⁶ com poderes sobre todas as escolas do CN (1978-1982).

Finalmente, em 1986, pelo Decreto-Lei nº 310/83, é dissolvida a estrutura quadripartida do Conservatório Nacional de Lisboa, surgindo, em sua substituição, várias Escolas Autónomas. Toda a aprendizagem artística e geral passou a ser integrante de uma estrutura comum alargada e mais global, na qual os níveis de ensino se organizam em graus secundários ligados a escolas de formação geral e os de nível superior ligados a Universidades ou Institutos Politécnicos. Isto permitiu uma educação formativa de base, com possibilidade de prosseguimento para um grau de especialização superior. Assim, duas das anteriores escolas, dada a sua característica mais formativa na vertente de iniciação, dividiram-se em duas escolas, respetivamente: uma de nível secundário e outra de nível superior – Escolas de Música e de Dança de Lisboa e Escolas Superiores

²⁵ Comissão Orientadora da Reforma do Conservatório Nacional.

²⁶ Luís Casanovas, Viegas Tavares e Luís Oliveira Nunes.

de Música e de Dança de Lisboa. Por sua vez, as Escolas de Teatro e Cinema emergiram como Escola Superior de Teatro e Cinema.

Relativamente à Escola de Música, houve alguns constrangimentos de reajustamento devidos à divisão institucional entre os dois níveis de ensino (secundário e superior) que anteriormente estavam reunidos. No entanto, com esta separação, as disciplinas musicais de formação prática previram a realização de estudos superiores na sua totalidade, visto que até à data apenas existiam cinco cursos de Instrumento²⁷ com designação “superior”.

Surgiu, no mesmo período, a Escola de Música do Conservatório Nacional, que passou a lecionar apenas o ensino básico e secundário, e a ser gerida por três docentes da escola eleitos ou, excepcionalmente, nomeados pelo Ministério. Nas décadas posteriores, a direção da escola esteve garantida por sucessivas Comissões²⁸ até que, em 2009, foi eleita para o cargo de Diretora a Prof. Ana Mafalda Correia Pernão.

Atualmente, a Escola de Música do Conservatório Nacional evoluiu para concretizar e atingir as metas da sua atual Missão já referida no início desta contextualização histórica, identificando-se com a instituição tradicional, mantendo-se nas mesmas instalações, o edifício do Convento dos Caetanos, e continuando a ser um dos principais intervenientes da formação musical portuguesa.

Em 2002 e 2003, numa política de descentralização da iniciação musical, começaram a funcionar os polos da EMCN na Amadora e em Sacavém, com a colaboração e apoio das respetivas autarquias.

Em 2008, por iniciativa do presidente da Comissão Diretiva da EMCN, Prof. António Wagner Dinis, iniciou-se, com origem nesta Escola, o projeto Orquestra Geração²⁹, coordenado, na dimensão administrativa e pedagógica, pela EMCN. A iniciativa conta com a colaboração de maestros do Sistema Nacional das orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela. A principal meta deste projeto é fazer chegar aos bairros socialmente desfavorecidos a música clássica e promover a inclusão educacional e social.

²⁷ Piano, Canto, Violino, Violoncelo e Composição.

²⁸ Instaladoras, Executivas e Diretivas.

²⁹ Trata-se da importação de uma metodologia que tornou a Orquestra Simón Bolívar um dos exemplos internacionais mais relevantes de utilização do ensino da música como meio de favorecimento à inclusão social. Em Portugal começou por ser aplicado com a criação de “orquestras geração” em bairros da Amadora, Vialonga e, mais recentemente, Sacavém e Camarate.

Apesar de, no presente, a instituição poder assumir um período de relativa estabilidade, luta, ainda, por um estatuto adequado às suas capacidades e pela requalificação do edifício e do seu salão de concertos. A Câmara municipal de Lisboa determinou, em 2014, “a execução de obras de consolidação e reparação no edifício”. E concluiu que “não estão reunidas as condições mínimas de salubridade e segurança para a presença de pessoas e bens, até que sejam realizadas as obras preconizadas no presente auto. Deverão ainda ser tomadas as medidas necessárias e convenientes por forma a garantir a segurança de pessoas e bens na via pública, face ao risco de queda de elementos construtivos do imóvel”. (Reportagem in Observador por Sara Otto Coelho, 27 de fevereiro de 2015). Felizmente as demandas declaradas tiveram fruto e, após anos de insistência e manifestação na reclamação de obras profundas no edifício histórico do Convento dos Caetanos, foi aberto um concurso público internacional, em junho de 2018, para a reabilitação das instalações das escolas artísticas de Música e de Dança. O investimento decorre até 2020 e o orçamento para a reabilitação do antigo Convento dos Caetanos é de 9,2 milhões de euros, segundo a Portaria nº 388-A/2018³⁰. No decorrer das obras, a EAMCN fica instalada provisoriamente na Escola Secundária Marquês de Pombal, em Lisboa, que também sofreu obras de adaptação (Jornal Público, 6 de junho de 2018).

Segundo o Ministério da Educação, esta intervenção cumpre as exigências e requisitos arquitetónicos definidos pela Direção Geral do Património Cultural, respeitando a antiguidade e história do edifício, bem como a sua localização e enquadramento da área urbana em que se insere.

Esta proposta interventiva estrutura-se para servir a atual oferta educativa, com o 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário, para os cursos do ensino artístico especializado nos diversos regimes de frequência (integrado, articulado e supletivo). A capacidade das escolas prevê, nomeadamente 800 alunos da EAMCN e 210 alunos da EADCN (Jornal Público, 6 de junho de 2018).

1.2. Oferta Educativa

A EAMCN, como consta no seu projeto educativo (PE) e no Regulamento Interno (RI), ambos revistos e aprovados em 2016, ministra os seguintes cursos:

³⁰ Indica o valor total das obras e estabelece a repartição pelos orçamentos dos anos de 2019 (4.556.800 euros) e de 2020 (4.643.200 euros), até à conclusão da intervenção.

- **Curso de Iniciação:** Curso destinado a crianças na faixa etária dos 6 aos 9 anos de idade e frequentadoras do 1º ciclo de escolaridade obrigatória. Tem como objetivo garantir o desenvolvimento das aptidões musicais primárias em ambas dimensões teórica e prática, para que o aluno possa concorrer, se assim desejar, ao ingresso no Ciclo Básico, curso oficial do ensino artístico da música especializado na vertente de uma opção Instrumental ou Canto;
- **Curso Básico:** Curso destinado a crianças e jovens compreendidos na faixa etária dos 10 aos 15 anos de idade e frequentadores no 2º e 3º ciclo de escolaridade obrigatória. Tem como objetivo garantir uma formação sólida das bases e fundamentos da música na vertente Instrumental ou em Canto, optada pelo aluno no início do Ciclo. A conclusão deste ciclo, caso seja do interesse do aluno, e mediante condições de aproveitamento, torna viável o ingresso no nível secundário do ensino artístico especializado da música;
- **Curso Secundário de música e canto e curso profissional de nível IV:** Cursos destinados a jovens a partir dos 15 anos e frequentadores do equivalente ao nível secundário através do curso vocacional (6/10º grau/ano – 8/12º grau/ano) ou curso profissional (equivalência ao curso vocacional no mesmo espaço de tempo – 3 anos). Este curso desenvolve, em metas mais específicas e rigorosas, as aptidões musicais e performativas dos alunos a fim de tornar acessível, através de uma preparação de caráter profissionalizante, o ingresso ao ensino superior e estimular a procura de excelência num futuro exercício profissional na música.

Em ambos os níveis, básico e secundário, a EAMCN ministra cursos de Ensino Artístico Especializado da Música (EAEM), que são idealizados de modo a proporcionar uma formação completa e profunda da formação musical e dos conhecimentos inerentes às ciências musicais, desenvolvendo os alunos nas suas aptidões performativas na sua opção Instrumental/Vocal e qualificando-os para um futuro exercício profissional na música.

Com base na atual legislação, os cursos EAEM podem ser frequentados nos seguintes regimes:

- *Integrado:* com frequência de todas as componentes do currículo na EMCN;
- *Articulado:* curso com frequência das disciplinas da componente vocacional, frequentando as restantes disciplinas, de formação geral, numa outra escola do ensino regular;

- *Supletivo*: cursos constituídos apenas pelas disciplinas que constam da componente de formação vocacional, no nível básico, e pelas disciplinas que constam das componentes de formação científica e técnica-artística, no nível secundário.

Na componente de formação artística, a EAMCN dispõe da oferta das seguintes disciplinas:

- Canto, Classes de Conjunto e Línguas: Atelier Musical, Educação Vocal, Técnica Vocal, Coro, Orquestras, Música de Câmara, Produção, Canto (Técnica Vocal e Repertório), Alemão, Francês e Italiano;
- Cordas: Violino, Viola, Violoncelo, Contrabaixo, Viola da Gamba, Guitarra, Guitarra Portuguesa, Alaúde e Harpa;
- Sopros e Percussão: Flauta de Bisel, Flauta Transversal, Oboé, Clarinete, Fagote, Saxofone, Trompete, Trompa, Trombone, Tuba e Percussão;
- Teclas: Acordeão, Cravo, Órgão, Piano, Instrumento de Tecla, prática ao Teclado e Acompanhamento;
- Ciências Musicais: Acústica Musical, Análise e Técnicas de Composição, Formação Musical, História da Cultura e das Artes, Informática Musical.

1.3. Órgãos de Gestão

Com base no Regulamento Interno (2017) da EAMCN as estruturas de organização pedagógica e administrativa edificam-se em órgãos próprios que asseguram a administração e gestão das escolas, aos quais cabe cumprir e fazer cumprir os princípios e objetivos referidos nos artigos 3.º e 4.º do Decreto-lei n.º 75/2008, de 22 de abril, com a redação ao mesmo dada pelo Decreto-lei n.º 137/2012, de 2 de julho.

Os órgãos que alicerçam a EAMCN são os seguintes:

Órgãos de direção, administração e gestão

- O conselho geral – constituído por representantes do corpo docente, dos pais e encarregados de educação, dos alunos do ensino secundário, da autarquia e da comunidade local;

- A diretora³¹ – órgão de administração e gestão da EAMCN nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. Assegura, também, a coordenação pedagógica do curso profissional³²;
- O Conselho Pedagógico – órgão que assegura a coordenação e orientação da vida educativa da EMCN, nomeadamente nos domínios pedagógico e didático, de orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente;
- O Conselho Administrativo – órgão deliberativo em matéria administrativo-financeira da EMCN, nos termos da legislação em vigor.

Estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica

A função destes elementos é apoiar o diretor e o conselho pedagógico, assegurando a articulação curricular, a coordenação pedagógica e o acompanhamento e avaliação das atividades desenvolvidas pelos alunos, nomeadamente as inscritas no plano anual de atividades, e a avaliação de desempenho do pessoal docente. Estas estruturas dividem-se da seguinte forma:

- Coordenador do projeto educativo – cargo nomeado pelo diretor, responsável pela coordenação na elaboração do projeto educativo, incluindo a sua observação prática, transmissão informativa ao Conselho Pedagógico e exposição da prestação do serviço educativo;
- Departamentos Curriculares – são constituídos pelo conjunto de professores que lecionam as disciplinas do âmbito de cada departamento³³;
- Conselho de turma e de avaliação – constituído por todos os professores da turma, representantes dos encarregados de educação e dos alunos e o diretor de curso, caso se aplique. Tem como função a organização, o acompanhamento e a avaliação das atividades a desenvolver com os alunos dos ensinos integrado e profissional, e a articulação entre a escola e as famílias;
- Coordenação pedagógica dos regimes de frequência - encontra-se a cargo de um coordenador de diretores de turma e de um coordenador de professores tutores.

³¹ Cargo atualmente desempenhado pela Dra. Lilian Kopke.

³² N.º 2 do artigo 8.º da portaria n.º 74-A/2013, de 15 de fevereiro.

³³ Ciências Sociais e Humanas e Línguas, Matemática, Ciências Experimentais e Expressões, Cordas Friccionadas, FOCCA, Sopros e Percussão, Teclas, Teóricas, Classes de Conjunto.

- Outras estruturas de coordenação – responsáveis por apresentar propostas de atividades de promoção artística da EAMCN, dos seus docentes e alunos e organização das mesmas.

1.4. Comunidade Educativa

Entende-se por comunidade educativa o conjunto e afluxo de pessoas formado por alunos, pessoal docente e não docente, pais e encarregados de educação, bem como demais pessoas que se relacionem, no âmbito das suas atividades e na persecução dos seus fins, com a EAMCN.

Com base na informação disponível no Programa Educativo Escolar (PEE), acessível através do site Oficial da EAMCN, com a mais recente informação datada no ano letivo de 2016/2017, pode-se averiguar o seguinte ponto de situação no que toca ao corpo escolar da EAMCN:

Alunos

Desde o ano letivo 2000/2001, verifica-se um aumento do número de alunos que optam pelo regime articulado (RA) e, também, pelo regime integrado (RI). No entanto, o regime supletivo (RS) lidera a maior expressão globalmente, principalmente na frequência do nível secundário.

Com a informação atualizada, facultada pela Secretaria da EAMCN, é possível descrever as estatísticas dos regimes que a EAMCN oferece na modalidade do EAEM. Assim, no ano letivo de 2017/2018, a distribuição dos alunos pelos regimes (RI, RA e RS) é a seguinte: 600 alunos frequentes em RS, incluindo as iniciações do polo principal e os descentralizados (Seixal, Loures e Amadora), 77 alunos em RA e 288 em RI, incluindo os alunos do curso profissional. Com isto, soma-se um total de 968 alunos, com uma distribuição descrita no gráfico seguinte:

DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS DA EAMCN CONSOANTE OS REGIMES EM DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS DA EAMCN CONSOANTE OS REGIMES EM VIGOR, 2017/2018

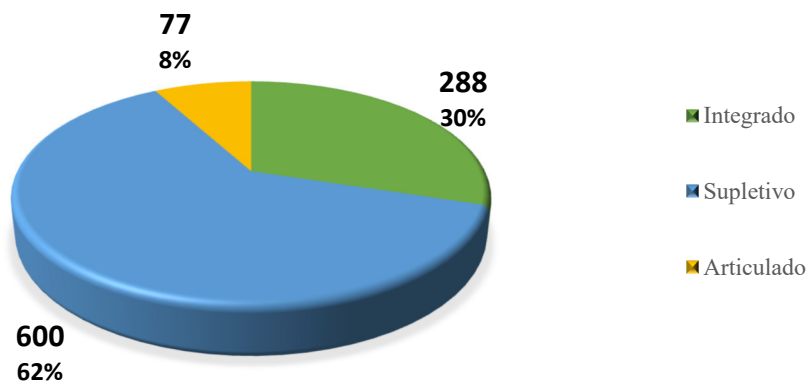


Gráfico 1 – Distribuição de alunos da EAMCN consoante os regimes em vigor, ano letivo de 2017/2018
 Fonte: Secretaria da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional

Ainda noutra modalidade de distribuição, para uma melhor compreensão do afluxo de alunos entre os níveis de Educação que compõe a comunidade escolar, é relevante mencionar: 318 alunos matriculados na Iniciação (que abrange os quatro polos da EAMCN); 371 alunos matriculados no Ensino Básico (abrangendo a Sede da EAMCN e o polo do Seixal); 227 alunos matriculados no Ensino Secundário e 49 no Curso Profissional, conforme descrito no Gráfico 2.

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS CONSOANTE OS NÍVEIS DE EDUCAÇÃO, 2017/2018

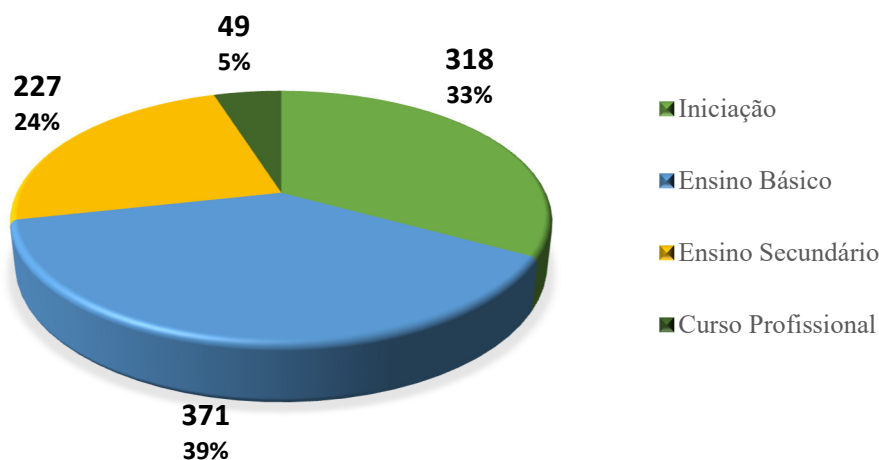


Gráfico 2 – Distribuição de alunos da EAMCN consoante os níveis de educação, ano letivo de 2017/2018
 Fonte: Secretaria da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional

No leque de alunos que compõem o ecossistema estudantil da EAMCN, sublinha-se a sua variedade socioeconómica, cultural e geográfica. Uma parte significativa dos alunos da Escola de Música reside em concelhos limítrofes da Grande Lisboa, havendo, no entanto, alguns que vêm de outros distritos. São apoiados pela Ação Social Escolar (ASE) um total de 31 (trinta e um alunos), dos quais 17 (dezassete) no Escalão A e 14 (catorze) no Escalão B. É de salientar ainda o facto de haver 7 (sete) alunos com necessidades educativas especiais no ensino integrado.

Pessoal docente e alunos integrantes na disciplina de Violino

As classes de violino na totalidade dos polos da EAMCN integram 132 alunos e 27 docentes³⁴.

Para uma melhor perceção estrutural, efetuou-se a seguinte divisão em duas partes: a sede da EAMCN e os polos da Amadora e Loures.

Na Sede da EAMCN, proporcionalmente, o total de alunos que integram os cursos EAEM é de 98 alunos para 9 docentes. Nos restantes polos (Amadora e Loures), soma-se um total de 34 para 3 docentes³⁵.

Relativamente aos níveis de Ensino, na Iniciação soma-se um total de 51 alunos, distribuídos da seguinte forma: 17 alunos na Sede, 21 alunos no polo da Amadora e 13 alunos em Loures. Todos os alunos do Ensino Básico e Secundário em violino estão colocados na Sede da EAMCN, com um total de 49 alunos no Ensino Básico, 25 alunos no Ensino Secundário e 7 no Curso Profissional.

³⁴ 16 dos quais são docentes contratados pela EAMCN, integrados para lecionar exclusivamente no Projeto Orquestra Geração (não estão incluídos na estatística que se segue). Assim, apenas 11 docentes estão destacados para lecionar os cursos EAEM da EAMCN.

³⁵Um professor leciona a disciplina de violino em ambos polos, principal e de Loures.

DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DE VIOLINO CONSOANTE NÍVEIS DE ENSINO, 2017/2018

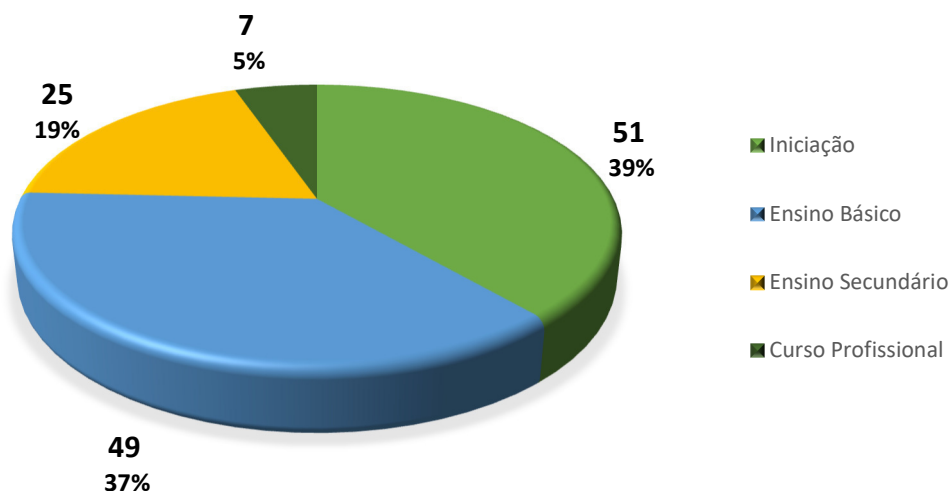


Gráfico 3 – Distribuição dos alunos de violino consoante níveis de Ensino, ano letivo de 2017/2018
Fonte: Secretaria da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional

À semelhança da distribuição global dos alunos da escola é, também, relevante, uma estrutura pelos regimes (RS, RI e RA) dos alunos de violino.

No RS, incluindo os alunos de Iniciação do polo principal e dos polos descentralizados (Amadora e Loures), soma-se um total de 78 alunos – 51 de Iniciação, 13 no Ensino Básico e 14 no Ensino Secundário.

No RI, incluindo os alunos do Curso Profissional, soma-se um total de 48 alunos – 31 no Ensino Básico e 17 no Ensino Secundário e Curso Profissional.

No RA, soma-se um total de 6 alunos – 5 no Ensino Básico e um no Ensino Secundário.

Para auxiliar à organização nesta disposição, segue-se o seguinte gráfico:

Distribuição dos alunos de violino consoante regimes em vigor, 2017/2018

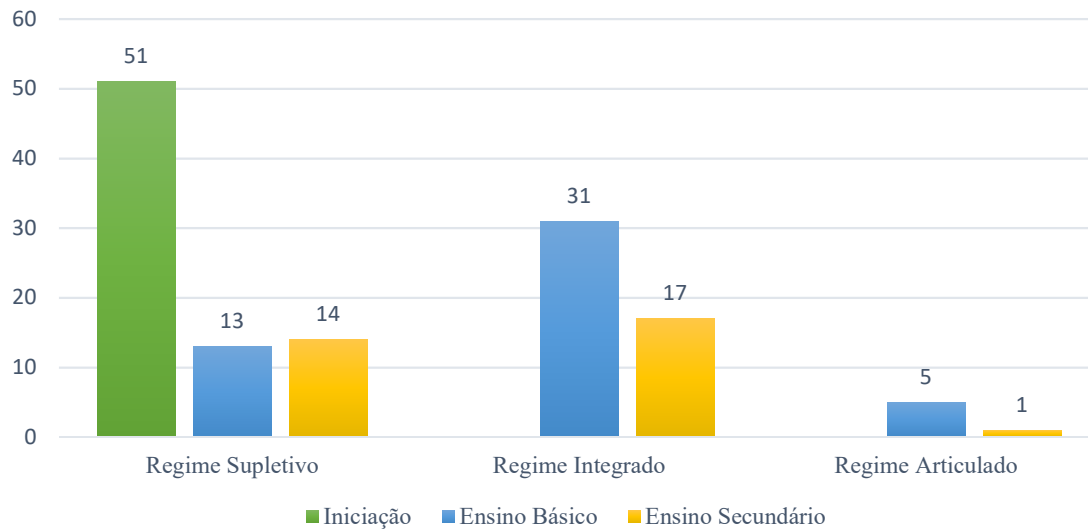


Gráfico 4 – Distribuição dos alunos de violino consoante os regimes em vigor, ano letivo de 2017/2018
Fonte: Secretaria da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional

No que concerne à classe de violino com que se trabalhou para a realização do presente Relatório, a classe da professora Anne Victorino d’Almeida consiste em 10 alunos dos quais 6 frequentam o Ensino Básico – 5 alunos em RI, 1 aluno em RS; e 4 frequentam o Ensino Secundário – 2 alunos em RS e 2 alunos em RI. Relativamente aos graus, reúnem-se: 1 aluno de 2º Grau, 2 alunos de 4º Grau, 3 alunos de 5º Grau, 2 alunos de 7º Grau, 1 aluno de 8º Grau e 1 aluno no 12º ano do Curso Profissional.

Associação de Pais e Encarregados de Educação da EAMCN (APEEEMCN)

A EAMCN dispõe da APEEEMCN desde 1991. No ano de 2007 foi igualmente constituída a Associação de Pais e Encarregados de Educação da EMCN – Pólo de Loures. Colabora regularmente com a Escola nos termos da lei, nos conselhos de turma e no conselho geral, desenvolvendo iniciativas próprias e apoiando diversas atividades organizadas por esta instituição. (Projeto educativo de escola, janeiro 2016)

1.5. Recursos físicos – Instalações e equipamentos

Na atualidade, a Sede da EAMCN, o edifício do Convento dos Caetanos, situado num dos bairros históricos e pitorescos de Lisboa, o Bairro Alto, dispões de três pisos disponíveis para o funcionamento das aulas e atividades da instituição. Estes incluem salas de aula, quatro salas para apresentações públicas, uma biblioteca, uma sala comum

de estudo e ainda salas-escritório destinadas ao corpo administrativo da EAMCN (direção, secretaria e serviços administrativos e sala de professores).

O conteúdo material didático, coletânea de partituras e recursos audiovisuais armazenados na biblioteca e instalação adjunta da Editora AVA, dedicada à divulgação e promoção da Música Portuguesa, proporciona um ambiente de estudo, investigação e consulta aos demais níveis de Educação, e confere à instituição um especial caráter e relevância no contexto e panorama do ensino da música em Portugal. Este espaço funciona, também, como um dos espaços para atividades e apresentações públicas da escola (concertos, conferências, *masterclasses*, entre outros eventos).

O Salão Nobre, espaço principal de apresentações públicas, anfitrião de concertos de vários artistas nacionais e internacionais recebidos na escola e outros diversos eventos, é um espaço icónico de reconhecido valor arquitetónico e artístico, possuindo uma acústica especialmente vocacionada para música de câmara, permitindo, como referido acima, uma utilização muito além do âmbito escolar. Nos dias que correm, existe uma grande polémica em torno da conservação deste reconhecido Salão Nobre, dadas as condições precárias em que se verifica a estrutura arquitetónica do espaço, inclusive o balcão estar suportado por estacas de metal com altos riscos de ruir, a antiguidade e deterioração da madeira dos diversos elementos estruturais do espaço (cadeiras, ornamentos, palco) devida à entrada de água pelas fissuras das paredes que, também lascam as tintas, afetando gravemente a saúde da comunidade, ambiente e clima educativos. A restante escola partilha das mesmas condições, sendo uma situação reconhecida, mas ignorada e arrastada por largos anos. “O encerramento de 10 salas de aula, a 16 de fevereiro (2015), por parte da Câmara Municipal de Lisboa, parece ter sido a gota de água para que alunos, pais, professores e membros da direção tenham ido para a rua exigir obras.” (Reportagem *in* Jornal “Observador” por Sara Otto, 27 de fevereiro de 2015).

Por via da sua oferta educativa, a EAMCN tem um vasto património ligado ao ensino da música (instrumentos, partituras), sendo também de destacar um valioso acervo noutros domínios, nomeadamente mobiliário e pintura. Dispõe ainda de instrumentos que podem ser facultados aos alunos. (Projeto educativo escolar, 2016/2017)

1.6. Avaliação

A avaliação do PEE é realizada anualmente, afere a aplicação e cumprimento do PEE e, simultaneamente, elabora relatórios internos que fundamentem as opções e decisões que venham a ser tomadas no futuro. Estas deverão ser pronta e adequadamente divulgadas junto da comunidade escolar, proporcionando uma atempada reflexão e discussão e eventual adoção de novas práticas e medidas no ano letivo seguinte àquele a que respeitam. Deverá ser mantida a divulgação pública dos resultados do Observatório dos anos anteriores, nomeadamente no site da EAMCN, por forma a que os resultados dos alunos estejam disponíveis em permanência.

São indicadores da avaliação da PEE:

- Questionários; Relatórios de atividade; Comparação com resultados externos (exames nacionais e provas de aferição do ensino integrado, e provas de acesso ao ensino superior especializado); Observatório EMCN; Inquérito/levantamento do percurso dos alunos após conclusão do curso na EMCN.

A avaliação do PEE é realizada pelos seguintes órgãos da escola:

- Conselho geral; Diretora; Conselho pedagógico; Equipa de avaliação interna.

2. Caracterização dos alunos

2.1 Enquadramento

No decorrer do ano letivo de 2017/2018, a mestranda acompanhou e interagiu na prática educativa com os alunos da classe de Violino da Professora Anne Victorino d'Almeida. A classe é constituída por dez alunos, seis raparigas e quatro rapazes, os quais se distribuem, dentro dos regimes da EAEM, da seguinte forma:

- Regime Integrado: 7 alunos (incluindo 1 aluno do Curso Profissional);
- Regime Articulado: não existem alunos integrantes deste regime na classe;
- Regime Supletivo: 3 alunos.

Dentro do RI cinco alunos frequentam o Ensino Básico: um aluno de 2º Grau, um de 4º Grau e três de 5º Grau; um aluno frequenta o Ensino Secundário no 7º Grau; um aluno frequenta o ano finalista (3º ano) do Curso Profissional.

No RS frequentam dois alunos: um no Ensino Básico, 4º Grau e outro aluno finalista do Ensino Secundário, ou seja, no 8º Grau.

Os dois alunos finalistas da Classe, a fim de completar o seu ciclo de estudos, tiveram de elaborar um trabalho de carácter investigativo com respetivo recital e apresentação. Em RS e RI este projeto denomina-se Prova de Aptidão Artística (PAA) e no caso do Curso Profissional designa-se PAP (Prova de Aptidão Profissional).

Na impossibilidade da prática educativa com o nível de Iniciação, devida à inexistência de alunos, a caracterização dos alunos apenas envolve os níveis educativos com os quais se estabeleceu contacto – Ensino Básico, Ensino Secundário e Curso Profissional. A unidade de observação utilizada é o indivíduo enquanto aluno, não havendo especificação do género dos alunos caracterizados, como critério de reforço da anonimização das observações.

De seguida, iniciar-se-á a caracterização individual dos alunos acima mencionados, com a seguinte estrutura: (1) tabela de características³⁶: carácter, aspetos fortes, aspetos fracos, evolução, apreciação do ambiente em sala de aula; (2) tabela do material didático³⁷ trabalhado ao longo do ano (1º, 2º e 3º períodos).

³⁶ Para fins de organização informativa, as tabelas de *características* organizam-se da seguinte forma: Tabela1*i* – Caracterização do Aluno *i* (*i* = A, B ..., J).

³⁷ Para fins de organização informativa as tabelas do material didático organizam-se da seguinte forma: Tabela2*i* - Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno *i* (*i* = A, B, ..., J).

2.2. Aluno A – 2º Grau RI

Caráter	11 anos, retrata-se geralmente tímido, de poucas palavras, mas muito atento a todas as orientações da professora e empenhado em conseguir concretizá-las. A frustração, fruto do insucesso em realizar as tarefas solicitadas em aula, era muito manifestada o que quebrava a aura tímida, mas sem nenhum episódio extremo. Em termos comportamentais, o aluno mostrou-se sempre respeitador e, apesar de por vezes expor alguma infantilidade na retenção de informação e execução, o esforço pelo empenho, atenção e retração postural e expressiva aquando uma aula menos bem-sucedida, demonstraram admiração pela professora e interesse pelas aulas.
Aspetos fortes	Da postura: o aluno coloca o instrumento corretamente, o que lhe permitiu mais facilidade no desenvolvimento técnico. Da técnica: o aluno demonstrou técnica de mão direita (arco) já sólida, dados os parâmetros do 2º Grau, com mobilidade ergonómica dos agentes ombro-cotovelo-pulso; na técnica de mão esquerda (digital), o aluno demonstrou uma boa noção de afinação, corrigindo rapidamente erros desta origem e mostrou compreensão e retenção da 3ª posição, harmónicos naturais e movimento inicial do vibrato com melhorias significativas durante o seu percurso.
Aspetos fracos	Da postura: o aluno ainda necessitou de ser chamado à atenção para manter uma postura ergonómica – colocação confortável dos pés (típico nas crianças) e manter o nível do instrumento de acordo com alinhamento da coluna e nivelamento dos ombros, resultando num encolhimento postural que dificultava algumas execuções técnicas e performativas. Da técnica: na técnica da mão direita o aluno teve uma tendência para juntar os dedos na pega do arco, o que reduzia a área abrangida e, conseqüentemente, menor controlo sob a extensão do mesmo. A predominância desta tendência tornou mais difícil o desenvolvimento e controlo de determinados golpes de arco; na técnica de mão esquerda a destreza e consolidação de memória muscular foram elementos mais rudimentares que exigiram um trabalho mais profundo. Da performance: pela tenra idade o aluno ainda detém muitas limitações performativas (expressividade, identidade musical, jogo de dinâmicas).
Evolução	No decorrer do ano letivo o aluno demonstrou consideráveis evoluções, nomeadamente na maturidade postural, no aperfeiçoamento técnico e na atitude performativa, com regressões ligeiras e pontuais de aulas menos bem-sucedidas. Na vertente da performance irrepetível, nas audições da classe, foi notável o progresso nas primeiras manifestações de identidade musical.
Apreciação do ambiente em sala de aula	A exigência e rigor nos métodos da professora transmitiram-se em motivação e empenho na prestação positiva do aluno ao longo do ano, construindo um ambiente de trabalho sério dedicado ao conhecimento da música, primando pela qualidade e excelência da aprendizagem. A constante presença e caráter excessivo de intervenção do E.E. nas aulas percutia na aluna alguma falta de autonomia de organização e pensamento autocrítico o que amplificava a infantilidade acima referida.

Tabela 1A – Caracterização do Aluno A (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno A	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos (RéM e Rém): 2 oitavas, arpejos com inversões Estudo nº 17 – F. Wolfhart Estudo nº 21 – F. Wolfhart Elfantanz – E. Jekinson
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos (RéM e Rém): 2 oitavas, arpejos com inversões Estudo nº 17 – F. Wolfhart Estudo nº 18 – F. Wolfhart The Infant Paganini – E. Mollenhauer Concerto em LáM RV 356 Op. 3 No. 6 (1º andamento) – A. Vivaldi
3º Período 09/04 – 16/06/2018	The Infant Paganini – E. Mollenhauer Concerto em LáM RV 356 Op. 3 No. 6 (1º andamento) – A. Vivaldi Nº1 - The School of Violin Technics – H. Schradieck Concertino para Violino no Estilo Húngaro Op. 21 – O. Rieding

Tabela 2A – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno A (Fonte: elaboração da autora)

2.3. Aluno B – 4º Grau RI

Caráter	14 anos, é dotado de aptidões musicais para o nível que o 4º Grau exige e é intelectualmente regular. É diagnosticado com Síndrome de Asperger ³⁸ pelo que revelou um padrão comportamental especial e requer, dos demais elementos socio interativos, uma abordagem e método comunicativo ligeiramente diferente do habitual com outros alunos; no entanto, encontra-se inserido regularmente no Regime Integrado. Destaca-se alguma dificuldade no relacionamento social, na empatia e autorregulação emocional (apatia). O aluno estabelece pouco contacto visual e verbal. Apesar da interferência comunicativa, o aluno demonstra-se atento e empenhado em cumprir os objetivos que lhe são apresentados em cada aula e a ultrapassá-los, na sua maioria, com sucesso e qualidade. Existe alguma sensibilidade acrescida face a ações assertivas da professora em eventos de persistência de erros e inconsistências no decorrer das aulas, mas sem nenhum episódio extremo. Desta forma o aluno demonstrou sempre respeito e interesse pelas aulas.
Aspetos fortes	Da postura: Durante a maior parte do tempo, o aluno mantém uma postura e colocação do instrumento corretos. Da técnica: Técnica sólida, apesar de alguma rigidez; vibrato e som bonitos. Da performance: Manifestações de criatividade expressiva e musical consoante uma identidade musical construída com o auxílio e aconselhamento interpretativo da professora.
Aspetos fracos	Da postura: pela sua estatura bastante alta, o aluno por vezes expõe alguma dificuldade em restringir o movimento dos membros superiores pois o violino é um instrumento pequeno, e em manter a colocação do violino proporcional ao alinhamento da coluna e ombros. O aluno, face a estes erros, corrige-se, primeiro, através de chamadas de atenção e, eventualmente, apercebe-se por consciência própria. Da técnica: Problema de oscilação de afinação especialmente quando o repertório ainda não está seguro ou quando o aluno deixa de estudar determinado material assiduamente. Na técnica de mão esquerda, o aluno tem alguns constrangimentos nas noções espaciais digitais a partir da 4ª posição. Da performance: Dada a apatia geral do aluno, sem a monitorização assídua da professora, este aspeto transfere-se para a atitude performativa.
Evolução	O aluno, no decorrer do ano letivo, teve importantes conquistas, principalmente em contexto performativo, expressivo e interpretativo. Existiram algumas regressões por falta de estudo que vieram a ser, porém, sempre compensadas e recuperadas.

³⁸ Definição: Perturbação enquadrada no espectro do autismo. É uma condição neuro comportamental de base genética. Pode ser definida como uma perturbação do desenvolvimento que se manifesta por alterações sobretudo na interação social, na comunicação e no comportamento. Embora seja uma disfunção com origem num funcionamento cerebral particular, não existe marcador biológico, pelo que o diagnóstico se baseia num conjunto de critérios comportamentais. (Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger – O que é? www.apsa.org.pt)

Apreciação do ambiente em sala de aula	Mesmo com as limitações sociais e empáticas do aluno, a exigência e rigor nos métodos da professora transmitiram-se em motivação e empenho na prestação e evolução positiva ao longo do ano construindo um ambiente de trabalho sério dedicado ao conhecimento da música, primando pela qualidade e excelência da aprendizagem.
---	---

Tabela 1B – Caracterização do Aluno B (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno B	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos DóM/Dóm: 3/4 oitavas, arpejos c/ inversões Estudo nº 21 – J. F. Mazas Estudo nº 16 – J. F. Mazas Prelúdio e Allegro no estilo de Pugnani – Fitz Kreisler
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos (RéM/Rém): 3 oitavas e arpejos c/ inversões Estudo nº 14 – J. F. Mazas Estudo nº 8 – R. Kreutzer Concerto para violino nº 23 em Sol M G98 (1º andamento) – G. Viotti
3º Período 09/04 – 16/06/2018	Concerto em Lá menor, BWV 1041 (1º e 2º andamentos) – J. S. Bach

Tabela 2B – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno B (Fonte: elaboração da autora)

2.4. Aluno C – 4º Grau RS

<p>Caráter</p>	<p>14 anos, repete do 4º Grau, apesar de frequentar uma das escolas pioneiras do ensino da música em Portugal e integrar uma classe em que a qualidade média dos alunos é entre o Bom e o Muito Bom, fica num nível significativamente inferior em relação aos restantes colegas, no que toca ao violino. O aluno caracteriza-se nervoso e inseguro, o que se reflete sistematicamente na execução do instrumento. Não mostrou muito empenho nem interesse observável em cumprir os objetivos apresentados nas aulas, pelo que o número de aulas menos bem-sucedidas foi elevado. Relativamente ao comportamento, apesar do seu insucesso académico na disciplina de Violino, o aluno sempre se mostrou respeitador e ciente da sua prestação mais fraca. A ansiedade que o aluno manifestava com regularidade resultava em algumas reações emocionais mais fortes, mas passageiras em algumas aulas e numa das audições da classe.</p>
<p>Aspetos fortes</p>	<p>Da postura: O aluno revelou uma postura e colocação do instrumento consolidados com raras chamadas de atenção devido ao pontual encolhimento dos ombros na sequência de um momento mais tenso durante a aula.</p> <p>Da performance: Apesar das adversidades que poderiam afetar a execução, houve sempre muita perseverança do aluno em concretizar todas as atividades escolares (provas e audições).</p>
<p>Aspetos fracos</p>	<p>Da técnica: fraca consolidação técnica para os critérios que o 4º Grau exige. Som sujo e imaturo, dificuldade no vibrato.</p> <p>Método de estudo: sistemática alegação de realização de estudo sem resultados notórios no decorrer das aulas. Isto revela imaturidade no espírito de autocrítica e falta de noção metódica no alcance dos objetivos para a disciplina de violino.</p> <p>Da performance: apesar dos esforços observados, motivados por momentos fulcrais de avaliação ou apresentação pública, o aluno não demonstrou progressos satisfatórios em contexto de performance artística durante todo o período letivo.</p>
<p>Evolução</p>	<p>O aluno teve uma fraca prestação ao longo do ano, com um progresso tímido e até insuficiente na vertente técnica do instrumento, dado o registo de reprovação da penúltima prova técnica do período letivo. É possível, dadas diversas variáveis no caráter e percurso académico, que o aluno não dê continuidade aos seus estudos artísticos na EAMCN.</p>
<p>Apreciação do ambiente em sala de aula</p>	<p>Tendo em conta o perfil contrastante do aluno relativamente aos outros colegas, a dinâmica das aulas era geralmente mais tensa e rígida. A professora, face à fraqueza dos resultados, abordava o aluno com mais assertividade e, perante persistência dos erros e estudo inconsistente, alternava entre discursos motivacionais e diminuição da tolerância face à falta de qualidade na apresentação dos conteúdos para a aula.</p>

Tabela 1C – Caracterização do Aluno C (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno C	
1º Período 21/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos (MiM/Mim): 3 oitavas, 3as, 6as, 8as, arpejos c/ inversões Estudo nº 2 – R. Kreutzer Estudo nº 4 – J. F. Mazas Concerto para Estudantes nº3 Op. 12 (1º andamento) – Friedrich Seitz
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos (MibM/Solm): 3 oitavas, 3as, 6as, 8as, arpejos c/ inversões Estudo nº 16 – J. F. Mazas Estudo nº 14 – R. Kreutzer Concerto para Estudantes nº3 Op. 12 (1/3º andamentos) – Friedrich Seitz
3º Período 09/04 – 16/06/2018	Estudo nº 8 – R. Kreutzer Estudo nº 13 – R. Kreutzer Polish Dance Op. 82 – E. Severn

Tabela 2C – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno C (Fonte: elaboração da autora)

2.5. Aluno D – 5º Grau RI

<p>Caráter</p>	<p>14 anos, começou o seu percurso em Violino numa escola de pequena dimensão, o que justifica alguma rigidez e insegurança, nomeadamente sobre o conhecimento musical e alguns aspetos técnicos. No entanto, dado o seu caráter muito trabalhador, focado e pragmático, o aluno detém de um nível bastante bom face aos parâmetros exigidos do 5º Grau. A maior qualidade do aluno é o seu apurado e assíduo método de estudo, cumprindo, na grande maioria das aulas, todos os objetivos e metas que a professora lhe propôs. Esta etapa do percurso do aluno foi marcante no progresso técnico e performativo do instrumento, observando-se consideráveis evoluções na maturidade musical e interpretativa do mesmo. É um aluno que sempre se mostrou muito sério e atento aos ensinamentos da professora, demonstrando um interesse prioritário às aulas de violino, alegando em vários momentos que o Violino é a sua paixão e frisando que, por enquanto, não se identifica com mais nenhum futuro rumo profissional.</p>
<p>Aspetos fortes</p>	<p>Método de estudo: Detém de um ótimo método de estudo, ultrapassando rapidamente o surgimento de obstáculos; consolidou de forma sólida novos conceitos e conteúdos no Violino; eficaz correção de erros técnicos apontados em aula.</p> <p>Da técnica: Apesar de alguma rigidez cinética, o aluno possui bons critérios anatómicos que facilitam o desenvolvimento de uma boa técnica de mão esquerda, permitindo uma boa afinação, e, dado o esforço observável na qualidade de consciência motora e cognitiva, o aluno possui e desenvolve uma técnica metódica de mão direita.</p> <p>Da performance: Observação de persistência em ultrapassar os limites que a maturidade, dada a idade e tipo de percurso, estabelece, apresentando considerável desenvolvimento, principalmente em contexto de apresentação pública (recital, audição). Assim, foram observadas manifestações criativas na expressão musical que incentivaram os primeiros passos da identidade musical.</p>
<p>Aspetos fracos</p>	<p>Da técnica: a rigidez cinética do aluno implicou alguns momentos de regressão na técnica de mão direita, manifestando-se no bloqueio das articulações (ombro, cotovelo ou pulso), principalmente em repertório de caráter delicado ou golpes de arco mais minuciosos.</p> <p>Da performance: Apesar dos seus esforços, o aluno, na dimensão da ansiedade e do nervosismo, cometeu ainda alguns erros redundantes em momentos supostamente mais confortáveis no desempenho técnico e performativo.</p> <p>Extensão do conhecimento musical: o aluno, comparativamente aos colegas do mesmo grau, considera-se ainda pouco desenvolvido na riqueza interpretativa das demais épocas em que o repertório que estudou se insere. Assim, a vertente estilística e expressiva, foi a que demorou mais tempo a tornar-se satisfatória dentro dos critérios do 5º Grau.</p>
<p>Evolução</p>	<p>O aluno, em toda a extensão do período letivo, manteve uma rotina de estudo pragmática e regular o que potenciou bons resultados e uma clara subida de escalão enquanto estudante intérprete do Violino.</p>

Apreciação do ambiente em sala de aula	Dado o caráter e qualidade do trabalho do aluno, a exigência e rigor nos métodos da professora transmitiram-se em motivação e empenho na prestação e evolução positiva, construindo um ambiente de trabalho sério dedicado ao conhecimento da música, primando pela qualidade e excelência da aprendizagem.
---	---

Tabela 1D – Caracterização do aluno D (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno D	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos (DóM e Dóm): 3 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as arpejos c/ inversões Estudo nº 4 – O. Sevcik Estudo nº 16 – F. Fiorillo 1º Solo em Ré M (Obra: Seis Solos fáceis Op.41) – H. Léonard
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos (DóM/Dóm): 3 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos c/ inversões Estudo nº 30 – F. Fiorillo Concerto para Violino nº 9 Op. 104 – C. Bériot (1º andamento) Romanza em Fá Maior Op.50 – L. V. Beethoven
3º Período 09/04 – 06/06/2018	Escalas e Arpejos (SolM/Solm): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos c/ inversões Estudo nº 23 – J. F. Mazas Estudo nº 25 – J. F. Mazas Concerto para Violino nº 9 Op. 104 – C. Bériot (1º andamento) Romanza em Fá Maior Op.50 – L. V. Beethoven Chaconne – A. Vitali (Leitura)

Tabela 2D – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno D (Fonte: elaboração da autora)

2.6. Aluno E – 5º Grau RI

Caráter	14 anos, é dotado de capacidades e aptidões musicais extraordinárias para a sua faixa etária e critérios que o 5º Grau exige. O aluno destaca-se de todos os outros colegas independentemente do grau, adequando-se a aulas de exigência superior e repertório com calibre técnico e interpretativo mais complexo. O aluno, sendo um caso fora de série, bastante além do expectável do universo intermédio, conta já com vários prêmios em concursos nacionais e internacionais em Violino. O aluno está ciente das suas capacidades, no entanto, mostra humildade, querendo sempre progredir e procurar resultados ainda melhores e desafios que contribuam para a sua evolução enquanto aluno e intérprete, mostrando um vasto interesse nas aulas e potencial desenvolvimento de um excelente futuro exercício profissional.
Aspetos fortes	O aluno domina a um nível Excelente, todos os parâmetros técnicos e performativos exigidos num 5º Grau. Da postura e técnica: excelência na consolidação das técnicas de ambas as mãos e postura. Destaque no domínio de um golpe de arco, considerado dos mais difíceis no leque técnico do Violino – arcada original do Capricho nº 5 de N. Paganini. Virtuosismo é a zona confortável do aluno.
Aspetos fracos	Elevando os parâmetros às aptidões do aluno, o elemento com mais insistência e necessidade de melhoria, apontado pela professora, foi o desenvolvimento da identidade musical que se equipare às capacidades técnicas observadas. Repertório delicado, <i>molto espressivo</i> , <i>cantabile</i> e congêneres é uma fraqueza ainda detetada pela dependência deste género pela “biblioteca” emocional, sentimental e vivencial da pessoa, que é abstrato. A partilha de saberes e experiências profissionais e pessoais mostraram-se estimulantes na evolução do aluno neste aspeto.
Evolução	O aluno, por si, já expõe um nível de excelência, no entanto, há sempre por onde progredir e, neste caso, dada a sua perseverança, rigor e constante renovação de expectativas, tanto do aluno como da professora, o aluno demonstrou progresso e evolução no seu percurso, principalmente no enriquecimento interpretativo e exploração do repertório violinístico. Destaca-se uma ligeira regressão, com posterior recuperação após intervenção pedagógica, na prática interpretativa onde o aluno denotou uma execução desleixada, perdendo brio e polimento face à performance.
Apreciação do ambiente em sala de aula	Dado o contexto de um aluno que excede as expectativas médias do Ensino Básico e, em alguns aspetos, até do Ensino Secundário, as aulas deste aluno são amplificadas na medida da exigência pelo rigor e excelência. A professora, adequa com efetividade os seus métodos e abordagens pedagógicas de forma a conseguir obter resultados brilhantes do aluno, mantendo e monitorizando, porém, o ambiente confortável e humilde necessário ao desenvolvimento de um aluno desta qualidade.

Tabela 1E – Caracterização do Aluno E (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno E	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos Lám/Lám: 3/4 oitavas, 3as, 6as, 8as, 10as, arpejos com inversões Capricho nº 5 – Niccolò Paganini Capricho nº 15 – Pierre Gaviniés Concerto para Violino nº 3 Op. 61 – C. Saint- Saëns (1º andamento)
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Capricho nº 5 – N. Paganini Capricho nº 15 – P. Gaviniés Concerto para Violino nº 3 Op. 61 – C. Saint- Saëns (1º andamento) Zigeunerweisen Op.20 – Pablo de Sarasate Excertos de Orquestra – no âmbito de preparação para as provas do estágio de Orquestra OJ.COM
3º Período 09/04 – 06/06/2018	Concerto para Violino nº 3 Op. 61 – C. Saint- Saëns (1º andamento) Fantasia sobre um tema de Schumann – Anne Victorino d’Almeida Concerto para Violino nº 2 Op. 22 – Henri Wieniawski (leitura do 1º andamento)

Tabela 2E – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno E (Fonte: elaboração da autora)

2.7. Aluno F – 5º Grau RI

<p>Caráter</p>	<p>14 anos, o aluno é dotado de considerável potencial nas suas capacidades e aptidões musicais. No entanto, carece de disciplina num regime regular de estudo e não demonstrou, durante grande parte do ano letivo, interesse nas aulas. Consequentemente, foram frequentes falhas sucessivas na apresentação satisfatória de resultados em aula, no âmbito dos objetivos e metas traçados pela professora. Foi registada alguma instabilidade e sensibilidade emocionais no aluno, pela linguagem corporal, frequentemente retraída, e um número relevante de episódios de perda de compostura face a repreensões no contexto de aulas menos bem-sucedidas. É relevante mencionar que nenhum destes momentos foi extremo, apenas foram recorrentes. Numa fase mais tardia do período letivo, o aluno mostrou-se mais recuperado, controlado, sério e interessado face ao seu trabalho e às aulas na disciplina de violino, começando, rapidamente, a apresentar resultados e a evoluir consideravelmente em todos os aspetos, mas com maior destaque nas qualidades expressiva e criativa da performance.</p>
<p>Aspetos fortes</p>	<p>Da técnica: No geral, o aluno acabou por conseguir sempre corresponder aos critérios técnicos que o 5º grau exige, dada a avaliação das provas técnicas e recital durante o ano. Sublinha-se a qualidade de som mesmo com um instrumento de baixa qualidade, e um vibrato consistente e bonito.</p> <p>Da performance: Facilidade na elaboração criativa de texturas na interpretação e estilisticamente pertinentes dentro do repertório estudado. O aluno mostrava-se compenetrado em transmitir as sensações interpretadas do repertório, exprimindo-se com sucesso, revelando bom gosto e criando traços da sua identidade musical.</p>
<p>Aspetos fracos</p>	<p>Da postura: Falta de ergonomia no alinhamento da coluna com os ombros. O aluno, em momentos de maior enfoque no instrumento, ou na interpretação em passagens mais complexas ou intensas, respetivamente, comprometia parcialmente a relação entre a colocação do instrumento e postura corporal, ao deslocar a bacia demasiado para a frente, o que levava, consequentemente, ao encolhimento dos ombros. Por vezes, afetava a execução da mão esquerda nas posições mais altas.</p> <p>Da técnica: Fragilidades na técnica de mão esquerda, com destaque para a articulação do dedo mindinho. Episódios de desafinação sem solução regular entre aulas, dependia da qualidade do estudo que foi, muitas vezes, inconstante. Na mão direita, o aluno mostrava controlo, no entanto com fraca consolidação em golpes de arco mais complexo. Da performance: Alguma dificuldade no domínio da ansiedade e nervosismo, em contexto de audição, resultando no acréscimo de erros nas passagens inseguras e erros redundantes em zonas seguras da performance.</p>
<p>Evolução</p>	<p>Na reta final do período letivo, paralelamente à evolução do aluno aquando melhoria do comportamento para com a disciplina do violino, observou-se melhoria na generalidade das fraquezas detetadas e persistentes no restante ano letivo. Assim sendo, o aluno apesar de um percurso inconstante, mostrou bons resultados e aquisição de importantes ferramentas performativas.</p>

Apreciação do ambiente em sala de aula	A inconsistência da apresentação de resultados perante os objetivos e metas exigidos com rigor e qualidade pela professora fez com que o ambiente em sala de aula fosse, num número considerável de aulas, de alguma tensão. No entanto, nas aulas bem sucedidas, o ambiente era confortável, onde a exigência e rigor nos métodos da professora transmitiram-se em motivação e empenho na prestação e evolução positiva, construindo um ambiente de trabalho sério e dedicado ao conhecimento da música, primando pela qualidade e excelência da aprendizagem.
---	---

Tabela 1F – Caracterização do Aluno F (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno F	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos (Sol M/Solm): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões Estudos nº 21 e 25 – J. F. Mazas II. Double – Partita para Violino nº 1 em Si menor BWV 1002 – J. S. Bach Concerto para Violino nº1 Op. 26 – Max Bruch (1º andamento)
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos (Sol M/Solm): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões Estudo nº 8 – F. Fiorillo Estudo nº 14 – J. F. Mazas Concerto para Violino nº 13 em Ré Maior – Rodolphe Kreutzer III. Mélodie – Souvenir d’un lieu cher – Pyotr Tchaikovsky
3º Período 09/04 – 06/06/2018	Escalas e Arpejos (Sol M/Solm): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões Concerto para Violino nº 13 em Ré Maior – Rodolphe Kreutzer III. Mélodie – Souvenir d’un lieu cher – Pyotr Tchaikovsky

Tabela 2F – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno F

2.8. Aluno G – 7º Grau RI

<p>Caráter</p>	<p>16 anos, o aluno é extremamente organizado e pragmático no método de estudo, regular e assíduo ao longo do ano letivo. Estes dois traços também se transferem na execução do instrumento, sendo todos os elementos da performance – a postura, trabalho técnico do repertório e interpretação – pensados e trabalhados minuciosamente. Assim, a evolução na quantidade e qualidade do trabalho deste aluno destacam-se entre a classe, admitindo a própria professora como o ano mais produtivo e útil na aquisição de ferramentas e conquistas artísticas e performativas no percurso do aluno até à data. O interesse, reconhecimento e admiração pela professora são verificáveis pelo empenho, atenção e, finalmente, satisfação do aluno em absorver e, conseqüentemente, pôr em prática toda a informação útil ao seu progresso e evolução.</p>
<p>Aspetos fortes</p>	<p>Método de estudo: O pragmatismo e veiculação da utilidade da teoria na prática de estudo do aluno destacam-se na qualidade do <i>ratio</i> entre o tempo e aproveitamento do aluno, em resultados. Com isto, o aluno resolveu problemas técnicos que surgissem rapidamente, e com eficácia. Observou-se também um fenómeno de arrumação de ideias estilísticas, expressivas e interpretativas do repertório estudado mais rápido que qualquer outro colega na classe.</p> <p>Da técnica: Solidez nas bases técnicas. Tendo em conta a estatura física pequena do aluno, é relevante sublinhar o ajuste e solucionamento de obstáculos com relativa facilidade nas vertentes técnicas mais complexas de ambas as mãos, permitindo-lhe, assim, desenvolver notáveis progressos e considerável subida de nível performativo enquanto intérprete.</p>
<p>Aspetos fracos</p>	<p>Por vezes, o aluno demonstrava alguma inflexibilidade de pensamento face a sugestões pedagógicas da professora, o que atrasava alguns processos de aprendizagem, nomeadamente direções estilísticas sobre o repertório ou correções técnicas mais minuciosas que pudessem ser mais desconfortáveis de resolver dada a necessidade de reeducar o corpo.</p> <p>Breves períodos de estagnação, comparativamente com o ritmo habitual do aluno, onde, conseqüentemente, se observavam alguns momentos passageiros de desmotivação.</p> <p>Da performance: Reação algo desproporcional posterior a pequenos erros resultantes da pressão em contexto de audição. Insegurança severa, relatada pelo aluno, em relação a possíveis falhas de memória. Esta insegurança apenas se manifestou por duas vezes, em episódios menores, das quais o aluno recuperou sem indício traumático observável.</p>
<p>Evolução</p>	<p>O aluno demonstrou incríveis progressos e conquistas marcantes na exploração de repertório violinístico e manifestação de traços importantes da identidade musical.</p>

**Apreciação do ambiente
em sala de aula**

A exigência e rigor nos métodos da professora transmitiram-se em motivação e empenho na prestação e evolução positiva, construindo um ambiente de trabalho sério dedicado ao conhecimento da música, primando pela qualidade e excelência da aprendizagem.

Tabela 1G – Caracterização do Aluno G (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno G	
<p>1º Período 13/09/2017 – 16/12</p>	<p>Escalas e Arpejos SibM/Sibm: 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões</p> <p>Estudo nº 4 – P. Rode</p> <p>Scherzo tarantelle Op. 16 – H. Wieniawski</p> <p>I. Prelúdio - Partita para violino solo nº3 BWV 1006 – J. S. Bach</p> <p>Prelude Obsession – Sonata para violino solo nº2– Eugène Ysaÿe</p> <p>Concerto para Violino nº 4 em RéM K. 218 – W. A. Mozart (1º andamento)</p>
<p>2º Período 03/01/2018 – 24/03</p>	<p>Escalas e Arpejos DóM/Dóm: 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões</p> <p>Estudo nº 7 – P. Rode</p> <p>Scherzo tarantelle Op. 16 – H. Wieniawski</p> <p>Prelude Obsession – Sonata para violino solo nº2– Eugène Ysaÿe</p> <p>Concerto para Violino nº 4 em RéM K. 218 – W. A. Mozart (1º andamento)</p> <p>Concerto para Violino em Mi menor Op. 64 – Felix Mendelssohn (1º andamento)</p> <p>Excertos de Orquestra – no âmbito de preparação para as provas do estágio de Orquestra OJ</p>
<p>3º Período 09/04 – 16/06/2018</p>	<p>Estudo nº 42 – R. Kreutzer</p> <p>Concerto para Violino em Mi menor Op. 64 – Felix Mendelssohn (1º andamento)</p> <p>Chorinho nº 1 – Eurico Carrapatoso</p>

Tabela 2G – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno G (Fonte: elaboração da autora)

2.9. Aluno H - 7º Grau RS

<p>Caráter</p>	<p>17 anos, o aluno, apesar de estudar em contexto da escolaridade obrigatória noutra área, demonstrou um percurso interessante na disciplina de violino durante o período letivo. Desde que se retirou do Regime Integrado, a professora relatou que o aluno iniciou uma rotina de estudo mais regular e descontraída, apresentado mais resultados e progressos no Violino do que os anos antecedentes no seu percurso. No entanto, o aluno ainda pondera a hipótese de uma continuar estudos superiores no ramo da música, principalmente depois dos resultados obtidos durante o presente ano letivo. É um aluno em que se observou uma notável evolução artística ao longo do ano. Comparando entre o início e o fim do período letivo, o aluno claramente estabeleceu importantes traços de identidade pessoais e académicos. A novidade do repertório mais desafiante na qualidade tanto técnica como interpretativa tiveram repercussões incríveis na manifestação da sua personalidade em comunhão com a música.</p>
<p>Aspetos fortes</p>	<p>Da técnica: é o aluno da classe do Ensino Secundário com a estatura física mais pequena, pelo que, facilmente, se deparou com obstáculos técnicos que foi superando com uma boa capacidade de ajuste e método de estudo. Assim, correspondeu aos critérios exigidos no 7º Grau nas provas de avaliação técnica e recital. Qualidade de som bonito apesar da qualidade inferior do instrumento com que trabalha.</p> <p>Da performance: Boa presença e atitude, o que permitiu, em vários momentos, uma sólida transmissão de sensações, texturas e intenções musicais exibindo nuances de traços da identidade musical.</p>
<p>Aspetos fracos</p>	<p>Da postura e colocação do instrumento: Encolhimento dos ombros recorrente, principalmente na sequência de passagens mais inseguras, o que dificultava liberdade da articulação da mão esquerda nas posições mais altas.</p> <p>Da técnica: Estudo por vezes insuficiente e, portanto, pouco efetivo na apresentação de resultados, o que dificultou algumas correções técnicas, desestabilizou a precisão da afinação e consolidação de conteúdos propostos em aula.</p>
<p>Evolução</p>	<p>O aluno, apesar de algumas inconsistências num número reduzido de aulas, correspondeu com sucesso aos critérios que o 7º grau exige e atingiu importantes metas na evolução da identidade e expressividade musical e exploração de repertório mais exigente na qualidade técnica e interpretativa do Violino.</p>
<p>Apreciação do ambiente em sala de aula</p>	<p>A exigência e rigor nos métodos da professora transmitiram-se em motivação e empenho na prestação e evolução positiva, construindo um ambiente de trabalho sério dedicado ao conhecimento da música, primando pela qualidade e excelência da aprendizagem, motivando o aluno a ultrapassar os seus obstáculos e a reduzir progressivamente as inconsistências na sua rotina de estudo e erros na performance.</p>

Tabela 1H – Caracterização do Aluno H (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno H	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos (LáM e LáM): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões Estudo nº 28 – F. Fiorillo Estudo Capricho nº 5 – J. Dont Symphonie espagnole Op.21 – Édouard Lalo
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos (LáM e LáM): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões Estudos Capricho – nº1 e nº 4 – J. Dont Sinfonia Espanhola Op.21 – Édouard Lalo Prelude Obsession – Sonata para violino solo nº2– Eugène Ysaÿe Excertos de Orquestra – no âmbito de preparação para as provas do estágio de Orquestra OJ
3º Período 09/04 – 16/06/2018	Sonata para violino solo nº2 Prelude Obsession – Eugène Ysaÿe Légende Op. 17- H. Wieniawski

Tabela 2H – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno H (Fonte: elaboração da autora)

2.10. Aluno I – 8º Grau RS

<p>Caráter</p>	<p>17 anos, o aluno, apesar de estudar em contexto da escolaridade obrigatória noutra área, caracteriza-se como sério e honesto no trabalho que realiza, traços de uma educação permanentemente exposta a um seio familiar integrante de músicos profissionais. As aptidões musicais deste aluno não se destacam como muito promissoras, mas a consideração, atenção e interesse pela música e pelo Violino tornam o percurso do aluno satisfatório face ao cumprimento dos critérios que o 8º Grau no Regime Supletivo exige. O aluno é, também, limitado no tempo que dedica ao estudo do instrumento, sendo que prioriza a outra área de escolaridade e, portanto, as exigências, objetivos e metas que a professora propôs e desenvolveu são proporcionalmente adequadas e acessíveis, dentro do grau de rigor e exigência que a instituição e a própria consideram plausíveis e pertinentes no 8º Grau.</p>
<p>Aspetos fortes</p>	<p>Método de estudo: Para aluno integrante do RS, teve de ritmo de estudo suficiente para satisfazer cumprimento dos critérios e objetivos previstos. O aluno reagiu sempre com um aumento de rendimento nos resultados na sequência de insatisfação manifestada pela professora em aulas menos bem-sucedidas.</p> <p>Da postura e técnica: Apesar de, visualmente, o aluno demonstrar uma postura e execução técnica peculiares, a qualidade do som era especialmente bela, o vibrato controlado, com pontuais irregularidades e, mesmo nas técnicas mais complexas em ambas as mãos, com destaque em cordas dobradas e golpes de arco <i>stacatto</i> e <i>spicatto</i>, o aluno conseguiu sempre ajustar-se e melhorar qualitativamente no confronto dos seus obstáculos.</p> <p>Da performance: Destaca-se a postura e atitude “com garra” que o aluno demonstrava, tanto em aula como em contexto de audição, o que amplificava o seu caráter sério e trabalhador, mesmo com as suas limitações e inseguranças técnicas e performativas.</p>
<p>Aspetos fracos</p>	<p>Apesar da seriedade e honestidade com que o aluno se apresentava nas aulas, provas e apresentações públicas, a inconsistência geral na consolidação dos vários aspetos técnicos e performativos continuou observável, sendo impossível na extensão do período letivo a atribuição do que já é considerado Bom segundo os critérios exigidos no 8º Grau.</p> <p>Da performance: Alguma dificuldade no domínio da ansiedade e nervosismo em contexto de audição resultando no acréscimo de erros nas passagens de maior risco e erros redundantes em zonas seguras da performance.</p>
<p>Evolução</p>	<p>O aluno concluiu o ciclo do Ensino Secundário de modo satisfatório, ultimamente divergindo da música e da interpretação em Violino no seguimento do seu percurso académico para o nível Superior, mas segue caminho beneficiando de uma educação artística especializada que grande maioria dos alunos em Portugal não tem o privilégio de experienciar.</p>

Apreciação do ambiente em sala de aula	Tendo em conta as motivações académicas por parte do aluno no prosseguimento de estudos para o Ensino Superior, divergentes da música e do Violino, a exigência e rigor nos métodos da professora mantiveram-se, mas transmitiram-se numa abordagem menos intensa. O aluno demonstrou motivação e empenho na sua prestação e evolução que, ultimamente, foram positivas, construindo um ambiente de trabalho sério, dedicado ao conhecimento da música e garantindo qualidade na aprendizagem.
---	--

Tabela 1I – Caracterização do Aluno I (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno I	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos SolM/Solm: 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões Estudo nº 35 – F. Fiorillo Concerto para Violino nº1 Op. 26 – Max Bruch (1º andamento)
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos LáM/Lám: 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, 10as, arpejos com inversões Estudo nº 31 – R. Kreutzer Légende Op. 17- H. Wieniawski
3º Período 09/04 – 06/06/2018	Légende Op. 17- H. Wieniawski IV. Presto – Sonata para violino solo nº 1 em Sol menor BWV 1001 – J. S. Bach Concerto para Violino nº1 Op. 26 – Max Bruch (1º andamento) Espelho da alma, Trio para clarinete, violino e piano – Eurico Carrapatoso PAA: Entre os Grandes

Tabela 2I – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno I (Fonte: elaboração da autora)

2.11. Aluno J - 3º Ano Curso Profissional

<p>Caráter</p>	<p>18 anos, o aluno teve um percurso antecedente atribulado no que toca ao ensino artístico especializado, tendo o mesmo chegado a desistir da música durante um determinado período de tempo. Reingressou no regime do Curso Profissional (integrado), sendo que se verifica aspiração em prosseguir estudos no Ensino Superior na vertente musical Instrumental e existe urgência na resolução das complicações que surgiram com uma má gestão de tempo no nível de ensino anterior. Com isto, o aluno caracteriza-se como estando altamente motivado e interessado em evoluir no melhor das suas capacidades e aptidões que, ultimamente, se mostraram promissoras e bem aproveitadas na disciplina de Violino. O potencial observável, enquanto intérprete, tornado realidade através do intenso estudo e dedicação ao Violino num passo regular e positivamente evolutivo, culminou numa ótima prestação e aquisição de qualidades técnicas e performativas.</p>
<p>Aspetos fortes</p>	<p>O aluno, apesar de ciente das suas fraquezas, mostrou determinação e resiliência em enfrentar os seus obstáculos, evitando estagnação técnica, interpretativa ou performativa. Completou com sucesso todas as audições, provas, apresentações públicas e finalmente, a PAP, que integram os requisitos para conclusão do Curso Profissional em Violino.</p> <p>Da técnica: Evolução estável e positiva da mão esquerda, com destaque na articulação em peças e passagens virtuosas e inteligência interpretativa na música mais expressiva.</p> <p>Da performance: Principalmente na reta final do período letivo, observação de manifestações sólidas da identidade musical, transmissão de sensações e texturas em conformidade com a dimensão estilística do repertório.</p>
<p>Aspetos fracos</p>	<p>Da postura: Alguma retração postural (encolhimento dos ombros) na sequência de passagens inseguras ou de maior dificuldade.</p> <p>Da técnica: Articulações da mão direita rígidas e, na prática de golpes de arco mais complexos, até bloqueadas e, portanto, impeditivas de um controlo sólido, resultando num som com pior qualidade e gestão mais rudimentar e falível dos restantes elementos técnicos.</p> <p>Da performance: Ativação de um mecanismo de defesa que corta a fluidez da expressividade na interpretação musical em contexto de audição ou aula com acompanhamento em piano.</p>
<p>Evolução</p>	<p>O esforço e dedicação, numa rotina de estudo regular e apresentação de resultados positivos assídua, consoante as metas e objetivos exigidos, culminaram no ingresso ao Ensino Superior numa das melhores escolas portuguesas superiores de Música, uma grande vitória não só para o aluno, mas também para a professora, que acreditou e lutou pelo sucesso do mesmo primando sempre pelo rigor, qualidade e excelência dos resultados desejados e obtidos.</p>

Apreciação do ambiente em sala de aula	A exigência e rigor nos métodos da professora transmitiram-se em motivação e empenho na prestação e evolução positiva, construindo um ambiente de trabalho sério dedicado ao conhecimento da música, primando pela qualidade e excelência da aprendizagem ultimamente conformado com o ingresso do aluno no Ensino Superior.
---	--

Tabela 1J – Caracterização do Aluno J (Fonte: elaboração da autora)

Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno I	
1º Período 13/09/2017 – 16/12	Escalas e Arpejos (LáM e LáM): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, introdução às 10as, arpejos com inversões Estudo nº 2 – P. Rode Scherzo tarantelle Op. 16 – H. Wieniawski Adagio – Sonata para violino solo nº 1 em Sol menor BWV 1001 – J. S. Bach Concerto para Violino nº 3 Op. 61 – C. Saint- Saëns (1º andamento) Sinfonia Espanhola Op.21 – Édouard Lalo
2º Período 03/01/2018 – 24/03	Escalas e Arpejos (SibM e Sibm): 4 oitavas, 3as, 6as, 8as, 10as, arpejos com inversões Capricho nº 14 – N. Paganini Concerto para Violino nº 3 Op. 61 – C. Saint- Saëns (1º andamento) Sinfonia Espanhola Op.21 – Édouard Lalo (1º andamento) Estudo entre Estudos – Tiago Derriça (Leitura) Excertos de Orquestra – no âmbito de preparação para as provas do estágio de Orquestra OJ
3º Período 09/04 – 06/06/2018	Capricho nº 14 - Paganini Adagio – Sonata para violino solo nº 1 em Sol menor BWV 1001 – J. S. Bach Concerto para Violino nº 3 Op. 61 – C. Saint- Saëns (1º andamento) Romanza Andaluza – Danças Espanholas Op. 22 – Pablo Sarasate (Leitura) PAP: Influência da música espanhola no Romantismo tardio (Laló e Saint-Saens)

Tabela 2J – Material didático desenvolvido ao longo do ano pelo Aluno J (Fonte: elaboração da autora)

3. Práticas Educativas

3.1. Enquadramento

No âmbito da PES, disciplina de estágio integrada no plano de estudos do Mestrado em Ensino da Música e objeto nuclear da redação do presente Relatório de Estágio, a mestranda deve cumprir um determinado número de horas por semestre, na instituição atribuída, a EAMCN, em práticas educativas nas seguintes modalidades de observação e intervenção:

- Aulas assistidas: Observação ativa das aulas lecionadas pela Orientadora Cooperante;
- Aulas lecionadas: Prática pedagógica supervisionada, com a colaboração da classe de Violino da Orientadora Cooperante. O supervisionamento destas aulas é integralmente realizado pela Orientadora Cooperante e parcialmente pelo Orientador interno em visitas agendadas à instituição que acolhe o estágio.
- Atividades escolares: Observação ativa e participação cooperativa (se possível) em atividades que se realizem na escola supracitada. E.g. – Audições, provas de avaliação intercalar e periódica, *masterclasses*, concertos ministrados nas instalações da escola, entre outras.

Segue-se, em tabela abaixo, a distribuição e nº total de horas requeridos na PES:

Horas	Total de Horas	Aulas assistidas	Aulas lecionadas	Atividades escolares
1º Semestre	85	70	6	9
2º Semestre	212	184	18	10
Total	297	254	24	19

Tabela 3 – Distribuição de horas da PES por semestre e total (Fonte: elaboração da autora)

Em contexto do Ensino Artístico Especializado em Música e, nomeadamente, no caso do presente relatório, em Violino, as aulas decorrem numa modalidade individual. Dependendo do Regime e do Grau do aluno, cada aluno tem uma ou duas aulas individuais com a professora e, no caso do Violino, quando justificada a necessidade de ensaio com piano supervisionado, a professora pianista-acompanhadora atribuída à classe acompanha uma parte da aula. Se o aluno for muito jovem, o E.E. ou sujeito(s) parental(ais) poderão assistir às aulas. No seguimento desta informação, a distribuição horária semanal consoante Regime e Grau foram as seguintes:

Regime Integrado:

- 2º Grau: 90 minutos
- 4º e 5º Grau: 67 ½ minutos
- 7º Grau: 90 minutos + 45 minutos (2x por semana)
- Curso Profissional (3º ano): 90 minutos + 45 minutos (2x por semana)

Regime Supletivo:

- 4º Grau: 45 minutos
- 7º e 8º Grau: 45 minutos

Complementar a esta informação, apresenta-se, no Anexo 1, a distribuição semanal real dos alunos.

3.2. Orientadora Cooperante

A orientadora cooperante atribuída nas disciplinas da PES I e II, acolhidas pela EAMCN, foi a Professora Anne Victorino d'Almeida.

A professora conta com uma experiência extensa na pedagogia, na performance e na composição, destacando-se em todas através do seu trabalho e projetos de exímia qualidade.

Através de muita comunicação pessoal com a professora e alguma pesquisa sobre a mesma, seguem-se alguns destaques profissionais:

Iniciou os seus estudos musicais no estrangeiro (Viena de Áustria e, mais tarde, França), concluindo o seu ciclo de estudo na Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa, onde terminou a Licenciatura em Violino e estudou direção de orquestra.

Contactou e trabalhou com nomes nacional e internacionalmente marcantes da pedagogia e performance violinística como Ágnes Sarosi, Gerardo Ribeiro, Galina Turtchaninova, Gilles Apap, Maxim Vengerov e António Anjos. Hoje, como pedagoga, destaca-se na qualidade e excelência na formação e preparação de ótimos alunos que prosperam dentro do mundo da música e são recorrentemente premiados em diversos concursos nacionais e internacionais tais como o Concurso de Arcos de Viana do

Castelo, Concurso Internacional do Fundão, Concurso Capela, Concurso Jovem.com, Concurso de Fátima Ourém, entre outros. Lecionou Violino em várias escolas portuguesas e é regularmente convidada para orientar *masterclasses*. Atualmente leciona nos ciclos desde a Iniciação ao Secundário de ensino artístico especializado da música em Violino na EAMCN (desde 2004) e na AMAC. É, também, membro administrativo da Direção da primeira instituição supracitada.

Na música de Câmara e Orquestral, destaca-se como membro fundador do Quarteto Lopes-Graça (quarteto de cordas) e, atualmente, também como membro fundador do Quarteto Camões (quarteto de cordas) e Rumos Trio³⁹ (Violino, Clarinete e Piano). Colabora regularmente, com várias orquestras portuguesas. Alguns exemplos: Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Sinfonietta de Lisboa, Orquestra do Algarve, entre outras.

Na atividade de composição, destaca-se a atribuição do Prémio de melhor proposta musical no concurso “Teatro na Década 97”, com bandas sonoras da sua autoria. Em 2006, escreveu a banda sonora para o documentário “Cartas a uma ditadura” da autoria de sua irmã, e realizadora, Inês de Medeiros, filhas do notável maestro António Victorino d’Almeida. Atualmente, a professora Anne continua a revelar muita paixão por esta vertente, escreve todos os dias e tem a seu título obras variadas, estreadas em Portugal e de crescente importância no repertório português.

Além de excelente exemplo como profissional, professora e compositora, com um caráter direto, rigoroso, realista e exigente é, também uma pessoa de extraordinária humanidade, humildade e amabilidade. Mostrou-se sempre disponível, paciente, atenciosa e interessada no esclarecimento de qualquer dúvida que tivesse, partilha de experiência e conhecimento e aconselhamento na prática educativa.

3.3. Estratégias e Abordagens Pedagógicas

No decorrer da PES, a constante reflexão e avaliação das estratégias e abordagens pedagógicas utilizadas deve ser atentamente monitorizada e registada, de forma a poder consolidar elementos fortes no sucesso do processo ensino-aprendizagem e o que pode ser melhorado. O processo de ajuste ao contexto com que a mestranda se deparou foi

³⁹ Realizou uma *tour* à China com esta formação entre 25 de novembro e 5 de dezembro de 2017.

natural e desde o início estimulante na procura de intervir sempre com pertinência, observar ativamente e, quando proporcionada oportunidade, de participar.

A primeira impressão revelou-se um pouco surpreendente, dado que na EAMCN o nível de exigência e rigor associado a um aluno médio de violino é bastante mais alto do que a ideia que se havia construído do panorama violinístico, na perspetiva da mestrandia. Baseado na testemunha, experiência e contacto antecedentes à PES com alunos de violino de outras escolas de ensino da música em Portugal, a preparação e eficiência da aprendizagem na EAMCN destaca-se. Dada a agradável surpresa de um ambiente mais exigente e desafiante no que toca à prática educativa, foi gratificante todo o processo e transformação de ideais, abordagens, aquisição de novas estratégias e personalização de métodos com adaptação a cada caso de aprendizagem.

Destaca-se a perseverança, motivação e rigor em induzir no pensamento do aluno a necessidade de atingir a solidez técnica do instrumento antes de qualquer abordagem interpretativa e expressiva do repertório. A organização metódica do estudo assíduo e sistematizado cria bases firmes e lineares para o desenvolvimento artístico e interpretativo dos alunos, com resultados bem-sucedidos. Isto não acontece só com a classe concreta visada neste relatório, mas, também, numa significativa parte da comunidade de alunos de Violino da EAMCN. É um fenómeno resultante de uma coordenação e cooperação simbiótica entre os docentes, alunos e instituição. Aos alunos que, num espaço razoável de tempo, não atendam a estes critérios, dificilmente conseguirão conquistar os objetivos e metas exigidos, aumentando a probabilidade de insucesso nos momentos de avaliação intercalares e periódicas, inviabilizando potencialmente a continuação de percurso académico na EAMCN. É uma instituição com prestígio nacional e, portanto, com muita procura e competitividade no ingresso. Foi observado o conhecimento geral por parte dos alunos sobre este facto e, conseqüentemente, o seu espírito de competitividade e esforço pelo alcance do sucesso escolar, comum à maioria da comunidade escolar.

Dado o *feedback* obtido de ambos os orientadores (interno e cooperante), durante a prática educativa, destaca-se a facilidade em detetar problemáticas e, conseqüentemente, propor soluções relativamente à competência e conhecimento estilístico-musical do repertório violinístico, sendo o confronto com dificuldades desta origem uma zona de conforto da mestrandia na atividade pedagógica realizada. No entanto, dado algum nervosismo e receio iniciais de intervir erradamente para com os métodos e organização

pedagógica da professora Orientadora Cooperante, a mestranda mostrou-se pouco interveniente na correção técnica da execução, sendo aconselhada a desenvolver mais atividade deste foro na prática educativa com o devido aconselhamento, partilha de opinião e reflexão da observação ativa das aulas. Assim, eventualmente, foi observado um melhor equilíbrio entre a dimensão técnica e interpretativa, que melhorou a compreensão e resolução de problemas supervenientes, sendo notável a evolução positiva no sentido de uma melhor relação de ensino-aprendizagem entre os alunos e a prática educativa realizada. Dependendo do aluno, foram ajustadas com sucesso todas as abordagens e metodologias praticadas no âmbito da prática educativa, sem nenhuma repercussão negativa na qualidade dos alunos como instrumentistas, bem como na manutenção da integridade pedagógica do percurso violinístico de cada um.

3.4. Aulas assistidas

Consoante as horas a cumprir no âmbito da PES, o número de horas a ser cumprido no que concerne às aulas assistidas é de 24 horas na extensão total do período letivo. A mestranda concluiu a quase totalidade deste número de horas, ficando apenas com cerca de 10 horas por assistir, o que se encontra dentro do limite de tolerância de faltas no regulamento da PES. Devido a alguns constrangimentos na renovação e aprovação dos protocolos que acontecem anualmente com as escolas de ensino artístico acordadas com a Universidade de Évora, o início do estágio não correspondeu rigorosamente ao início do ano letivo, em setembro. Assim sendo, a instituição e professora Orientadora Cooperante foram atribuídos, na preferência da mestranda, em outubro e, após as formalidades de oficialização, a PES decorreu regularmente desde dia 6 de novembro de 2017, data da primeira aula assistida, até ao final do ano letivo.

Seguidamente, divide-se em dois subpontos uma descrição elaborada através do tratamento de informação proveniente da experiência de observação ativa das aulas da professora Orientadora Cooperante. Esta descrição foi dividida pelos dois níveis de Ensino constituintes da classe da professora Anne Victorino d'Almeida, percorrendo os destaques das aulas dos alunos nos níveis respetivos.

3.4.1. Ensino Básico

São integrantes do Ensino Básico os alunos A (2º Grau), B (4º Grau), C (4º Grau), D (5º Grau), E (5º grau) e F (5º Grau), descritos no ponto 2 deste Relatório.

Numa apreciação global na identificação de aspetos comuns nas aulas dos graus do Ensino Básico destaca-se a prioridade dada à manutenção dos aspetos técnicos básicos inerentes à execução técnica do violino de modo a tornar o processo de consolidação da mesma o mais linear e sólido possível, de forma a evitar regressões e a assegurar consistência definitiva na técnica para que o aluno possa, gradualmente, disponibilizar cada vez mais atividade mental na exploração de aspetos mais abstratos da performance, nomeadamente na dimensão interpretativa, execução estilística do repertório, expressividade e trabalho na qualidade e textura do som.

Outro aspeto comum entre as aulas dos alunos do Ensino Básico é o estímulo constante pela procura do enriquecimento da cultura musical no que toca ao contacto com intérpretes reconhecidos, audição variada de repertório violinístico e orquestral e conhecimento generalizado dos marcos e épocas essenciais da música clássica e sua contextualização histórica e atual. A professora, diversas vezes, defendia perante os alunos que o conhecimento e cultura são ferramentas fulcrais ao balanço positivo e de destaque no progresso e evolução, não só pessoal, mas também na construção e desenvolvimento da identidade musical do aluno.

Nas aulas menos bem-sucedidas, observou-se alguma tensão saudável na reprovação da professora pela falta de qualidade nos resultados. Isto motivava os alunos a manter uma rotina de estudo assídua e pragmática, promovendo uma baixa tolerância ao erro e uma exigência pela pertinência técnica e interpretativa do repertório com a resultante da gratificação e satisfação tanto dos alunos como da professora na consequência de bons resultados. Isto não representa a totalidade dos alunos do Ensino Básico pois houve dois casos mais difíceis na qualidade do cumprimento de objetivos.

Os alunos A (2º Grau), B (4º Grau), D (5º Grau) e E (5º Grau) tiveram um percurso durante o período letivo bastante linear, em conformidade com os aspetos acima referidos, demonstrando um balanço e aproveitamento global bastante regulares, sem estagnação ou regressão impeditivos do desenvolvimento e consolidação de ferramentas técnicas e interpretativas. Todos estes mostraram importantes conquistas na

individualidade do seu percurso no que toca à sua relação com a aprendizagem do Violino.

Os alunos C (4º Grau) e F (5º Grau) mostraram-se casos mais difíceis no que toca à observação de resultados sólidos em conformidade com os aspetos acima referidos. O aluno C, de entre os restantes colegas, é considerado o caso de maior insucesso no que toca à conquista de objetivos e metas durante o período letivo devido à falta de evolução dos aspetos fracos, sucessiva quantidade de aulas menos bem-sucedidas e resultados pouco satisfatórios e com um registo insuficiente em vários momentos de avaliação intercalar e periódica. O aluno F detém ótimas aptidões e capacidades musicais, mostrando, ultimamente, sucesso em momentos fulcrais de avaliação. No entanto, numa perspetiva contínua, o aluno não teve uma prestação linear nem regular, com vários períodos de regressão e estagnação tanto técnica como interpretativa. Numa apreciação global, o aluno acabou por mostrar resultados, principalmente nas provas de avaliação e na reta final do ano letivo.

3.4.2. Ensino Secundário

São integrantes do Ensino Secundário os alunos G (7º Grau), H (7º Grau) e I (8º Grau) e do Curso Profissional, o Aluno J (12º Ano).

No nível de Ensino Secundário existe uma diferenciação dos objetivos e metas a atingir, dependendo do Regime em que o aluno se insere na frequência do ensino artístico especializado. Isto, porque os alunos dos Regimes Integrado e Curso Profissional, tendo em conta o carácter profissionalizante e exclusivo à especialidade do Instrumento, estão naturalmente inclinados para o prosseguimento de estudos superiores da música, e, neste caso, especificamente, de Interpretação em Violino. Os alunos em Regime Supletivo, por norma, têm interesse e opção de escolha, com vista ao prosseguimento de estudos superiores, noutra área científico-humanística onde frequentam o ensino regular de escolaridade obrigatória. No entanto, podem optar de igual forma pela área da música, se assim o desejarem, com uma formação completa em Regime Supletivo.

Assim, as aulas dos alunos H e I integrados no Regime Supletivo verificaram-se um pouco diferentes na dinâmica de aula e planeamento programático ao longo do período letivo, comparativamente ao aluno G integrado no Regime Integrado e ao aluno J frequente do Curso Profissional.

Antes de elaborar as diferenças entre as aulas dos dois regimes referidos, aprecia-se globalmente e identificam-se os aspetos comuns observados nas aulas de nível Secundário. Assim, destaca-se a naturalidade da abordagem pedagógica numa expectativa já semiprofissional da consolidação técnica que não permitam erros redundantes na execução do instrumento. A tolerância nula ao erro já é algo que deve ser inerente ao aluno sendo, naturalmente, evitado e repreendido imediatamente e, numa intensidade maior, se o aluno se permitir a cometer erros redundantes, de desleixo na concentração e falta de precisão técnica nas qualidades chave da execução violinística como na afinação, regularidade rítmica, postura do corpo e mãos e devida colocação do instrumento, funcionamento e utilização do arco em toda a sua extensão, com respetivos golpes de arco de complexidade básica e intermédia, conhecimento regular do ponto/escala do violino, sonoridade clara, entre outros. Assim, os alunos são motivados e empenham-se em manter e demonstrar segurança técnica e comportamental face à performance, disponibilizando espaço mental para o segundo aspeto comum das aulas de nível secundário – a vertente musical, expressiva e interpretativa. Sendo o regime secundário um ciclo de preparação para uma possível continuação de estudos superiores e eventual profissionalização dentro da área específica da música e interpretação instrumental, o rigor e exigência esperados na dimensão artística e criativa do aluno é muito maior do que no Ensino Básico. Assim, sublinha-se a constante partilha de experiências e ideias expressivo-musicais e estímulo pela crítica e pensamento criativos dos alunos face à interpretação estilística e estruturação de texturas do repertório trabalhado através da participação interventiva e aconselhamento ativo da professora para com o raciocínio que o aluno realiza na extensão da sua interpretação e performance.

Considerando estes aspetos em comum na generalidade das aulas do Ensino Secundário, a diferenciação estabelecida pelo Regime em que o aluno se insere incide apenas na intensidade da tolerância por parte da professora e velocidade a que o aluno atinge os objetivos e metas requeridos do percurso, capacidades e aptidões desenvolvidas e exibidas. Os alunos G (7º Grau) e J (12º ano), frequentando os cursos de caráter profissionalizante e especificamente dedicados ao prosseguimento de estudos da música, observaram-se sob mais pressão, exigência e rigor na apresentação de resultados quantitativa e qualitativamente a curto prazo, dispondo, também de mais tempo de lição semanal do que os alunos de Regime Supletivo. Aos alunos H (7º Grau)

e I (8º Grau), integrantes do regime supletivo foram exigidos, num ambiente que prima pelo rigor e excelência, o cumprimento dos requisitos dos programáticos e formativos pertencentes ao grau que frequentam.

Todos os alunos inseridos no nível Secundário de Ensino, no seu contexto, e tendo em conta o potencial das suas aptidões e capacidades, tiveram um bom aproveitamento e honesta evolução. Comparativamente, destaca-se o aluno G (7º Grau), com a maior produção e desenvolvimento de qualidades artísticas no seu percurso durante o período letivo. Seguidamente, o aluno J (12º ano) que, durante o período letivo se mostrou dedicado e empenhado em desenvolver a sua identidade musical e amadureceu como intérprete, cumprindo o seu objetivo de prosseguir estudos superiores com o ingresso bem sucedido numa das melhores escolas superiores de música portuguesas. O aluno H (7º Grau) conquistou importantes traços na definição da sua identidade musical, aumentando a vontade e motivação pelo estudo assíduo do violino ao longo do período letivo, despertando o interesse pela possibilidade de um eventual prosseguimento de estudos superiores em Violino. Por fim, a conclusão bem-sucedida e honesta do aluno I (8º Grau), que, apesar de prosseguir estudos superiores e priorizar o seu trabalho noutra área ao longo do período letivo, resultou, porém, numa rotina de estudo menos assídua e, conseqüentemente, num percurso e evolução mais lentos e menos exigentes. No entanto, este aluno certamente fará parte de uma comunidade participativa e interessada pela música clássica.

3.5. Aulas lecionadas

Consoante as horas a cumprir no âmbito da PES, o número de horas a ser cumprido no que concerne às aulas lecionadas supervisionadas é de 24 horas na extensão total do período letivo e deve ser lecionada por período o mínimo de uma aula por nível de educação (Iniciação, Ensino Básico, Ensino Secundário/Curso Profissional). Estas aulas foram supervisionadas na íntegra pela Orientadora Cooperante e, de acordo com o Regulamento da PES, uma aula de cada nível de Ensino no 1º semestre e duas no 2º. O orientador interno assistiu a aulas de graus diferenciados dentro do Ensino Básico, Secundário e Profissional, adequado à oferta educativa e realidade do contexto da classe de violino estudada. A mestrandia cumpriu a totalidade de horas exigidas. No entanto, dada a impossibilidade de lecionar no nível de Iniciação, pela inexistência de alunos integrantes deste grau na classe da professora Orientadora Cooperante, a mestrandia

lecionou apenas no âmbito dos níveis Básico (2º e 4º Grau) e Secundário (5º, 7º, 8º Grau e 12º ano do Curso Profissional). Assim, foram lecionadas um total de 25 aulas supervisionadas na extensão do período letivo desde novembro de 2017 até junho de 2018.

3.5.1. Ensino Básico

No que se refere às aulas lecionadas sob supervisão da professora Orientadora Cooperante apenas o aluno E (5º Grau) foi excluído da prática educativa, nas aulas lecionadas, dado o perfil extraordinário e avançado do aluno para a inexperiência da professora estagiária. A interação da prática educativa com o aluno referido limitou-se ao acompanhamento das aulas assistidas e intervenção de aconselhamento esporádico em contexto de ensaio com piano. Todos os restantes integrantes do Ensino Básico, A (2º Grau), B (4º Grau), C (4º Grau) e D (5º Grau) e F (5º Grau) foram objeto de prática educativa na sua totalidade.

Geralmente, nas aulas lecionadas, a mestranda optou por promover a continuidade dos modelos de ensino observados na prática letiva da professora Orientadora Cooperante, por forma a garantir uma intervenção pertinente e consistente ao que os alunos estão habituados, na normalidade dos critérios pedagógicos ministrados, tendo em conta uma certa fragilidade face à necessidade de uma consolidação sólida e definitiva da técnica básica e intermédia da execução instrumental. No entanto, a mestranda, em correlação com as ferramentas obtidas através da observação da atividade pedagógica, registo de sugestões, discussão da prática educativa e aconselhamento de ambos os orientadores, procurou, também inserir algum conhecimento e partilha de opiniões, experiências e pontos de vista pessoais, personalizando a interação com os alunos e, ao longo do tempo, formando uma relação de ensino-aprendizagem adaptada e individualizada para cada aluno. Assim, considera-se que, através do feedback, reflexão e autoavaliação da prática educativa, o objetivo da utilidade e pertinência nas intervenções da mestranda foram desde o início satisfatórias para todas as partes e progressivamente melhores no decorrer do período letivo.

As abordagens e métodos pedagógicos para com os alunos A (2º grau), B (4º grau) e C (4º grau), foram maioritariamente focados na dimensão técnica da execução instrumental, incidindo, primariamente, à volta de conceitos e sugestões correcionais à técnica que melhorassem a relação simbiótica do corpo com a prática e cinética do

violino. Numa minoria das aulas lecionadas a estes alunos, quando revelado um trabalho mais seguro na técnica, foram abordados conceitos primários da interpretação estilística do repertório a ser trabalhado e alguma partilha de experiências e sugestões que estimulassem o exercício mental sobre a expressividade musical e atitude na performance.

Aos alunos E (5º grau) e F (5º grau), pelo maior número de aulas em que foi verificável um estudo assíduo e apresentação de resultados na qualidade da segurança e domínio técnicos, foi possível por em prática abordagens mais equilibradas entre a técnica, o desenvolvimento da identidade musical e os elementos de caráter estilístico e abstrato que abrangem a performance, intervindo ativamente e recebendo retorno equiparável por parte dos alunos na dimensão criativa, artística e expressiva na interpretação e simulação de performance completa. O aluno E demonstrou uma evolução e empatia em ambiente de sala de aula mais produtivo que o aluno F, dado que este último se demonstrou mais sério e empenhado na disciplina consideravelmente mais tarde no cronograma letivo.

3.5.2. Ensino Secundário

Tal como nas aulas assistidas, foi verificável na prática educativa uma diferenciação na dinâmica das aulas entre os alunos integrantes do Secundário em Regime Supletivo e os alunos em Regime Integrado ou do Curso Profissional.

Numa apreciação geral, tal como no Ensino Básico, nas aulas lecionadas a mestranda optou por promover uma continuidade aos modelos de ensino observados, utilizados pela professora Orientadora Cooperante, de forma a garantir uma intervenção consistente com o que os alunos estão habituados em termos e critérios pedagógicos. Relativamente à associação entre a observação da atividade pedagógica e respetiva coleção de informação, a conduta e filosofia na prática foi similar à do Ensino Básico – um equilíbrio entre conhecimento empírico, aconselhamento e partilha de opiniões entre todos os agentes envolvidos. Assim, foi possível intervir pragmática, orgânica e satisfatoriamente no seio da classe, registando progresso no decorrer do período letivo. No entanto, dada a consideração e verificação da qualidade superior do nível médio dos alunos da EAMCN, no nível Secundário, muitos dos aspetos e dificuldades técnicas recorrentemente abordados no Ensino Básico já não são mais preocupação imediata nem prioritária das aulas. Assim, num panorama geral, as estratégias e abordagens

pedagógicas desenvolvidas resultantes da orientação e aconselhamento dos orientadores interno e cooperante foram mais incidentes sobre conceitos estilísticos do repertório, na discussão e partilha de sugestões para o trabalho de estudo a desenvolver nas técnicas de níveis intermédio e mais exigentes em obras trabalhadas e na criação e desenvolvimento de ferramentas performativas que promovessem o exercício mental da criatividade musical, expressividade e personalização interpretativa e performativa.

Todos os alunos integrantes do nível Secundário tiveram uma interação empática, dinâmica e participativa face à prática educativa da mestranda, o que possibilitou, em muitos momentos, um ambiente descontraído, mas produtivo, e com sinais evolutivos imediatos nas intervenções, graças, também, à contínua atividade crítica dos próprios alunos face às sugestões e intervenções pedagógicas da aluna estagiária. Comparativamente, destacam-se, por ordem decrescente de mérito, a prestação evolutiva do aluno G (7º Grau), observando-se o melhor *ratio* de reação-correção face às sugestões de melhoramento na execução instrumental em espaço de aula, seguido do aluno H (7º Grau); dentro dos parâmetros do Regime Supletivo, o aluno demonstrou uma capacidade de reação e conseqüente melhoramento performativo acima do expectável. O aluno J (12º ano), como aluno integrante do Curso Profissional, também demonstrou uma boa relação de ensino-aprendizagem; no entanto, foi necessário um maior esforço por parte da mestranda na elaboração progressiva do processo de ajuste estratégico e pedagógico, tendo em vista a eficácia da obtenção de reações que demonstrassem melhorias imediatas significativas. O aluno I (8º Grau), dadas as suas limitações contextuais na rotina de estudo e desenvolvimento mais lento no cumprimento de objetivos das aulas, procurou efetuar um trabalho sério e honesto dentro do alcance das suas aptidões e capacidades, mas com reações e melhorias menos imediatas e menos significativas, comparado aos restantes colegas. No entanto, foi de igual forma gratificante e enriquecedor o desenvolvimento e estruturação estratégica e pedagógica como meio de conseguir elevar o trabalho do aluno na sala de aula. Considera-se que não houve regressões nem repercussões negativas registadas no percurso dos alunos em contexto da prática educativa supervisionada, o que, por si só, é uma grande vitória para o enriquecimento da experiência, segurança e evolução na prática pedagógica da mestranda.

3.6. Atividades escolares

As atividades escolares, como já referido no enquadramento das práticas educativas, reportam-se a vários eventos exteriores às aulas, que envolvem a instituição e a comunidade.

No que compete à PES, foram assistidas um total de 19 horas de atividades ao longo do período letivo. Estas incluíram:

Audições, com respetivos ensaios gerais e de colocação – a mestranda esteve presente em todas as audições e respetivos ensaios que decorreram ao longo do ano, somando um total de três audições (uma por período):

Audição do 1º período, 23 de novembro de 2017, Salão Nobre da EAMCN – foi a primeira audição do ano, com a presença da professora Anne Victorino d’Almeida e professora pianista acompanhadora, assistida pela mestranda com respetivo ensaio com piano e repertório solo.

Audição do 2º período, 8 de março de 2018, Biblioteca da EAMCN – a professora Orientadora Cooperante não pôde estar presente por motivos de saúde, deixando a encargo da professora pianista acompanhadora, Tatiana Balyuk, e da mestranda, a gestão e coordenação da audição e respetivo ensaio com piano e repertório solo. É relevante relatar um episódio inesperado no decorrer desta audição que, felizmente teve uma resolução favorável ao bom funcionamento da audição e contribuiu para o enriquecimento pedagógico e fortalecimento da confiança na prática educativa da mestranda. Como é costume, os alunos que estão colocados mais para o fim do programa, por opção, podem ir para uma sala aquecer. A mestranda, na vigilância do mesmo para garantir que os alunos estariam antecipadamente presentes quando chegasse o momento da performance (sendo que a professora Tatiana estava também a tocar), notou que um dos alunos se estava a atrasar, não havendo sinal do mesmo perto da sala onde a audição decorria. Conseguindo ir ao encontro da E.E. do aluno, que se encontrava à porta da sala onde decorria a audição, esta explica que o aluno estava muito nervoso e reticente em tocar na audição, pois tinha tido dificuldade em estudar durante a tarde devido à lotação de salas do Conservatório. A mestranda dirigiu-se ao encontro do aluno e conseguiu, através de uma conversa ponderada e motivacional, que o aluno mudasse de ideias e fosse avante com a

sua performance para audição, que acabou por correr muito bem. Apesar de uma troca na ordem do programa, dado o imprevisto, a audição funcionou normalmente e foi do agrado de todos os presentes. No fim, da audição a E.E. do dito aluno agradeceu pela intervenção e o aluno mostrou-se, apesar de tudo, satisfeito com o seu trabalho. Foi muito gratificante poder contribuir positivamente, e de modo discreto, sem causar distúrbios que afetassem o funcionamento desta apresentação pública, e que para o aluno, foi um momento vulnerável que foi ultrapassado com sucesso.

Audição do 3º período, 17 de maio de 2018 – foi a última audição do ano, com a presença da professora Anne e professora Tatiana, assistida pela mestrandia com respetivo ensaio com piano e repertório solo.

Outras atividades observadas durante o período letivo:

- **Provas técnicas e Recitais de violino, 4 e 5 de dezembro de 2017** respetivamente – com alunos das várias classes de violino e dos vários graus compreendidos no Ensino Básico e Secundário;
- **Provas técnicas de violino, 8 e 9 de março de 2018** – com alunos das várias classes do Ensino Secundário e do Curso Profissional provas constituídas do seguinte repertório: escalas e arpejos, estudos e excertos de orquestra;
- **Masterclasses de violino com Ana Pereira, 19 e 20 de Março de 2018** – Observação da participação na *masterclass* de alunos de violino da EAMCN
- **Masterclass de música de câmara e violoncelo com Xavier Gagnepain, 11 de Abril de 2018** – Observação ativa de um grupo de música de câmara do Ensino Secundário (violino, aluna da professora Anne, violoncelo e piano) e um aluno de violoncelo.
- **Recitais Finais, 29 de maio de 2018** – Observação dos recitais de alunos das várias classes de violino do Ensino Secundário e Curso Profissional, sem os anos finalistas. Foi concedida à mestrandia a oportunidade de assistir à discussão posterior de avaliação efetuada pelo júri;
- **Provas técnicas de violino, 3 de junho de 2018** – Observação das provas técnicas com alunos de violino da EAMCN, constituídas pelo seguinte repertório técnico: escalas e arpejos, estudos e excertos de Orquestra. Foi concedida à

mestranda a oportunidade de assistir à discussão posterior de avaliação efetuada pelo júri;

3.7. Avaliação

A informação seguidamente enunciada é baseada nos documentos disponíveis no site oficial da EAMCN inerentes aos Critérios de Avaliação Geral de Avaliação e Critérios das Disciplinas Vocacionais Práticas, nomeadamente, das classes de Instrumento e Canto.

A avaliação é uma importante parte do processo de ensino e de aprendizagem e um instrumento fundamental da atividade pedagógica, assumindo uma função reguladora, orientadora do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do seu percurso escolar. Assim, é um sistema que classifica, motiva, melhora e potencia as capacidades do aluno.

Destacam-se os seguintes objetivos de aprendizagem que devem reger a avaliação:

- Consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e capacidades pretendidas, de acordo com os contextos em que ocorrem;
- Utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversificados;
- Primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de autoavaliação regulada e sua articulação com os momentos de avaliação sumativa;
- Valorização da evolução do aluno;
- Transparência e rigor do processo de avaliação, nomeadamente através da clarificação e da explicitação dos critérios adotados;
- Diversificação dos intervenientes no processo de avaliação.

Relativamente aos instrumentos de avaliação utilizados durante o processo de ensino-aprendizagem pelos docentes da instituição, que fazem cumprir os objetivos referidos acima, são empregues elementos como: avaliação diagnóstica, avaliação formativa (contínua e sistemática), avaliação sumativa interna (juízo globalizante) e provas de avaliação externa (da responsabilidade do Ministério da Educação). Estes elementos assentam no apoio de vários documentos de anotação, como grelhas de observação, registos de incidentes críticos, listas de verificação, registos de audição, leitura, escalas

de classificação, trabalhos de casa, trabalhos de grupo/individuais, trabalhos de projeto, trabalhos de pesquisa, relatórios/trabalhos experimentais, fichas de leitura, portefólios, fichas de autoavaliação, intervenções orais; fichas formativas, testes sumativos, entre outros que se entendem necessários e se apliquem à avaliação da lecionação de uma disciplina.

Relativamente aos critérios de avaliação, nomeadamente da disciplina de violino, estes assentam nos Critérios das Disciplinas Vocacionais Práticas, nomeadamente, das classes de Instrumento e Canto (informação avaliativa integral disponível no Anexo 2). Os critérios de avaliação com especificações pormenorizadas dos parâmetros técnicos e performativos do Violino, estão organizados e estruturados da seguinte forma, no documento do Programa de Violino⁴⁰ (revisto em junho de 2017):

- **Critérios das Provas de Acesso** à iniciação, ao 1º grau, ou seja, ao Ensino Básico e ao 6º grau, Ensino Secundário.
- **Critérios das Provas Intercalares (técnica)** dos seguintes Graus e Regimes: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º nos regimes Articulado, Integrado e Supletivo; 6º, 7º e 8º em Regime Supletivo;
- **Critérios das Provas de Avaliação Final** dos seguintes Graus e Regimes: Iniciação, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º nos regimes Articulado e Integrado e Supletivo; 6º, 7º em Regime Supletivo;
- **Critérios da PAA** – correspondente ao 8º Grau Supletivo.
- **Critérios de Avaliação (Prova técnica e Prova de Recital)** dos seguintes Graus e Regimes: 6º, 7º e 8º Grau nos Regimes Articulado e Integrado e Supletivo; 10º, 11º e 12º anos do Curso Profissional;
- **Critérios da PAA e PAP** – correspondentes ao 8º Grau Integrado e Articulado (PAA) e ao 12º ano do Curso Profissional (PAP);

Estes critérios são revistos, aprovados, utilizados e referenciados pelos docentes de violino da EAMCN em todos os momentos de avaliação do período letivo. Para uma melhor compreensão e critérios mencionados está elaborada, no Anexo 3, uma descrição intermédia face ao documento integral.

⁴⁰ Documento em vigor exclusivo das Classes de Violino da EAMCN. Facultado pela Orientadora Cooperante a pedido da mestranda.

4. Conclusão

A PES, em toda a sua extensão, foi uma jornada que trouxe à mestrandia um conjunto de importantes lições no que toca à dimensão do desenvolvimento interpretativo do Violino, aquisição de novas ferramentas auxiliares a uma melhor prática educativa e enriquecimento empírico, metódico e estratégico na identificação, problematização e respetivas propostas de resolução recorrentes no Ensino do Violino.

O Mestrado em Ensino torna-se, sem dúvida, num importante ciclo de aprendizagem na construção formativa de um pedagogo, na sua qualidade de preparação concernente a um ensino artístico de excelência e capacidade de adaptação realista face ao que se pode encontrar nos mais variados contextos das escolas portuguesas.

Numa nota mais pessoal e de apreciação, manifesto a minha enorme gratidão em ter tido o privilégio de acompanhar a professora Anne Victorino d'Almeida e sua respetiva classe de Violino, em primeira mão, e ter sido atenciosamente acolhida numa das mais prestigiadas escolas de ensino artístico especializado, a EAMCN, na dimensão profissional e, em momentos mais descontraídos, também na dimensão pessoal, não só na pedagogia, mas também na interpretação e no enriquecimento musical, no que toca ao repertório violinístico em toda a sua extensão e, principalmente, da produção portuguesa. Foi uma experiência seguramente estimulante, útil e marcante no meu percurso enquanto estudante, estagiária e profissional e musical. É uma relevante referência pedagógica que guardo e levo comigo na materialização do futuro exercício profissional na pedagogia.

À qualidade da minha prestação, empenho, motivação e dedicação ao meu trabalho no trajeto deste estágio, devo gratidão e satisfação no aproveitamento deste percurso ao Professor Doutor Liviu Scripcaru. Pelo incansável apoio, partilha de saberes e conhecimento, auxílio na estruturação e desenvolvimento das ferramentas práticas, não só à execução instrumental, mas também da prática educativa. Tomo em conta uma absoluta referência e influência do professor no alcance de todas as minhas conquistas e sucessos na música, como intérprete e aspirante docente, no âmbito dos estudos na Universidade de Évora.

Toda a preparação, investigação e absorção, filtração e retenção de informação reportadas à prática educativa, reconhecimento das instalações e respetivas burocracias e protocolos funcionais, organização e gestão logística na otimização do melhor

aproveitamento possível da oportunidade proporcionada pela PES, foram elementos de uma experiência intrínseca e enriquecedora na construção da identidade docente a que aspiro e na edificação da confiança inerente a uma prática educativa útil e benéfica na educação de alunos vindouros.

Secção 2 – Investigação

5. A temática de Investigação

A componente de investigação do presente projeto foca-se na temática do repertório português aplicado ao Ensino Básico e Secundário do Violino. Além dos aspetos técnicos, de método e performativos inerentes à educação num instrumento, é de igualmente relevante a seleção e estruturação de repertório que promova a diversidade e pertinência de fontes no contexto de aprendizagem do aluno. Desta forma, a dimensão do repertório nacional é um elemento integrante da contextualização educativa e, portanto, deve ser abordada e devidamente inserida no plano educativo das escolas.

5.1. Motivação e contextualização na escolha da temática

A principal motivação na escolha desta temática derivou da carência de abordagem do repertório português no meu próprio percurso académico entre o Ensino Básico e Secundário do instrumento. Apenas já no Ensino Superior tive acesso a uma exposição e aprofundamento satisfatórios do repertório português para violino. Assim, desde sempre tive determinação em enriquecer o conhecimento sobre o repertório nacional existente para violino e, com intenção de exercer profissão na pedagogia do violino, pretendo adequar e inserir o repertório português nos métodos e abordagens desde os primórdios do percurso de aprendizagem de um aluno de violino – Ensino Básico e Secundário.

Com base nas diversas afirmações e opiniões das personalidades citadas ao longo desta secção afigura-se alarmante, num sentido comum, o desconhecimento e considerável ausência de repertório desta origem na educação base dos alunos portugueses, uma percentagem dos quais, acabam por optar pela carreira musical docente e/ou performativa, como é o meu caso. É um lapso manifesto a pobreza do repertório português no currículo de muitos aprendizes, docentes e músicos portugueses. A principal fonte é a educação e, portanto, é das escolas de ensino artístico especializado que parte a responsabilidade pelo movimento promotor da música portuguesa na formação de quem gere e acede ao ensino artístico do ensino especializado da música. Uma adequação do património nacional ao contexto educativo dos seus cidadãos é fulcral em qualquer área, e, nas Artes, uma área que, de origem, promove a cultura em toda a sua história, multiplicidade, partilha e expressão, deve mostrar-se especialmente

abrangente e não tão exclusiva ao que é considerado referencial na respetiva especialização.

Em contexto da PES, face à oportunidade de estagiar numa das escolas de música mais prestigiadas de Portugal e, assumidamente pioneira na instauração e desenvolvimento do Ensino Artístico Especializado, considerei ter a oportunidade perfeita para investigar, avaliar e refletir sobre as perspetivas e pontos de situação relativamente à atual adequação do repertório português no Ensino do violino. Tendo em conta que me deparei apenas com alunos com níveis compreendidos entre o Ensino Básico e Secundário, o enfoque incidiu na averiguação e tratamento de informação pertinentes a ambos os ciclos de ensino. Outro complemento relevante para a abordagem desta temática foi a interação direta e observação interna da classe e Violino da professora Anne Victorino d'Almeida, que, além de violinista e pedagoga, é também compositora portuguesa ativa e elemento administrativo da Direção da EAMCN, o que conferiu à investigação uma autenticidade, precisão e recolha direta e atualizada de informação.

5.2. Objetivos de Investigação

O intuito desta componente de investigação é, numa primeira fase, e no contexto do local de estágio, a Escola Artística de Música do Conservatório Nacional, coligir as estratégias de abordagem oficiais já existentes sobre o repertório português dentro das estruturas de Formação de um aluno do Ensino Básico e, na sequência, do Ensino Secundário. Com base na informação disponível, o passo seguinte consiste na reunião de informação empírica através de estudos-caso e recolha de informação junto de docentes (incluindo a orientadora cooperante) e o maior número possível de discentes. O objetivo desta componente de investigação-ação permitirá a construção de um possível ponto de situação referente à importância, prática, adequação e peso do repertório português na formação violinística de ambos pontos de vista, do Professor e do Aluno.

Consoante os resultados, pretende-se fazer uma comparação e reflexão sobre a utilidade e gestão do material musical nacional e estrangeiro no Ensino Artístico em Violino que predomina, neste caso, na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional.

A fim de complementar o conhecimento adquirido no âmbito do estágio, será feita uma pesquisa e seleção de informação que possa estar disponível dentro do campo temático

associado ao Repertório Português e o seu contexto dos Ciclos em estudo, com o propósito de articular possíveis conclusões, semelhantes ou divergentes.

Por último, o objetivo final com a concretização deste relatório é poder contribuir para um exercício de disseminação, preservação e evolução da música portuguesa integrada no Ensino Artístico do Violino.

6. Contextualização do Ensino em violino

Nos subcapítulos que se seguem, concernentes à contextualização do Ensino da Música em Portugal, o Ensino do Violino e a Música Portuguesa no Ensino do Violino, a informação será devidamente resumida e organizada de modo a incluir o essencial à compreensão e estruturação da evolução histórica dentro dos limites da temática deste documento – o Ensino Básico e Secundário no Ensino Artístico Especializado da Música.

6.1. Contextualização histórica do Ensino da Música, em Portugal

O Ensino da Música em Portugal foi primeiramente fundado por várias entidades constituintes da comunidade portuguesa aquando estabelecimento da nacionalidade por D. Afonso Henriques. No entanto, anteriormente à formação de Portugal, a cultura artística, incluindo a musical, já era vasta, e de várias origens, dada a ocupação de diferentes povos – gregos, hebreus, romanos, bizantinos, milaneses, gálicos, árabes e peninsulares de pagãos. Nos séculos subsequentes, desde a génese do Reino até quase ao termo das guerras liberais (séc. XVIII), a Igreja, pela sua influência dominante sobre os órgãos monárquicos do país, foi a principal responsável por ministrar a esfera do Ensino musical, influenciando, até, na utilização de preceitos à semelhança da ciência musical eclesiástica, a música profana, oriunda do trabalho artístico dos trovadores e jograis (Freitas Branco, 2005).

No período entre os anos de 1833 e 1834, Portugal terá ficado privado das principais instituições de Ensino da Música, com a extinção do Seminário da Patriarcal. Consequentemente, em 1835, foi criado o Conservatório de Música em Lisboa sob administração de João Domingos Bomtempo. Em 1941, o Conservatório recebe proteção régia passando à denominação de Conservatório Real de Lisboa, agrupando três escolas - a de declamação, a de música e a de dança.

Foram as reformas produzidas nesta escola que serviram de base de referência aos modelos pedagógicos adotados por todas as outras escolas de música desde então formadas, públicas ou privadas, como é o caso do Conservatório de Música do Porto, criado pela Câmara Municipal em 1917. (Ferreira de Sousa, 2003).

Os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX irão ser palco de várias reformas, que vão principalmente alterar as estruturas do ensino da música.⁴¹

Os primeiros passos em direção à modernização do ensino artístico, foram dados com a reforma implementada por Viana da Motta e Luís de Freitas Branco, que sugeria um "ideal de educação artística visando a formação de músicos profissionais" (Gomes, 2000, p. 43). Entre as principais características desta reforma, podemos salientar as seguintes:

- Modificação da forma antipedagógica como o solfejo;
- Divisão dos diferentes cursos de instrumento, canto e composição em três níveis - elementar, complementar e superior;
- Estabelecimento do ensino individual;
- Instituição do ensino da composição, da regência de orquestra, da instrumentação, da acústica e da estética musical;
- Possibilidade de abertura de cursos livres para todas as disciplinas;
- Estabelecimento de subsídios e bolsas de estudo para alunos mais carenciados.

Até aos anos 60 do séc. XX, o ensino artístico sofreu alterações programáticas, ideológicas, administrativas e de relevância socioeconómica, consoante o governo que ministrasse a gestão do país.⁴²

A discussão em prol da democratização e da oferta de uma educação artística de qualidade iniciou-se em 1971: “Começou a desenhar-se então, na esfera governamental, uma proposta que permitisse a instalação de “liceus artísticos” para os alunos com reconhecidas aptidões, ao mesmo tempo que retornou o tema da diminuta rede escolar

⁴¹ Informação cronológica disponível no subcapítulo 1.1. da primeira secção deste documento.

⁴² “Apesar da constituição de várias comissões encarregues de reformar o ensino da música em Portugal, e da criação de três projetos de reforma entre 1938 e 1971, nenhum deles foi aprovado pelo governo, o que, aliado ao facto de o número de alunos do Conservatório Nacional ter diminuído drasticamente entre 1930 e 1950, demonstra claramente que a política seguida relativamente ao ensino artístico, pelo estado novo, é uma política de estrangulamento, ou mesmo de aniquilação deste ensino, não tendo existido nem vontade nem interesse político no seu real desenvolvimento.” (Ferreira de Sousa, 2003)

que assegurava então a formação artística, nesta época inteiramente centrado no nível secundário.” (Fernandes, Ramos do Ó e Paz, 2014). Com o início desta discussão, foi possível configurar quatro vértices dominantes, embora a prioridade na resposta aos mesmos tenha sido modificada ao longo dos últimos cinquenta anos. Por ordem decrescente em termos de centralidade problemática, enumeram-se os vértices referidos:

- Necessidade encontrar um desenho adequado para o sistema educativo e para a inserção do ensino artístico no seu interior⁴³;
- Conceção dos diferentes regimes de frequência – Regime Integrado⁴⁴;
- Elaboração de uma legislação própria para o ensino artístico⁴⁵;
- Expandir, melhorar e acompanhar a rede escolar e sua respetiva população docente e discente⁴⁶.

“Esta foi, sem dúvida, a primeira tentativa em Portugal de, por um lado, promover o ensino integrado, de forma a que os alunos pudessem ter a formação geral e especializada devidamente articuladas permitindo-lhes assim prosseguir os seus estudos de acordo com a opção que entendessem e, por outro, integrar na mesma instituição o ensino de várias artes.” (Fernandes, Ramos do Ó e Paz, 2014)

Sensivelmente uma década após observação da pobreza no avanço destes domínios, foi publicado o Decreto-lei nº 310/83, de 1 de julho, que tece um papel fundamental para a reestruturação, nos anos subsequentes, do tipo de Ensino que até à data estava em vigor no Conservatório Nacional e restantes escolas de música do país das artes performativas. Mesmo com o reconhecimento da especificidade do ensino vocacional, a lei procurou evitar o isolamento crónico e as dissonâncias do passado. Assim, o legislador inseriu o ensino artístico especializado “nos moldes gerais dos ensinamentos básicos, secundários e superior”, simultaneamente aplicando o mesmo “ao pessoal docente, à organização e gestão dos estabelecimentos de ensino, aos planos de estudos,

⁴³ “Tornou-se necessário discernir entre o que seria o ensino artístico especializado e o ensino regular. Das múltiplas intervenções sobressai a complexidade, assim como a dificuldade de articulação das formações e, ao mesmo tempo, a progressão académica dos alunos.” (Fernandes, Ramos do Ó e Paz, 2014)

⁴⁴ Convergência entre a falta de formação geral diagnosticada nas escolas de ensino musical e de dança.

⁴⁵ “(...) construída em estreita ligação com a que regulava o sistema de ensino no seu conjunto. Cumpre referir que esta posição se desdobrou, naturalmente, noutra reivindicação: a de que o Estado teria de ser capaz de ultrapassar um vazio de muitas décadas lançando as bases de um currículo e incentivando a organização e a apresentação pública de planos de estudo.” (Fernandes, Ramos do Ó e Paz, 2014)

⁴⁶ “(...) em 1971, as dificuldades no que respeita ao parque escolar, às instalações, aos equipamentos e recursos humanos eram de tal modo gigantescas e prementes que toda e qualquer solução aventada parecia pertinente e válida.” (Fernandes, Ramos do Ó e Paz, 2014)

diplomas e os estatutos” que correspondiam aos três níveis de ensino respetivamente. A resultante desta medida nos moldes gerais do ensino não superior em vigor traduziu-se na formalização de um regime de frequência tripartido – integrado, articulado e supletivo – que se mantém na atualidade. Além disso, houve, através do mesmo Decreto-Lei, uma preocupação em regularizar as carreiras docentes e a relação de paralelismo com o ensino particular e cooperativo. (Fernandes, Ramos do Ó e Paz, 2014)

A partir de 1983, com a separação institucional do Ensino Básico e Secundário para com o Ensino Superior é reformulada a opção pelo percurso vocacional, paralelamente ao modelo da escolaridade obrigatória, o que se mantém na atualidade, apesar das complicações como a “falta de condições socioculturais na sociedade portuguesa para a sua viabilização” (Gomes, 2000) e “falta de mecanismos legais por parte da administração” face aos problemas estruturais na integração das escolas especializado da música no sistema geral de ensino. (Folhadela, Vasconcelos e Palma, 1998). Em 2000, Folhadela preconizou um sistema isolado para o ensino especializado da música, encurtando a relação com o ensino regular, embora se promovesse a ideia de reforçar a componente artística no ensino geral.

“(…) o ensino especializado não devia ser tomado apenas com o objetivo de formar profissionais, servindo também para preparar para prosseguimento de estudos superiores, artísticos ou outros, recomendando mesmo a criação de dois “percursos” no âmbito do ensino artístico especializado, de nível básico e secundário. Um orientado para a profissionalização e outro destinado a formar “ouvintes” e cidadãos preparados para fruir a música e as artes.” (Folhadela, 2000)

Segue-se, em tabela, a organização de equivalência entre o ensino regular e o ensino artístico especializado vocacionado na música do Ensino Básico e Secundário.

Ensino Regular											
Ensino Básico									Ensino Secundário		
1º Ciclo				2º Ciclo		3º Ciclo					
1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano	11º ano	12º ano
				1º grau	2º grau	3º grau	4º grau	5º grau	6º grau	7º grau	8º grau
Iniciação				Curso Básico					Curso Complementar		
						Curso Profissional II			Curso Profissional Nível III		
Ensino Artístico Especializado											

Tabela 4 – Estrutura paralela do Ensino Regular e Ensino Artístico Especializado na escolaridade obrigatória – Ensino Básico e Secundário (Fonte: Ferreira de Sousa, 2003)

A luta pela otimização deste subsistema de ensino, em correlação com o restante sistema educativo português, é algo que se estende à atualidade. Pelas palavras de Branco (2010), o ensino da música está organizado em torno de três grandes eixos: o ensino geral, central nas escolas públicas e privadas, que ministram o ensino obrigatório; o ensino especializado, ministrado em escolas especificamente criadas para o efeito⁴⁷ e, por fim, outros modelos de formação, que inclui o ensino doméstico, o ensino nas bandas filarmónicas, nas associações recreativas, bem como nouro tipo de instituições dedicadas a outros moldes de ensino e de culturas musicais, não consignadas no sistema educativo.

6.2. O Ensino do violino em Portugal

É conhecido que, em Portugal, existe uma tradição que prefere e favorece os instrumentos de sopro, dada a forte presença e desenvolvimento da cultura das bandas filarmónicas e, num tempo ainda mais distante, a preferência régia pelos primórdios da instrumentação de sopro, com raras exceções de preferência pela corda. (Freitas Branco, 2005). A cultura da instrumentação das cordas apenas começou a ser popularizada no século XVIII, paralelamente ao desenvolvimento e definição moderna do violino. A origem deste é simultaneamente popular e erudita, sendo a sua prática inicial focada na

⁴⁷ E. g. conservatórios, academias (públicos, privados e cooperativos) que detém o EAEM, e escolas superiores;

interpretação da arte plebeia e folclórica, até que, com ação do tempo, se insere na literatura musical culta. (Scripcaru, 2014).

Em Portugal, tal como na restante Europa, o violino e os outros instrumentos de corda, antes de assumirem caráter próprio no que toca à extensão do seu repertório, estiveram presentes principalmente em grupos musicais destinados à satisfação pelo lazer e boémia da corte, do Teatro, das Danças, entre outros. Na Europa, o papel pioneiro que confere destaque ao violino surge com a orquestra de Monteverdi e posteriormente no investimento pelos compositores na criação de repertório próprio entre o séc. XVII e XVIII. (Fresco, 2017).

A influência italiana é o principal alicerce no desenvolvimento do instrumento no que toca à sua construção física e no enriquecimento e vastidão do repertório. Graças a Itália, “o violino passou por um processo único de transição do Barroco para o Classicismo e os compositores dedicaram-lhe inúmeras páginas onde destacaram as suas qualidades técnicas e expressivas” (Scripcaru, 2014). Toda a Europa e, posteriormente, um pouco por todo o mundo, se reconheceu a excelência das capacidades técnicas e performativas do violino, contribuindo para a acumulação e extensão do repertório e utilização nobre do violino como instrumento líder e principal de muitas formações de conjunto musicais e a solo. Com o aumento de popularidade e divulgação, muitas outras nações contribuíram e contribuem com repertório e métodos marcantes e essenciais à execução do instrumento e respetivos moldes de aprendizagem ao longo dos tempos. Alguns exemplos cronológicos de importantes marcos no desenvolvimento e influência do violino (com base em Scripcaru, 2014):

- Barroco: J.S. Bach, com as três sonatas e três *partitas* para violino solo⁴⁸; G. F. Telemann, com diversas obras de música de câmara e com destaque para a Fantasia em Ré Maior, dedicada especialmente às cordas do violino;
- Clássico: Pierre Gaviniès com o volume de 24 estudos Estudos – *Matinée*⁴⁹; W.A. Mozart, com os Concertos para Violino e Orquestra, Quartetos de Cordas, Trios e extensa coletânea de Sonatas para Violino e Piano, amplamente variado, pela extensão da diversidade tonal;

⁴⁸ Revolucionou o potencial harmónico do instrumento, sendo este por norma de caráter melódico.

⁴⁹ Considerados imprescindíveis na proposta de aprimoramento de aspetos técnicos necessários à interpretação qualitativa.

- Romântico: A época do *boom*, da documentação dos métodos de estudo para violino: F. A. Habeneck, D. Alard, H. Leonard, C. A. De Beriot, H. Vieuxtemps, P. Rode, R. Kreutzer, L. Spohr, J. Joachim e o M. P. Marisck, entre outros; Niccolò Paganini com os “bíblicos” 24 caprichos⁵⁰; Henri Vieuxtemps e Henryk Wieniawski, com volumes de música dedicados ao aperfeiçoamento da escrita virtuosística, brio e tom expressivo, culminando a execução a um domínio de alto nível técnico;
- Do séc. XX em diante: especial destaque para Eugène Ysaye, com as 6 sonatas para violino solo, Op. 27, analista exímio da estilística e interpretação de outros grandes violinistas: Joseph Szigeti, Jaques Thibaud, George Enescu, Fritz Kreisler, Mathieu Crickboom e Manuel Quiroga; outros grandes marcos no registo de importantes métodos violinísticos: Otakar Sevcik, Leopold Auer, Carl Flesch, Ivan Galamian, Shinichi Suzuki, entre muitos outros; principalmente nos tempos que correm, a investigação e criatividade na criação de conteúdo para o violino é contínua em todas as partes do Mundo, incluindo em Portugal.

Em Portugal, verifica-se sistematicamente um atraso de cerca de 100 anos no aparecimento das vanguardas e novidades musicais. (Vargas, 2011) No entanto, reconhece-se a qualidade e inovação do material musical português, por muitos reconhecido ao nível de grandes referências internacionais, como é o caso das sinfonias de Luís Freitas Branco ou a obra coral de Fernando Lopes-Graça. Assim, segundo João de Freitas Branco, o violino apenas iniciou o seu processo de notoriedade na transição do séc. XVIII para o séc. XIX, eventualmente conquistando o seu lugar, apesar de tardiamente e comparativamente a outros instrumentos, na tradição musical do país.

Sendo o violino, um instrumento que demorou a instalar-se nos quadros tradicionais portugueses verifica-se, principalmente no séc. XVIII, uma grande afluência de violinistas de origem estrangeira, com destaque para a nacionalidade italiana. Rapidamente, o instrumento foi maioritariamente promovido e solicitado pelas classes sociais mais altas, pelo carácter apelativo do virtuosismo. Como todos os músicos da altura, a associação mútua à Irmandade de Santa Cecília e da Orquestra da Capela Real de D. João V e D. José I era obrigatória. (Fresco, 2017).

⁵⁰ Considerada como obra culminante de todos os segredos e limites da técnica violinística.

Foi com a implementação do Ensino Artístico Especializado no Conservatório Nacional que surgiu o primeiro curso vocacional em violino, com os pedagogos Masoni, Freitas, Francisco Sá de Noronha e Nicolau Medina de Ribas. Apesar de, por esta altura, já se verificar um aumento de instrumentistas de nacionalidade portuguesa, ainda se verifica um maior enfoque formativo e construção de carreira efetuados maioritariamente no estrangeiro.

Como já referido anteriormente, existe um grande atraso, comparativamente ao estrangeiro, no desenvolvimento programático e estruturação metódica do ensino e, conseqüentemente, aprendizagem do violino. No entanto, desde meados do séc. XX, Portugal conta vários violinistas enquanto intérpretes e pedagogos que se destacam na sua atividade profissional, em contexto nacional e internacional. Alguns exemplos de relevante menção: Júlio Cardona⁵¹, Leonor de Souza Prado⁵², Silva Pereira⁵³, Vasco Barbosa⁵⁴ e Gerardo Ribeiro⁵⁵.

Atualmente, o Ensino do violino em Portugal registou um progresso incomparável face a duas ou três gerações atrás. Verifica-se cada vez mais a adesão por parte de jovens motivados em prosseguir carreira musical e a assegurar um crescimento do nível performativo e artístico do instrumento, aproximando-se qualitativamente e conquistando quantitativamente destaques não só dentro de Portugal como, também, no estrangeiro. Vários pedagogos especulam e refletem sobre as razões e motivos para este fenómeno de melhoramento na qualidade da produção de melhores alunos e músicos. Uma conjectura comum é a corrente presença dos novos e antigos valores e abordagens pedagógicas de ambos espaços temporais da pedagogia da música. Verifica-se, portanto, um paralelismo saudável no *ratio* entre a qualidade e quantidade da comunidade educativa artística musical em ambas dimensões da docência e da aprendizagem. Com efeito, o aumento de procura acresce à exposição e investimento em novos talentos, não

⁵¹ Violinista e teórico de renome nacional, com grande relevo no séc. XX, maçom, pedagogo no Conservatório de Lisboa, maestro, compositor, Diretor da Orquestra de Lisboa.

⁵² Violinista e pedagoga no Conservatório de Música do Porto e Academia de Santa Cecília em Lisboa, de renome nacional e importante relevância no séc. XX e XXI, estudou com Albert Zimmer e Carl Flesch, personalidades consideradas históricas no desenvolvimento do violino.

⁵³ Violinista, violetista, chefe de orquestra, solista internacional, maestro e Diretor do Conservatório de Música do Porto. É uma personalidade de renome nacional e internacional, tendo contribuído ativamente em projetos principalmente focados na divulgação de música do séc. XX.

⁵⁴ Para muitos, considerado o melhor violinista português do século XX. Referência fundamental para tantas gerações de músicos, de melómanos e de amadores de música.

⁵⁵ Violinista português e pedagogo de renome nacional e internacional. Foi premiado em competições imponentes para violino a nível mundial (e.g. – Concours Montreal, Competition Premio Paganini; 1º prémio: Vianna da Mota Competition, Maria Canals Competition).

só nos grandes centros culturais do país como Lisboa e Porto, mas, também no restante país, com a abertura de novos projetos e escolas e reprodução de outros, já existentes, em localidades com menos acessos, num processo interessante de progressiva descentralização.

6.3. A Música Portuguesa no Ensino do Violino

A música portuguesa, no contexto da atividade performativa, promoção cultural e, ultimamente, no ensino, só se começou a manifestar já dentro do séc. XX. Nomes como Luiz de Freitas Branco, José Vianna da Mota, Emmanuel Nunes, Jorge Peixinho e Álvaro Salazar são alguns exemplos de músicos e compositores que iniciaram a inserção da cultura musical de origem portuguesa em atividades curriculares acessíveis às escolas de música do país através de seminários, cursos, aulas, entre outros. A partir daqui, até aos dias de hoje, a produção, atividade e procura de material e obras portuguesas tem vindo a crescer, mesmo com a falta de apoio financeiro e governamental que predomina em Portugal, sendo alvo primário das principais críticas à carência e subdesenvolvimento histórico da música portuguesa.“ (...) houve uma transformação social importante da qual resultou um cânone, um conjunto de peças nas quais as pessoas se revêm como importantes para a nossa cultura, e um novo modo de vida musical. (...) o ensino é um dos fatores que os estudiosos referem como fator de perpetuação [deste cânone], porque na verdade alguns professores argumentam que será aquele repertório que os alunos vão ter que tocar na sua vida profissional, o tal cânone histórico.” (António Pinho Vargas in Entrevista para a Revista Musical Portuguesa DACAPO).

Foi então, no séc. XX, historicamente falando, que se iniciou uma época de procura duma metamorfose conceptual da produção criativa, resultando no surgimento de várias vanguardas, estilísticas e expressivas, das correntes artísticas. (Scripcaru, 2014). Portugal começou, então, a aperceber-se do “buraco” evolutivo relativamente ao avanço e produção artística da restante Europa, acontecendo, naturalmente, um salto de aproximação à modernidade europeia corrente. (Domingues, 2014)

Por volta de 1960, verificou-se vontade “de acompanhar as tendências musicais da Europa”, começando pela sensibilização dos jovens compositores e intérpretes portugueses. (Scripcaru, 2014).

“Criou-se um conjunto de músicos especializados naquele tipo de música de vanguarda dos anos 50 e 60 (...), tornaram-se especialistas do conjunto de repertório da Escola de Darmstad e seus derivados.” (António Pinho Vargas in Entrevista para a Revista Musical Portuguesa DACAPO). Assim, a música portuguesa conseguiu descolar com vista à diversificação estilística e expressiva, desenvolvendo vastamente o património nacional artístico e musical. Esta mentalidade, influenciou o universo musicológico português a, eventualmente, tomar uma iniciativa no sentido de restaurar e categorizar obras e compositores negligenciados no passado. Na educação, tem-se vindo a notar avanços de “(...) um sistema educativo e uma oferta de concertos que permita a música erudita chegar aos quatro cantos do território nacional... Acolhimento e divulgação pelos principais meios de comunicação social.” (Vargas, 2011).

Dentro destes moldes, a música portuguesa para violino, teve, efetivamente, maior produção a partir do séc. XX; no entanto, dado o distanciamento entre compositores e intérpretes, pelo grande afluxo de professores violinistas estrangeiros, maioritariamente do leste da Europa, e paralelo “crescimento da classe violinística no país, assim como do número de escolas especializadas e a sua grande diversificação pelo país”, verificou-se um coincidente desinteresse pelo repertório nacional português no setor docente (Fresco, 2017). Apesar da maior produção de repertório, pouco uso lhe foi conferido, tanto em contexto de apresentação pública, como na inserção dos programas das escolas. Para dar ênfase a esta discrepância entre produção e utilidade efetiva do repertório português, cito duas situações expostas por dois músicos e pedagogos portugueses:

“Nos dias de hoje é difícil levar a música erudita às aldeias e cidades mais pequenas. Portugal é dos poucos países da Europa em que o turismo musical não é explorado”. (Vargas, 2011).

“(...) nunca foi compreensível que em Portugal não se invista na interpretação do espólio dos nossos compositores tal como acontece noutros países. Quando chegamos a França somos bombardeados com música francesa, em Inglaterra com música inglesa, em Espanha com música espanhola, em Portugal com música alemã, espanhola, inglesa, francesa...” (Damas, 2014).

A forte monocultura, cujo principal veículo é a transmissão de conhecimentos associados ao cânone histórico das grandes obras e dos grandes compositores, que não

incluem a música portuguesa, é um dos principais fatores impeditivos da desvinculação do ensino e performance do repertório violinístico para com o passado, cuja dependência das principais influências pioneiras do desenvolvimento do instrumento é dominante. (Vargas, 2011)

O violino é um instrumento que, desde o séc. XVII, sofreu muito poucas alterações de construção, pelo que, dada a antiguidade da perfeição estrutural do instrumento, tem tido, um carácter semelhante de execução em termos de afirmação dos fundamentos técnicos e interpretativos que constroem a tradição violinística na música clássica. (Scripcaru, 2014).

Christopher Bochmann, pedagogo e compositor de renome marcante na educação vocacional da música em Portugal e autor de importantes publicações teóricas e registos-documento na recuperação e revisão de partituras reflete sobre a persistência de dois principais problemas na adequação do repertório português: uma falta de atualização nas bases de dados concernentes à música portuguesa mais antiga e a linguagem musical pós-tonal, cuja utilização não é habitual no violino.

Ultimamente, apesar de existir evolução e produção do repertório português a partir do séc. XX, verifica-se ainda uma distância significativa entre a vontade e interesse dos demais órgãos responsáveis pela cultura e divulgação artística nacional e o que é desejável na efetiva propagação e instituição da música portuguesa através dos agentes práticos, educativos e governamentais. *“(...) esta situação não tem ajudado a tirar a criação musical portuguesa mais recente da invisibilidade na qual tem permanecido, principalmente confinada ao âmbito das salas de concerto e reduzida aos efémeros momentos das estreias das obras, que, na sua grande maioria, nunca são ouvidas segunda vez.”* (Casculo, 2003)

7. Aspetos Metodológicos

7.1. Etapas da Investigação

As etapas que estruturam a concretização deste documento em toda a extensão do seu processo de investigação foram as seguintes:

- Definição da temática de investigação;

- Parecer favorável do orientador e da Universidade de Évora na aprovação da temática e projeto de investigação;
- Observação de estudos-caso na Prática de Ensino Supervisionada, com foco na aferição de problemas (e.g. défice de repertório de compositores portugueses no plano programático do aluno);
- Estudo de Bibliografia relacionada com temáticas associadas ao Repertório Português e, se possível, o seu contexto manifesto nos Ciclos em estudo;
- Realização de informação conducente ao conhecimento empírico dos agentes (docentes e alunos) do sistema de Ensino Artístico em Violino, predominante no local em que decorre o estudo;

7.2. Métodos e técnicas de Investigação

Ao longo do período de investigação e elaboração do Relatório, foram utilizados três tipos de abordagens qualitativas no processo de recolha, tratamento e análise de informação adquirida e respetivas conclusões e reflexões resultantes.

- Enquadramento teórico

A bibliografia e documentação recolhida pertinente para a contextualização, categorização, compreensão e aprofundamento a vários níveis, nomeadamente documental, histórico, teórico e prático, relevantes para a temática englobam a sintetização do enquadramento histórico dos demais conceitos necessários à contextualização da temática, solicitação de consulta dos programas de estudo em Violino oficiais do Conservatório Nacional e organização e categorização cronológica de Repertório Português relevante na utilização em contexto educativo nos vários Ciclos em estudo;

- Experiência

A observação dos alunos, da prática educativa da Orientadora Cooperante e o acompanhamento de atividades escolares, nomeadamente, audições da classe, masterclasses e provas técnicas e recital de violino da escola, facilitaram o desenvolvimento da temática e a aferição de novos conhecimentos e perspetivas pedagógicas e de administração de ensino.

- Registo Empírico da perceção Docente e do Aluno

Recolha das opiniões, perspetivas e conhecimento empírico da Orientadora Cooperante e respetiva classe de violino da instituição anfitriã da PES, através de perguntas comuns elaboradas no contexto e pertinência da temática e projeto de investigação.

7.3. Estrutura do conteúdo da Investigação

Nesta investigação são delineadas:

- Caracterizações resultantes da prática educativa na sua componente de observação e intervenção e a relação entre o conhecimento empírico dos agentes do ambiente educativo associado à temática, aos Ciclos em estudo e o material didático disponível em contexto do Ensino Artístico em Violino;
- Recolha e organização de lista bibliográfica diferenciada, para Docentes e Alunos, de Repertório Português pertinente a cada grau constituinte dos Ciclos em estudo em violino;
- Análise da bibliografia relativa à temática de investigação;
- Reflexão e opinião crítica acerca do exercício de cultivo, divulgação, preservação e evolução da música portuguesa integrada no Ensino Artístico do Violino.

7.4. Origem da informação recolhida em contexto da PES

Neste subcapítulo serão expressadas as origens da informação relativamente à recolha e seriação do repertório português existente para violino, a adequação e utilização deste repertório na classe com que se trabalhou, bem como através da observação de provas intercalares e periódicas de violino da EAMCN. Foi também efetuada via e-mail uma curta entrevista à Orientadora Cooperante, e, ao longo do ano letivo, foram recolhidas respostas na forma de inquérito por meio presencial aos respetivos alunos da classe da professora Anne Victorino d'Almeida. Todas as respostas pelos alunos são anónimas, não havendo especificação de género nem identidade.

A recolha e seriação do repertório português existente para violino foi elaborado com referência a listas abertas facultadas a pedido e pesquisa da mestranda, nas seguintes fontes: André Fresco (2017), AvA Musical Editions, base de pesquisa online do Centro

de Investigação & Informação da Música Portuguesa (MIC) e Biblioteca Nacional de Portugal.

Para fins comparativos, de auxílio estatístico e enriquecimento de perspetivas pedagógicas de entidades nacionais na Música, são utilizados dados de 2015/2016, recolhidos por Fresco (2017), num estudo efetuado dentro do espectro da presença e atividade da música portuguesa na comunidade educativa a nível nacional. Assim, articulado com o referido acima, pretende-se elaborar uma proposta de resolução de problemas associados à despromoção do repertório português relativamente às obras reconhecidas como essenciais à formação violinística em Portugal. Numa perspetiva equilibrada com as restantes determinantes de formação, reflete-se uma possível contextualização de um modelo programático, nos graus que constituem os Ciclos em estudo, que não menospreze o repertório português em face desta monocultura criada à volta do repertório convencional do instrumento.

8. Adequação do Repertório Português no Ensino do violino

8.1. Perspetivas de utilização do repertório português no Ensino do violino em Portugal

Este subcapítulo foca-se numa simbiose de ambos métodos qualitativo/comparativo e qualitativo/entrevista no contexto da PES. É, portanto, uma estrutura que engloba as semelhanças e divergências entre a experiência e observação diretos com uma fonte estatística a nível nacional de parâmetros equivalentes no que concerne à utilização do repertório português no Ensino do Violino.

Pelo menos nos últimos 3 anos, o panorama nacional da utilização do repertório português tem-se revelado subdesenvolvido. A opinião geral nas comunidades educativas do Ensino Artístico Especializado, em conformidade com a informação recolhida no decorrer da PES, foca-se no difícil acesso às obras, na falta de interesse e/ou conhecimento, na carência de repertório com intuito pedagógico e a falta de investimento e financiamento por parte da Estado no setor cultural, o que impede e condiciona a qualidade e quantidade com que as obras musicais são publicadas e divulgadas. No entanto, pelo lado positivo, e, apesar do enquadramento negativo, verifica-se reconhecimento pela qualidade da música portuguesa e a sua adequação ao Ensino.

No percurso da PES, observou-se e registou-se uma realidade em que o repertório português está presente nos programas e, com mais importância, se mostra relevante na aprendizagem e enriquecimento do conhecimento dos alunos. A nutrição deste tipo de repertório na estrutura da prática educativa promove a cultura através da motivação dos professores em despertar o interesse dos alunos em aprender para além do que é convencional.

8.1.1. Docente

A exploração e adequação do repertório português, no âmbito da educação, está dependente de vários elementos integrantes da comunidade escolar. No entanto, a influência do docente no desenvolvimento da inserção do repertório nacional no programa educativo do violino é um dos principais fatores que vai ditar nos curto e longo prazos a criação e afluência do repertório nacional acessíveis ao panorama pedagógico.

Compete ao professor, em correlação com os parâmetros do PEE e do Programa de Violino da escola em que leciona, averiguar a bondade utilização do repertório português no Ensino Artístico Especializado.

Segundo um estudo realizado por Fresco (2017) em 2015/2016, verifica-se, na perspectiva docente, a nível nacional, um balanço positivo na utilização do repertório português em contexto educativo. No entanto, são mais os professores que confirmam utilizar o repertório português esporadicamente, e, consideravelmente menos, do que os que o utilizam periodicamente (pelo menos uma vez por ciclo, uma vez por ano ou por período). Globalmente, destacam-se duas perspectivas contrastantes: a utilização do repertório português deve ser obrigatória, a fim de expor ao aluno a linguagem musical portuguesa, mesmo que nem sempre haja um forte fundamento na sua utilidade pedagógica mas sim performativa; a inclusão de uma obra portuguesa não se deve cingir apenas ao facto da nacionalidade, mas sim pela qualidade pedagógica que possa acrescentar ao percurso do aluno, sendo necessário permanente interesse e entusiasmo em procurar e criar repertório que seja acessível aos vários graus de Ensino. Esta última perspectiva soma um maior número de apoiantes.

A EAMCN, sendo uma das principais escolas do Ensino especializado da Música, tem um papel fundamental na visão pedagógica que se desenvolve à volta do repertório

português e a sua inserção nos programas de instrumento e classes de conjunto. Através de uma entrevista à Orientadora Cooperante e respetivos alunos da classe, foi possível retirar uma apreciação de como, na classe de Violino, esta problemática é encarada. *Na classe de violino da EAMCN, a música portuguesa é obrigatória há vários anos porque existe interesse e vontade. Foi uma decisão de classe tomada há mais de 10 anos.* (Anne Victorino d’Almeida, 2018)

A utilização do repertório português é geralmente vista ainda como insuficiente. No entanto esta afirmação costuma ser rematada com um apontamento positivo de que, lentamente, começam a verificar-se manifestações de gradual frequência da vontade e compromisso em conhecer e divulgar o repertório português ao mesmo nível que outro repertório com igual qualidade e interesse. Esta perspetiva é partilhada por vários pedagogos, compositores, maestros e intérpretes, como se verifica nas seguintes citações:

Ainda a considero bastante insuficiente (a utilização do repertório português), tendo em conta o repertório que já existe. No entanto, julgo que é um processo lento, mas encaminhado, pois tenho detetado que existe uma vontade e uma atenção de incluir cada vez mais a música portuguesa nas escolas e nos concursos. (Anne Victorino d’Almeida, 2018)

(...) é indispensável que as instituições culturais de maior relevo se interessem em promover a música portuguesa. Logicamente que não devemos menosprezar as grandes obras da música ocidental (estas assim o são porque se evidenciaram), porém há sempre espaço para descobrir e divulgar música portuguesa. Talvez sejamos surpreendidos com o que vamos encontrar. (Tiago Derriça, in entrevista por Fresco, 2017)

A música portuguesa começou por não ter qualquer relevo, pois fui habituado a pensar que ou não tínhamos música, ou que, excetuando a música da renascença, era de fraca qualidade. Com o decorrer dos tempos, resultante do contacto mesmo embrionário, com o que havia, tomei consciência da enorme qualidade da nossa música mais antiga. Acrescento ainda a consciência da qualidade da composição atual portuguesa. – (Eugénio Amorim, in entrevista por Fresco, 2017)

No que toca ao violino, há uma característica que torna o processo de utilização do repertório português na educação violinística algo subdesenvolvido: o facto de que até

meados do séc. XX uma grande parte dos professores de violino nas escolas portuguesas serem estrangeiros. Isto depois tem um efeito de aplicação de métodos antiquados entre gerações, o que poderá influenciar a negligência pelas tentativas de divulgação, pesquisa e aplicação do repertório português. Assim, pelo desconhecimento, o repertório português cai, erradamente, numa impressão de fraca qualidade e quantidade.

Acho que esta impressão (de falta de conhecimento) se deve em grande parte à falta de procura da parte de muitos professores. (...) Acontece que na recente história do ensino dos instrumentos de corda em Portugal, muitos dos professores mais influentes são estrangeiros nomeadamente do antigo bloco de leste - músicos que nunca abordaram a música portuguesa na sua própria formação. A descoberta destes repertórios (novos para eles) requer uma atitude de inovação pedagógica e de curiosidade geral que poucos têm. (...) Por causa da sua formação geral, muitos portugueses acabam por desenvolver o preconceito de que o que é português deve ter pouca qualidade. O preconceito nasce da ignorância. (Bochmann, in entrevista por Fresco, 2017)

(...) o problema, infelizmente, são os professores que preferem continuar a utilizar as velhas fotocópias que receberam dos seus professores e não investir em materiais novos. Jovens professores com mentes velhas... (Pérez, in entrevista por Fresco, 2017)

(...) é preciso que os professores de violino reconheçam, também, o esforço que as editoras têm feito nos últimos anos na edição de obras portuguesas que acabam por ficar muitas vezes esquecidas nas prateleiras. (Campos Costa, in entrevista por Fresco, 2017)

A opinião e postura que o docente toma relativamente à utilização do repertório português é o que, ultimamente, vai moldar o pensamento e mentalidade dos seus alunos face ao mesmo. É um papel muito importante a desempenhar e deve ser, portanto, uniforme na prática educativa. Cada aluno tem a sua especificidade no seu percurso. No entanto, existindo repertório de origem portuguesa com tanta qualidade e adequação ao ensino, este deve ser dignamente divulgado e utilizado, com possibilidade de extensão à utilização por parte de escolas estrangeiras também. Segundo o organizador e Maestro Campos Costa, os concorrentes estrangeiros do concurso de

instrumentos de arco “Julio Cardona”, geralmente consideraram de modo interessante o facto de terem de interpretar uma obra portuguesa pelos pedidos feitos pelos concorrentes, posteriormente ao concurso, de mais obras portuguesas para incluírem nos seus repertórios. Algumas dessas obras tiveram um sucesso assinalável no estrangeiro quando foram executadas pelos concorrentes.

Na grande maioria dos concursos em Portugal é obrigatória uma peça portuguesa em vários escalões. Nas escolas que levam os alunos a concorrer, logicamente, têm que promover a inclusão de música portuguesa nos seus programas. (afirmação comum a dois alunos da classe de violino da prof. Anne Victorino d’Almeida, 2018)

8.1.2. Aluno

Articulado com as razões referidas no subcapítulo anterior existem alguns efeitos menos positivos que, embora se verifiquem cada vez em menor quantidade nos tempos que correm, ainda se confirmam nalguns percursos académicos e profissionais do universo violinístico – alunos, professores e intérpretes ativos no ecossistema musical português. Um dos principais aspetos é que muitos profissionais músicos na educação e/ou na atividade performativa têm carência na exploração e estudo de música portuguesa durante o seu percurso académico. Há casos de num percurso integral de Conservatório (Iniciação, Ensino Básico e Ensino Secundário) nunca se ter trabalhado ou estudado uma obra portuguesa. A partir daqui, registam-se, também, casos mais ligeiros de pouca abordagem da linguagem musical portuguesa, mas com alguma presença parcial ou total nos vários níveis de ensino.

(...) pelo pouco interesse que os professores de violino têm tido, eles próprios, pela música portuguesa, propondo aos seus alunos sempre as mesmas obras musicais. (Campos Costa, in entrevista por Fresco, 2017)

Felizmente, contrapondo a falta de critério generalizada da música portuguesa nas escolas a nível nacional (Fresco, 2017), no caso da EAMCN, os alunos surpreenderam pela positiva com comentários positivos e adeptos da música portuguesa como ferramenta de enriquecimento pedagógico e cultural⁵⁶. Como está descrito em pormenor no Anexo 5, foram colocadas quatro questões aos alunos diretamente nas horas úteis da PES. Com a informação recolhida, conclui-se que a maioria dos alunos da classe da

⁵⁶ Os destaques das respostas dos alunos encontram-se, na íntegra, no Anexo 5.

professora Anne Victorino d'Almeida já trabalharam obras portuguesas, verificando-se ausência de prática apenas nos graus mais iniciados (2º ao 4º Grau). Curiosamente, no tratamento e análise das respostas dos alunos verificou-se, consideravelmente, pontos de vista comuns e em concordância com a filosofia de ensino exposta pela professora e, por sinal, respeitada por toda a classe de Violino da EAMCN, o que significa que, no ambiente educativo da escola, o respeito, consideração e consciencialização dos ideais que um professor transmite são intrínsecos na formação e construção da mentalidade dos alunos.

Sendo um aluno português, é importante conhecer e contactar com a música que partilha a mesma origem. (afirmação comum a todos os alunos da classe da prof. Anne Victorino d'Almeida, 2018)

A professora faz questão que, também, se aprenda com o repertório português para violino. Existem obras com muita qualidade e utilidade para a técnica e performance do violino que servem o mesmo propósito que outro repertório mais conhecido. (sentido geral em afirmação comum a 9 alunos da classe de violino da prof. Anne Victorino d'Almeida, 2018)

Isto é altamente positivo para o bom desenvolvimento e controlo da utilização do repertório português com vista à progressiva, porém lenta, diversificação dos programas de violino em Portugal, já que estes, são pela força histórica, primariamente fundamentados no repertório convencional e de origem estrangeira. Dada a influência e parcial liderança da EAMCN no Ensino Especializado da Música em Portugal, que não passam despercebidas às restantes escolas do país, estes resultados poderão fazer chegar às restantes escolas do país a ideia de que inserir o repertório português nos programas de violino é possível, pertinente e adequado aos vários níveis de Ensino, promovendo a formação de alunos que conheçam e desfrutem de uma cultura musical alargada.

Acredito que todos os alunos da EAMCN contactam com música portuguesa, diria que é obrigatório, pelo menos em violino e nos grupos de música de conjunto. Há muitos professores que são ou têm muito contacto com compositores portugueses o que torna inevitável o acesso e estudo deste repertório.” (afirmação comum a quatro alunos da classe da prof. Anne Victorino d'Almeida, 2018)

8.2. Adequação do Repertório Português no Ensino do Violino

A música portuguesa tem maior conteúdo concentrado nos séc. XX e XXI, ou seja, dentro de uma linguagem maioritariamente pós-tonal. Relativamente à música antes do contemporâneo, nas palavras do professor Christopher Bochmann (*in* entrevista por Fresco, 2017) “*as problemáticas da música portuguesa mais antiga - digamos até mais ou menos Joly Braga Santos ou Lopes-Graça - é algo diferente da música portuguesa contemporânea. A primeira sofre de falta de conhecimento de falta de critério em selecionar as obras de maior valor musical.*”

Esta diferença em quantidade de música entre as épocas mais antigas e modernas, torna o panorama musical português maioritariamente dependente do entendimento de uma linguagem contemporânea, o que, no que abrange o repertório convencional do violino, não é a mais fluente no contexto educativo.

Outro aspeto é a dominância da idealização para a composição de obras fundamentadas e com destino à ocasião de concerto/performance, o que poderá dificultar a justificação pedagógica para a utilização dessas peças.

A tendência de um compositor é de idealizar uma interpretação de nível profissional - mas isto não quer dizer que toda a música deve ser difícil.
(Bochmann, *in* entrevista por Fresco, 2017)

Existe um aspeto pouco positivo concernente à adequação do repertório português. Comparando a EAMCN com informação estatística a nível nacional, existe semelhança na correspondência dos resultados obtidos – discrepância da utilização do repertório português entre os graus mais avançados (do 6º ao 8º grau) e os graus mais iniciados (1º ao 5º grau). Segundo Fresco (2017), a nível nacional, verifica-se uma diferença de sensivelmente 20% na utilização do repertório português entre o Ensino Básico e o Secundário, sendo que aproximadamente 50% dos professores utilizam repertório português no Ensino Secundário e apenas 27% dos professores utilizam no Ensino Básico.

Nos dados recolhidos em contexto da PES, dos alunos entre o 2º e o 5º Grau (6 alunos) 3 alunos (todos 2º e 4º grau) alegaram nunca terem trabalhado uma peça portuguesa em violino ou, pelo menos, no ciclo em que se encontram atualmente, enquanto que a totalidade dos alunos entre o 7º Grau e o 8º/12ºano Profissional (4 alunos) já

trabalharam. No entanto, é relevante mencionar a existência abundante de peças com inspiração na música tradicional portuguesa integradas nos anos de Iniciação. Isto deve-se à necessidade do carácter apelativo e familiar que a música deve ter para conquistar e manter o interesse das crianças mais novas. A quebra deste afastamento dos velhos métodos e aproximação da relação nacional/regional com a música dá-se na transição da Iniciação para o nível Básico, o que poderá significar a existência de um *gap* em termos de dificuldade técnica e performativa no repertório.

Tal como há boa música estrangeira, também há boa música portuguesa não só para tocar profissionalmente, mas também para aprender. Ao utilizar a música portuguesa, é possível perceber melhor o que é bom, o que é mau e o que se pode aplicar nos níveis de ensino das escolas, como se verifica no repertório convencional do violino. (sentido comum às afirmações de quatro alunos da classe de violino da Prof. Anne Victorino d’Almeida, 2018)

Um comportamento que se destacou e é curioso é a necessidade comum da totalidade dos alunos que não trabalharam obras portuguesas para violino, de justificar que já tiveram contacto com repertório da mesma origem noutra contexto do seu plano curricular, nomeadamente música de conjunto.

A utilização da música portuguesa não se limita ao contexto das aulas de instrumento, também é tocada nos grupos de música de conjunto (coro, orquestras, música de câmara). (sentido comum às afirmações de seis alunos da classe de violino da Prof. Anne Victorino d’Almeida, dos quais 3 correspondem aos alunos que não estudaram música portuguesa no presente ciclo de Ensino)

Este padrão comportamental confirma o sentido de obrigatoriedade para com o conhecimento e legitimidade da música portuguesa como forma de validação do conceito de um “bom aluno” e de um percurso de qualidade. A carência e desconhecimento do repertório nacional poderá significar, na mente destes jovens, uma falha no seu percurso académico na música.

8.2.1. Ensino Básico

Como referido acima, verifica-se que a aplicação do repertório é menos frequente no Ensino Básico. No entanto, existem obras para os vários níveis de ensino com vários compositores interessados em escrever repertório com enfoque didático.

Desde à música de Eurico Carrapatoso, Sérgio Azevedo, Luiz de Freitas Branco, Joly Braga Santos, Lopes-Graça e até a minha, existem obras adequados para os mais diversos níveis de aprendizagem. (Anne Victorino d'Almeida, 2018)

No contexto da PES, apenas um aluno do Ensino Básico estudou uma obra portuguesa. (Aluno E, 5º grau).⁵⁷

Segue uma proposta de algum repertório que pode ser estudado no nível de Ensino Básico, com base na observação da PES, lista de obras portuguesas disponíveis para violino, utilização do repertório observada na classe de violino da EAMCN e informação de utilização do repertório a nível nacional por vários professores e alunos em várias escolas categorizada por Fresco (2017).

Obras portuguesas com adequação ao Ensino Básico	
Obras	Compositores
Canção	Jorge Croner de Vasconcellos
Canção de Embalar	Luiz Costa
Cantilena	Nuno Jacinto
Chorinho nº 2	Eurico Carrapatoso
Concertino Pequenote (2º ciclo)	Anne Victorino d'Almeida
Fantasia sobre um tema de Schumann	Anne Victorino d'Almeida
Melodia	Jorge Peixinho
Pequeno Concerto Fácil para Violino (2ª ciclo)	Rogério Medeiros
Quatro Miniaturas	Fernando Lopes-Graça
Serenata Brasileira	Carlos Viana de Almeida

⁵⁷ No anexo 6 encontra-se descrito em pormenor os alunos e respetivas obras portuguesas ao longo do ano 2017/2018

Tabela 5 - Obras portuguesas com adequação ao Ensino Básico (Fonte: elaboração própria com base nas origens referidas acima)

8.2.2. Ensino Secundário

No Ensino Secundário, sendo um nível de ensino que culmina o conhecimento da escolaridade obrigatória e poderá servir como “ponte” entre uma nova categoria de Ensino já com uma vertente especializada e com enfoque profissional – Ensino Superior, naturalmente, o repertório disponível é de maior quantidade e exigência.

Em conformidade com a maior concentração de repertório escrito para acrescentar ao repertório profissional/de concerto, é mais fácil aplicar aos parâmetros e objetivos do Ensino Secundário obras de dificuldade gradual e complexidade da linguagem musical. Dado que, maior parte do repertório português está inserido nos séc. XX e XXI, muita da música disponível expressa-se com elementos da comunicação estilística pós-tonal, o que, por norma, requer uma capacidade de interpretação e perícia técnica mais avançada. No entanto, este tipo de linguagem não é inacessível à aprendizagem, contribuindo para a expansão expressivo-musical da capacidade técnica e interpretativa, principalmente para um instrumento como o violino, que, dada a sua antiguidade, tem uma forte ligação ao repertório convencional e respetivas linguagens estilísticas⁵⁸.

No contexto da PES, 3 dos 4 alunos do Ensino Secundário estudaram obras portuguesas no ano letivo 2017/2018 (Aluno G, 7º Grau; Aluno I, 8º Grau; Aluno J, 12º Ano Curso Profissional)⁵⁹

Segue-se uma tabela com a proposta de algumas obras portuguesas adequadas ao Ensino Secundário baseadas na observação da PES, lista de obras portuguesas disponíveis para violino, utilização do repertório observada na classe de violino da EAMCN e informação sobre a utilização do repertório a nível nacional por vários professores e alunos em várias escolas categorizada por Fresco (2017).

⁵⁸ Maior densidade de repertório considerado como essencial à formação violinística nas épocas anteriores ao séc.XX. E. g. – Barroco, Clássico, Romantismo, Neo Classicismo, entre outros.

⁵⁹ No anexo 6 encontra-se descrito em pormenor os alunos e respetivas obras portuguesas ao longo do ano 2017/2018

Obras portuguesas com adequação ao Ensino Secundário	
Obras	Compositor
“...Para uma voz sem acompanhamento”	Eduardo Luís Patriarca
Anticlockwise	Tiago Cabrita
Bruma	Cláudio Carneyro
Chorinho nº 1	Eurico Carrapatoso
Chorinho nº 2	Eurico Carrapatoso
Concerto para violino	Luís de Freitas Branco
Esponsais	Fernando Lopes-Graça
Fantasia para violino solo	Francisco Sá de Noronha
Fantasia sobre um Tema de Schumann	Anne Victorino d’Almeida
Nocturno	Joly Braga Santos
Quatro estudos para violino	António Pinho Vargas
Romance	Luís Barbosa
Sonata nº1 para violino e piano	Luís de Freitas Branco
Sonata para violino e cravo	Francisco Xavier Baptista
Suite Romântica	António Fragoso
Three steps for the fall	Jorge Prendas

Tabela 6 – Obras portuguesas com adequação ao Ensino Secundário (Fonte: elaboração própria com base nas origens referidas acima)

8.2.3. Avaliação

No que toca à avaliação sobre a utilização da música portuguesa nos programas de instrumento das escolas, reflete-se à volta do conceito de obrigatoriedade.

A obrigatoriedade garante, realmente, que um coletivo seja abrangido totalmente no contacto com determinado objeto, neste caso, a música portuguesa na educação. No entanto, que diversidade de reações é possível obter pelo sentido da imposição? E com que taxa de sucesso se instala o interesse, gosto e apreciação desta música num exercício com continuidade no estudo académico, profissional e/ou pessoal?

A opinião geral, é que sim, deveria ser obrigatório, mas não só pelo facto de ser música portuguesa, mas principalmente por ser música de qualidade, com relevância para a aprendizagem e pelo gosto de ensiná-la e tocá-la. Existe uma proximidade familiar e íntima com a cultura. A tradição e cultura regional e nacional não é algo que deva ser obrigatório por imposição, mas sim por interesse, vontade e entusiasmo em conhecer e saber sobre o que tem qualidade e merece ser distinguido e imortalizado na própria origem, ou seja, Portugal.

Esta ideia advém das interações com os elementos constituintes do percurso da PES e do voto de pedagogos portugueses ativos que se assinalaram nesta problemática:

O obstáculo que existe será, a meu ver, o hábito de ouvir, aprender e incluir música portuguesa no repertório que tocamos e ensinamos. (Anne Victorino d'Almeida, 2018)

Toda a imposição tem tendência de ser contestada, ou ser cumprida apenas por obrigação. O que é preciso alterar é as atitudes dos professores: é fundamental que estes se interessem musicalmente pelo repertório que utilizam. O entusiasmo musical teria um efeito contagiante muito maior do que a imposição. (Bochmann, in entrevista por Fresco, 2017)

O respeito e o gosto se conquistam, não se impõem. (Pérez, in entrevista por Fresco, 2017)

Na EAMCN, apesar de não constar oficialmente no programa de violino a obrigatoriedade de uma peça portuguesa, esta acaba por sê-lo. Há já pelo menos 10 anos que consta nos vários momentos de avaliação – contínua, intercalar e/ou periódica. Pelo que se verifica, não apenas pela origem, mas porque há um entendimento que é música que vale a pena ser tocada. Os alunos, quando inquiridos sobre a inserção da música portuguesa no ensino, demonstraram em grande maioria, um sentido de dever para com o conhecimento da música portuguesa conforme sentem pelo repertório convencional e essencial à formação violinística.

A minha experiência é muito agradável, música muito interessante de trabalhar, uma linguagem menos comum do que se está habituado e acho que essa é a maior dificuldade. De resto, acessível.

A música contemporânea tem um discurso diferente ao que um violinista estudante está habituado no mundo do repertório convencional, mas no fim faz tudo sentido e é mais um universo da música que se fica a conhecer um pouco melhor através de música portuguesa. (Comentários de dois alunos do Ensino Secundário da classe da Prof. Anne Victorino d’Almeida, após inserir as obras portuguesas numa escala de dificuldade).

A avaliação sob regime de obrigatoriedade é algo que deve ser ponderado e cuidado na abordagem do professor para o aluno. Tendo em vista o objetivo de motivar o desenvolvimento para o crescimento do interesse e entusiasmo por parte do aluno, é necessário ter em conta as diversas variáveis que cada caso apresenta e agir em conformidade, envolvendo o aluno numa relação com a música de forma acessível, mas também, se em contexto desafiante, aprofundando e criando raízes com a música alvo – neste caso, portuguesa.

8.3. Acesso, administração e divulgação do repertório português para violino na EAMCN

Os meios de acesso e divulgação são determinantes para o estatuto pedagógico, ou mesmo performativo da música. Sem meios eficientes, facilmente se cria a ideia de que ou não existe ou é de fraca qualidade e, portanto, não há quem a toque.

Há uma relação direta entre essa escassez e o desconhecimento por parte dos intérpretes em relação ao repertório nacional. Uma coisa alimenta a outra. (Derricha, in entrevista por Fresco, 2017)

Ao nível do acesso, por ordem decrescente de importância, as editoras, a investigação musicológica, os compositores e os professores são os maiores veículos. A partir do interesse destas partes, poderá haver espaço para a ramificação do mesmo por outros elementos das comunidades musicais e educativas – entidades culturais, intérpretes, alunos...

(...) pela valorização dentro de portas da nossa arte e dos nossos artistas. O panorama cultural no nosso país demonstra uma grande falta de autoestima coletiva. Como queremos ser admirados por outros se não nos admiramos a nós próprios? (Derricha, in entrevista por Fresco, 2017)

Uma grande vantagem da EAMCN é ter a AvA Musical Editions⁶⁰ “à porta” da instituição. Esta editora “tem como objetivo a divulgação e promoção da Música Portuguesa” como está descrito no site oficial. A proximidade geográfica da loja com a instituição facilita tanto aos professores como aos alunos aceder a um vasto inventário de música portuguesa que data “desde o século XVIII até à produção contemporânea”⁶¹ em suporte de papel (partituras) e catálogo digital.

Outra vantagem é a afluência de compositores vivos, docentes na instituição ou associados (e.g. – alumnus, elementos de projetos comuns com outros docentes). Os alunos ao saberem que vivem, diariamente, num ambiente em que a criatividade musical respira por dentro da instituição tem uma aura inspiradora e entusiasta, além de que, o contacto direto é facilitado.

(...) não deveria existir qualquer dificuldade (no acesso à música portuguesa) uma vez que já existem editoras que divulgam e vendem obras portuguesas de forma muito eficaz. Relativamente aos compositores que optaram por não editar as suas obras, desde ao contacto por email ou redes sociais, nos dias de hoje é facilimo contactar alguém em qualquer parte do mundo. (Anne Victorino d’Almeida, 2018)

A divulgação é a “cara metade” do acesso e, sucintamente, nas palavras do Maestro Campos Costa “a melhor maneira de divulgar as obras nacionais é tocando-as; ou incluí-las nos programas oficiais, ou ainda as incluir como obras obrigatórias em concursos nacionais (...)”⁶²

A EAMCN, promove imensas atividades desde masterclasses com músicos de renome nacional e internacional, concertos de música de câmara com conteúdo programático diversificado nos quais também participam docentes da instituição, palestras com enfoque em assuntos de carácter prático (e.g. – gestão de carreira, performance...) ou de investigação (e.g. – musicologia, história da música...)

⁶⁰ Outras fontes nucleares relevantes no acesso da música portuguesa são: CIMP (Centro de Informação & Investigação da Música Portuguesa e Biblioteca Nacional de Portugal.

⁶¹ Citação direta da página inicial do site oficial da Ava Musical Editions (<http://www.editions-ava.com/>)

⁶² Um exemplo que é relevante mencionar é o MPMP Ensemble, cujo nome significa “movimento patrimonial pela música portuguesa”. Como o nome indica, é um Ensemble exclusivamente dedicado à divulgação, preservação e desenvolvimento da música portuguesa erudita e contemporânea. O projeto já levou a música portuguesa ao estrangeiro e conta com a participação de intérpretes e outras entidades importantes na cultura musical portuguesa. (<http://mpmp.pt/ensemble-mpmp/>)

No que toca ao violino, como já foi referido anteriormente, a classe, já há mais de 10 anos que conta com a inserção obrigatória do repertório português, pois existe interesse e vontade, segundo a professora Anne Victorino d'Almeida. De facto, ao longo do ano letivo 2017/2018, verificou-se a presença da música portuguesa em vários momentos (aulas, audições e avaliações) e a opinião defensora e otimista de grande parte dos alunos da classe na inserção programática, práxis e divulgação de repertório português.

9. Conclusão

Desde o início deste projeto, sabia que tinha uma ideia ainda algo rudimentar do universo da música escrita em Portugal. E aqui começa o problema.

No meu caso, a primeira vez que tive contacto com música portuguesa no meu instrumento – o violino – foi já no Ensino Superior. Nos níveis de Ensino anteriores, apenas experienciei uma abordagem em contexto de música de conjunto: melodias tradicionais arranjadas para música de conjunto nos tempos iniciais de aprendizagem e grupo de música contemporânea. No espaço da Licenciatura, não foi possível trabalhar o suficiente para poder obter conhecimento já com alguma profundidade sobre a música portuguesa, tendo que continuar, também, a estudar e conhecer outro repertório mais importante, que não português, “pelo qual todos os violinistas passam”, “os essenciais” (era a postura que mantinha e que me foi cultivada). No entanto, toda a experiência no contacto com a música lusitana fez-me debruçar sobre o estudo das obras e despertou repetidamente a minha curiosidade em conhecer e procurar melhor. Porquê? Pelas mesmas razões que encontrei noutra repertório mais conhecido, mais tocado e inserido mais vezes no repertório programático de violino. Qual é o ponto de encontro? O valor musical é igualmente elevado. No entanto, passei, como outros tantos passaram, a vida académica até ao Ensino Superior a pensar no que seria da música portuguesa? Se existia? Se era boa música? Se valia a pena tocar? Questões que caíram sempre no esquecimento, pois também não havia estímulo. Uma criança, um adolescente, para que desenvolvam a paixão e entusiasmo pela música, naturalmente, precisam de incentivo, inspiração, motivação, de uma referência, de um professor.

Reflexão após reflexão levou-me a querer fazer deste o meu projeto de investigação quando ingressei no Mestrado em Ensino, pois percebi que a educação é uma grande parte da estrutura que eleva o panorama do repertório português. Depois, no contexto da

PES, foi-me concedida a oportunidade de estagiar numa das mais prestigiadas escolas do país com um músico que além de professora de violino, é, também, compositora. Não seria possível um contexto melhor do que o que me foi proporcionado.

Houve muitos elementos do projeto que tiveram de ser reformulados, muitas ideias que, erradamente, havia construído sobre o contexto da música portuguesa, que felizmente resultaram num esclarecimento e enriquecimento profissional e pessoal que, decerto, me farão uma professora mais informada e ciente daqui em diante. No fim, descobri todo um vasto universo ainda por explorar, dentro do qual pretendo dar continuidade no aprofundamento do conhecimento e no exercício da minha atividade docente.

Na secção de Investigação, a sensação na conclusão do presente Relatório é “agridoce”. Isto porque, por um lado, existe um crescente otimismo na evolução do repertório português, principalmente na inserção e adequação para o Ensino. Por outro, o estado embrionário que permaneceu estagnado durante demasiado tempo fez dos meios de acesso – divulgação, recursos, financiamento e até mentalidade – tornarem-se lentos no seu processo de recuperação/evolução e, portanto, a música portuguesa, está periodicamente atrasada comparada ao resto do mundo. Aplicado ao violino, o cânone pedagógico do instrumento está construído sob bases de repertório estrangeiro, bem como um corpo docente maioritariamente estrangeiro. Ora, com este contexto e estes mecanismos ainda agora referidos surge um fenómeno de travagem na impressão de valorização, qualidade e reconhecimento do repertório português.

Mesmo com a situação descrita acima, os esforços vêm de todas as direções para mudar mentalidades e posturas relativamente à música portuguesa.

Na classe de violino da EAMCN, é um projeto já com mais de 10 anos em que o repertório português é muito importante na formação dos alunos graduados pela instituição e eles próprios o assumem. Se isto já começa a acontecer na escola onde o Ensino Artístico Especializado nasceu, certamente, a seu passo, irá alastrar-se pelo resto do país, descentralizando-se. O fulcral é não parar os esforços por parte dos elementos das comunidades educativas – professores, intérpretes, compositores – que gerem a afluência e metamorfose dos ideais pedagógicos do Ensino, promovendo a diversidade e flexibilidade expressivo musical na formação dos alunos.

Por fim, e ao que se considera ser a maior problemática, e que se verificou tanto na vertente de pesquisa como na de observação da PES, é o desequilíbrio do conteúdo

programático do repertório português (que já é vasto) entre os níveis de Ensino mais avançados e os mais iniciados. Isto deve-se ao facto de a idealização da escrita do repertório instrumental ser, em grande medida, para o exercício profissional. É importante deixar uma nota de sensibilização aos compositores e professores, a necessidade de um desenvolvimento efetivo do repertório destinado aos graus iniciais e intermédios do Ensino Básico.

A adequação do repertório português para violino está em desenvolvimento e prevê-se um cenário positivo daqui em diante, dadas declarações de alunos, professores e músicos entusiastas da execução de música portuguesa, e em conformidade com o melhoramento do panorama geral desta e nos esforços das editoras e projetos de divulgação. No entanto, considero que ainda é um longo processo a percorrer, pois o equilíbrio entre a quantidade e qualidade do repertório que se verifica pertinente para a utilização pedagógica ainda afigura insuficiente, pela observação da abordagem quase total no Ensino Secundário e precária no Ensino Básico, possivelmente pela influência do cânone pedagógico violinístico, de lenta atualização em Portugal.

Por último, está no interesse, empenho e entusiasmo de cada indivíduo que se insira na comunidade violinística em Portugal, de contribuir para a atualização e renovação do repertório para violino ao promover o repertório português que tem utilidade pedagógica e merece ser tocado tanto quanto as obras que se inserem nos alicerces da performance do violino. A sapiência dos professores e mentalidade dos jovens são fatores que vão determinar o surgimento e descoberta de novos conteúdos, que resolvam as problemáticas identificadas e que tornem, progressivamente melhor, a adequação deste repertório ao Ensino.

Referências Bibliográficas

BOCHMANN, Christopher (2016). Entrevista sobre a utilização do repertório português no âmbito do projeto de Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, de André Fresco (consultar referência Fresco, 2017).

BORGES, M. J. (2017). *História*. Consultado em novembro no sítio da Internet de EMCN: <http://www.emcn.edu.pt/index.php/instituicao/apresentacao/historia/>

BRANCO, S. (2010). *Enciclopédia da Música Em Portugal No Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores/ Temas e Debates e Autores.

CAMPOS COSTA, Manuel (2016). Entrevista sobre a utilização do repertório português no âmbito do projeto de Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, de André Fresco (consultar referência Fresco, 2017)

CASCUDO, L. D. (2003). *História dos nossos gestos*. São Paulo: Global.

COELHO, SARA OTTO. (27 de fevereiro de 2015), in *Escola de música do Conservatório Nacional: Entre o museu e a ruína*. Reportagem para o jornal Observador. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/escola-de-musica-do-conservatorio-nacional-entre-o-museu-e-a-ruina/>

DAMAS, C. (4 de setembro de 2014), in *O violino, a música e a vida*. Disponível em <http://xmusic.pt/entrevista/1736-carlos-damas>

DERRIÇA, Tiago (2016). Entrevista sobre a utilização do repertório português no âmbito do projeto de Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, de André Fresco (consultar referência Fresco, André 2017).

DOMINGUES, R. N. (2014). Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada. Almada: Instituto Piaget.

FERNANDES, D., RAMOS do Ó, J., PAZ, A. (2014). Da Génese das Tradições e do Elitismo ao Imperativo da Democratização: A Situação do Ensino Artístico Especializado. Artigo artístico, 10 de Junho. Instituto de Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa.

FERREIRA DE SOUSA, R. (2003). Factores de abandono escolar no ensino vocacional da música. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Música. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.

FOLHADELA, P., VASCONCELOS, A. & PALMA, E. (1998). *Ensino especializado de música - reflexões de escolas e professores*. Lisboa: DES/ME.

FOLHADELA, P. (Coord.^a) (2000). Revisão Curricular do Ensino Vocacional da Música: Relatório do Grupo de Trabalho, Maio de 2000. (Documento policopiado).

FREITAS BRANCO, J. (2005). *História da Música Portuguesa*. Nem Martins: Publicações Europa-América.

FRESCO, A. (2017). Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada. Dissertação de Mestrado em Ensino da Música – Instituto Piaget, Almada

GOMES, C. A. (2000). Contributos para o estudo do ensino especializado de música em Portugal. Memória final do CESE em direcção pedagógica e administração escolar, Instituto Jean Piaget, Almada.

PÉREZ, ROBERTO (2016). Entrevista sobre a utilização do repertório português no âmbito do projeto de Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, de André Fresco (consultar referência Fresco, 2017)

SCRIPCARU, L. (2014). *Música contemporânea para violino solo: uma abordagem da música de compositores contemporâneos portugueses ou residentes em Portugal*. Tese de Doutoramento – Universidade de Évora, Évora.

VARGAS, A. P. (2011). *Música e poder: para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu*. Coimbra: Almedina.

Documentos Oficiais das Comunidades Educativas

DES (1997). Encontros no secundário - documento de apoio ao debate (ensino especializado de música). Lisboa: ME/DES.

EMCN. (2016-2017). Projeto Educativo de Escola. Lisboa.

EMCN. (2017). Critérios Gerais de Avaliação – Ano letivo 2017/2018. Lisboa.

EMCN. (2017). Regulamento Interno. Lisboa.

EAMCN (2017). Programa interno da disciplina de Violino, revisto em junho. (Indisponível ao público)

Bibliografia

ANDRADE, J. M. P. Vieira de (1988). Abordagem comparativa à pedagogia e metodologia da iniciação ao violino em duas escolas oficiais do ensino da música. Dissertação de Mestrado em Ensino da Música – Universidade Lusíada, Lisboa.

MARQUES, S. M. G. (2014). *A música portuguesa no ensino das ciências musicais e da formação musical*. Dissertação de Mestrado em Ensino da Música – Universidade do Minho, Braga.

PÉREZ EIZAGUIRRE, A. (2014). *As canções populares como contributo para o repertório de iniciação ao violino*. Dissertação de Mestrado em Ensino da Música – Universidade do Minho, Braga.

SILVA, M. F. (2013). *A música tradicional portuguesa vocacional no ensino*. Dissertação de Mestrado em Ensino da Música – Universidade do Minho, Braga.

SILVESTRE, Susana Marta D. P. 2012. *O Conde de Farrobo a ação e o mecenato no séc. XIX*. Tese de Doutoramento. FCSH - Universidade de Lisboa. Lisboa.

TELLES, A. “La création musicale portugaise aujourd’hui”, in *Musicologies* n°8 (8e année), Paris, Observatoire Musical Français, 2011, P. 71-85.

TRINDADE, A. S. (2010). *A Iniciação em Violino e a Introdução do Método Suzuki em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Ensino da Música. Departamento de Comunicação e Arte - Universidade de Aveiro, Aveiro.

Recursos disponíveis na Internet

Entrevista a António Pinho Vargas por Maria Fernandes para a Revista DACAPO, Revista Musical Portuguesa. Disponível em:

[http://www.dacapo.pt/seccao-compositores&-grande-entrevista-\(parte-i\)-antonio-pinho-vargas](http://www.dacapo.pt/seccao-compositores&-grande-entrevista-(parte-i)-antonio-pinho-vargas)

Meloteca, Sítio de Música e Artes – <https://www.meloteca.com/historico-cronologia-escola-de-musica-do-conservatorio-nacional.htm>

Publicação sobre a reabilitação do edifício do pólo principal da EAMCN – Edifício do Convento dos Caetanos, Bairro Alto. Jornal Público. 06/06/2018. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2018/06/06/local/noticia/governo-lanca-este-mes-concurso-publico-para-reabilitar-conservatorio-nacional-1833406>

Anexo 1 – Horário semanal da distribuição dos alunos

Segunda-feira		Terça-feira		Quarta-feira		Quinta-feira	
Manhã		Manhã		Manhã		Manhã	
90 minutos	Aluno G	67 ½ minutos	Aluno E	67 ½ minutos	Aluno F	90 minutos	Aluno J
45 minutos	Aluno J	67 ½ minutos	Aluno B				
90 minutos	Aluno A						
Tarde		Tarde		Tarde		Tarde	
67 ½ minutos	Aluno D					45 minutos	Aluno G
45 minutos	Aluno H					45 minutos	Aluno I
45 minutos	Aluno C						

Fonte: Elaboração da autora

Anexo 2 - Classes de Instrumento e Canto - Critérios de Avaliação EAMCN

Parâmetros a avaliar	Avaliação contínua								PG	PG	PG
	1ºg	2ºg	3ºg	4ºg	5ºg	6ºg	7ºg	8ºg	2ºg (30%)	5ºg (30%)	8ºg (50%)
Domínio Técnico / Produção sonora											
Postura corporal											
Rigor rítmico											
Rigor na articulação											
Independência de movimentos / coordenação motora											
Correção da leitura	60%	60%	50%	50%	45%	40%	40%	35%	70%	50%	45%
Dedilhação / Digitação											
Clareza da execução/afinação											
Respiração											
Projeção e qualidade sonora / Ressonância											
Vibrato											
Domínio Interpretativo / Artístico											
Compreensão formal e estilística											
Coerência musical											
Articulação	10%	10%	20%	20%	25%	30%	30%	35%	20%	40%	45%
Fraseado											
Qualidade sonora											

Personalidade artística											
Ornamentação (música antiga)											
Presença / Atitude em palco											
Teatralidade (canto)											
Concentração											
Execução de memória											
Domínio atitudes											
Regularidade / Qualidade do trabalho											
Assiduidade											
Pontualidade											
Empenho e motivação	15%	15%	15%	15%	15%	15%	15%	15%			
Disponibilidade para participar nas atividades programadas pela escola											
Concentração											
Cumprimento dos conteúdos programáticos	15%	15%	15%	15%	15%	15%	15%	15%			
Opções de relatório									10%	10%	10%

Fonte: EMCN. (2017). Critérios Gerais de Avaliação – Ano letivo 2017/2018

Anexo 3 – Programa de Violino

Critérios das Provas de Acesso

Teste de admissão ao curso de Iniciação (dos 6 aos 9 anos) e Prova de Acesso ao 1º Grau (Ensino Básico Oficial)

É realizada uma Prova de Aptidão prévia de Iniciação Musical. A aprovação a esta prova é condição para a realização da prova de Instrumento para os alunos que não tiveram contacto anterior com o instrumento.

- **Prova de Instrumento para aluno que já tocam**

A avaliação da prova é quantitativa (0 a 100 %); A prova tem uma ponderação de 70% na média final; O aluno deve cumprir todos os conteúdos da prova. Só assim a mesma será considerada válida; as peças e material didático apresentados devem ilustrar o cumprimento dos objetivos enunciados no programa para o respetivo ano; A execução do programa de memória será valorizada.

Cotações: Rítmica, Tonal, Físico – Motora, Expressividade, Concentração / Atitude; Média – 0 a 100 %

- **Prova de Instrumento para os alunos que não tocam**

A avaliação da prova é quantitativa (0 a 100 %); A prova tem uma ponderação de 70% na média final; esta prova poderá, eventualmente, ocorrer em dois momentos.

Cotações: Rítmica, Tonal, Físico – Motora, Concentração / Atitude; Média – 0 a 100 %

Prova de Acesso ao 6º Grau/10º ano de Curso Profissional (Ensino Secundário Oficial)

- **Prova de Instrumento**

A prova é cotada para vinte valores; O aluno deve cumprir todos os conteúdos da prova. Só assim a mesma será considerada válida; as peças e material didático apresentados devem ilustrar o cumprimento dos objetivos enunciados no programa para o respetivo ano. A execução do programa de memória será valorizada.

Cotações: Parâmetros técnicos: 40%; Parâmetros interpretativos: 50%, Parâmetros comportamentais: 10%

Critérios das Provas Intercalares (técnica)

Ensino Básico Oficial – do 1º Grau ao 5º Grau (Articulado, Integrado, Supletivo)

A avaliação realizada durante o Curso Básico Oficial é quantitativa (1 a 5), contínua e formativa. Parâmetros de avaliação contínua a considerar a partir do 2º grau: Regularidade de estudo e progressão na aquisição de competências, nomeadamente, cumprimento de programas, desenvolvimento técnico e, a partir do 2º Grau, interpretação/rigor estilístico; Participação e empenho nas atividades curriculares e extracurriculares; Assiduidade; Comportamento/atitude.

Cotações: Parâmetros técnicos: 50%; Parâmetros interpretativos: 40%; Parâmetros comportamentais: 10%

Estas provas têm um peso – indicativo -de 30% na avaliação sumativa final. São cotadas de 1 a 5. O aluno deve cumprir todos os conteúdos da prova. Só assim a mesma será considerada válida. As peças e material didático apresentados devem ilustrar o cumprimento dos objetivos enunciados no programa para o respetivo ano. Se, por motivo de força maior, o aluno não se apresentar a esta prova, esta terá de ser remarcada em data a definir com o aluno, E. E. e Professor.

1º Grau: No caso de o aluno ter iniciado os seus estudos em Setembro, poderá apresentar-se apenas no final do ano cumprindo o programa completo.

Ensino Secundário em Regime Supletivo – do 6º ao 8º Grau

Cotações: Parâmetros técnicos: 40%; Parâmetros interpretativos: 50%; Parâmetros comportamentais: 10%.

Esta prova tem um peso – indicativo – de 30% na avaliação sumativa final. A prova é cotada para vinte valores. O aluno deve cumprir todos os conteúdos da prova. Só assim a mesma será considerada válida. As peças e material didático apresentados devem ilustrar o cumprimento dos objetivos enunciados no programa para o respetivo ano. A execução do programa de memória será valorizada. Se, por motivo de força maior, o aluno não se apresentar a esta prova terá que apresentar todos os conteúdos da prova no fim do ano. Neste caso serão escolhidos – pelo júri – dois dos três estudos apresentados para execução na prova.

Critérios das Provas de Avaliação Final

Iniciação

Tem duração de 1 a 4 anos de frequência (dos seis aos nove anos). A avaliação realizada durante o Curso de Iniciação é qualitativa (MB, B, b, S, s, NS), contínua e formativa. Todos os formandos deverão, no entanto, participar numa Audição inter-classes (executando uma peça), a realizar no final do ano letivo, que será avaliada por um júri de, pelo menos, três elementos. Esta avaliação terá carácter formativo e de diagnóstico, sendo afixada em pauta.

Ensino Básico Oficial – do 1º Grau ao 4º Grau (Articulado, Integrado, Supletivo)

Cotações: Parâmetros técnicos: 50%; Parâmetros interpretativos: 40%; Parâmetros comportamentais: 10%

Esta prova tem um peso indicativo de 30% na avaliação sumativa final. A prova é cotada de 1 a 5. O aluno deve cumprir todos os conteúdos da prova. Só assim a mesma será considerada válida. As peças e material didático apresentados devem ilustrar o cumprimento dos objetivos enunciados no programa para o respectivo ano. A execução do programa de memória será valorizada.

Audição Final de 5º Grau – Será realizada uma Audição Final dos alunos que completam o Ensino Básico (5º grau de instrumento), com programa livre. Uma das obras deverá ser interpretada de cor.

Ensino Secundário em Regime Supletivo – do 6º e 7º Grau

Cotações: Parâmetros técnicos: 40%; Parâmetros interpretativos: 50%; Parâmetros comportamentais: 10%

Esta prova tem um peso indicativo de 30% na avaliação sumativa final. A prova é cotada para vinte valores. O aluno deve cumprir todos os conteúdos da prova. Só assim a mesma será considerada válida. As peças e material didático apresentados devem ilustrar o cumprimento dos objetivos enunciados no programa para o respectivo ano. A execução do programa de memória será valorizada.

Critérios da PAA – 8º Grau Supletivo

PAA, repertório livre entre 30 a 45 minutos. A classe recomenda que seja incluída na prova: um estudo/capricho; um andamento das seis sonatas e partitas de Bach; um 1º andamento de concerto do período clássico ou romântico. Recomenda-se que pelo menos uma das obras seja interpretada de cor.

Critérios de Avaliação (Prova técnica e Prova de Recital) – Secundário Integrado, Articulado e Profissional

Avaliação: A avaliação final de cada Período da disciplina de Instrumento terá, obrigatoriamente, de refletir a ponderação de três parâmetros: avaliação contínua, prova técnica e prova de recital excetuando os períodos em que essas mesmas provas, não se realizam. A avaliação contínua terá um peso de 70% no 1.º módulo/período, 60% nos 2.º e 3.º módulos/períodos e 50% nos restantes módulos/períodos. As provas técnica e de recital, em conjunto, terão um peso de 30% no 1.º módulo/período (18% para a prova técnica; 12% para a prova de recital), 40% nos 2.º e 3.º módulos/períodos (16% para a prova técnica; 24% para a prova de recital) e, finalmente, 50% nos restantes módulos/períodos (20% para a prova técnica; 30% para a prova de recital).

Provas técnicas e de Recital (6º/10º, 7º/11º e 8º/12º Grau/Ano)

Prova em todos os períodos/módulos do curso exceto o último período/módulo do ano finalista. Competências principais a avaliar: Afinação; Regularidade rítmica; Articulação e clareza (flexibilidade); Funcionamento da mão esquerda: vibrato, mudanças de posição, harmónicos, etc.; Conhecimento de todo o ponto; Conhecimento de todo o mecanismo do arco; Sonoridade; Abordagem formal e estilística; Respeito ao texto musical (dinâmica, fraseado); Velocidade de leitura e compreensão do texto musical (na leitura à 1ª vista); Apresentação do programa e atitude em palco.

Critérios da PAA (8º Grau) e PAP (3º ano Curso Profissional)

8º Grau Integrado/articulado: PAA, repertório livre entre 30 a 45 minutos. A classe recomenda que seja incluída na prova: um estudo/capricho; um andamento das seis sonatas e partitas de Bach; um 1º andamento de concerto do período clássico ou romântico.

3º ano Curso Profissional: recital com programa à escolha e duração de 45min.

NOTA REGULAMENTAR EM QUALQUER GRAU E REGIME: Em caso algum o repertório poderá ser repetido noutra prova, integral ou parcialmente, mesmo tratando-se de uma reprovação e repetição da prova.

Anexo 4 - Entrevista Orientadora Cooperante – Prof. Anne Victorino d’Almeida

Perguntas no âmbito do Relatório de Estágio – Professora Anne Victorino d’Almeida

1. Do ponto de vista docente, como considera a utilização do repertório português no Ensino do Violino em Portugal?

Ainda o considero bastante insuficiente, tendo em conta o repertório que já existe. No entanto, julgo que é um processo lento, mas encaminhado, pois tenho detetado que existe uma vontade e uma atenção de incluir cada vez mais a música portuguesa nas escolas e nos concursos.

2. Do repertório português para violino, acha que este se adequa em quantidade e qualidade na distribuição pelos níveis de Ensino Básico e Secundário?

Absolutamente. Desde à música de Eurico Carrapatoso, Sérgio Azevedo, Luiz de Freitas Branco, Joly Braga Santos, Lopes-Graça e até a minha, existem obras adequados para os mais diversos níveis de aprendizagem.

3. Na EAMCN, como é gerido o acesso às obras portuguesas, tanto aos docentes como aos alunos?
Na classe de violino da EAMCN. A música portuguesa é obrigatória há vários anos porque existe interesse e vontade. Foi uma decisão de classe tomada há mais de 10 anos.

4. De acordo com a sua experiência, quais as principais dificuldades na inserção do repertório português no programa de violino e como é que isso se reflete no percurso académico e musical de um aluno?

Eu considero que não deveria existir qualquer dificuldade uma vez que já existem editoras que divulgam e vendem obras portuguesas de forma muito eficaz. Relativamente aos compositores que optaram por não editar as suas obras, desde ao contacto por email ou redes sociais, nos dias de hoje é facilimo contactar alguém em qualquer parte do mundo. O obstáculo que existe será, a meu ver, o hábito de ouvir, aprender e incluir música portuguesa no repertório que tocamos e ensinamos.

Anexo 5 - Inquérito aos alunos da classe da Prof. Anne Victorino d'Almeida

Já estudaste alguma obra portuguesa para violino?

2º Grau – Não

4º Grau – Não

4º Grau – Sim (só na Iniciação)

5º Grau – Sim

5º Grau – Sim

5º Grau – Sim

7º Grau – Sim

7º Grau – Sim

8º Grau – Sim

12º Ano – Profissional – Sim

Qual a tua opinião em relação à utilização do repertório português no programa de violino?

(NOTA: O registo destas respostas foi efetuado através de comunicação oral. Quase a totalidade das mesmas partilham os mesmos pontos de vista. As respostas abaixo são os principais destaques das respostas dos alunos)

Resposta frequente 1: **Sendo um aluno português, é importante conhecer e contactar com a música que partilha a mesma origem.** (10 alunos afirmaram esta resposta)

Resposta frequente 2: **Tal como há boa música estrangeira, também há boa música portuguesa não só para tocar profissionalmente, mas também para aprender. Ao utilizar a música portuguesa, é possível perceber melhor o que é bom, o que é mau e o que se pode aplicar nos níveis de ensino das escolas, como se verifica no repertório convencional do violino.** (4 alunos afirmaram esta resposta)

Resposta frequente 3: **A utilização da música portuguesa não se limita ao contexto das aulas de instrumento, também é tocada nos grupos de música de conjunto (coro, orquestras, música de câmara).** (6 alunos afirmaram esta resposta; maioritariamente dada pelos alunos que não tocaram

repertório português em violino, mas justificaram que já tiveram contacto com música portuguesa nouro contexto do seu percurso curricular na música)

Resposta frequente 4: **Acredita-se que todos os alunos da EAMCN contactam com música portuguesa, diria que é obrigatório, pelo menos a violino e nos grupos de música de conjunto. Há muitos professores que são ou têm muito contacto com compositores portugueses o que torna inevitável o acesso e estudo deste repertório.** (8 alunos afirmaram esta resposta)

Resposta frequente 5: **A professora faz questão que, também, se aprenda com o repertório português para violino. Existem obras com muita qualidade e utilidade para a técnica e performance do violino que servem o mesmo propósito que outro repertório mais conhecido.** (9 alunos afirmaram esta resposta)

Resposta frequente 6: **Na grande maioria dos concursos em Portugal é obrigatória uma peça portuguesa em vários escalões. Nas escolas que levam os alunos a concorrer, logicamente, têm que promover a inclusão de música portuguesa nos seus programas.** (2 alunos afirmaram esta resposta)

Achas que o repertório português para violino é de fácil acesso (partituras, gravações...)?

2º Grau – **Sem opinião**

4º Grau – **Sem opinião**

4º Grau – **Sem opinião**

5º Grau – **Sem opinião**

5º Grau – **Sim**

5º Grau – **Mais ou menos**

7º Grau – **Mais ou menos**

7º Grau – **Sim**

8º Grau – **Sim**

12º Ano – Profissional – **Sim**

Destaques das respostas dos alunos que tiveram opinião:

1ª – Quando é proposta uma obra portuguesa para trabalhar, a professora encaminha-nos imediatamente onde e como podemos obter as partituras, normalmente na AVA ou contacto direto com o compositor. Caso não seja possível nenhum destes dois, a professora, acaba por nos facultar a partitura do seu próprio arquivo. Sem a orientação da professora, seria difícil perceber como ter acesso.

2ª – Gravações são mais complicadas de conseguir, principalmente na música mais antiga ou muito recente. No entanto, apesar de não haver muita referência auditiva, uma grande mais valia é muitos dos

compositores estarem vivos e, portanto, se os contactarmos sempre podem disponibilizar sugestões na interpretação.

3ª – Parte muito do interesse e vontade de cada um. Noutras escolas se calhar é mais complicado pois podem não ter o mesmo contexto que a EAMCN (uma escola centralizada geograficamente e com muitas ligações aos principais núcleos da cultura). Mas, a principal influência é o professor. Se o professor encaminhar o aluno, a aquisição dos meios necessários para trabalhar é sempre possível com as facilidades de comunicação hoje em dia (e-mail, redes sociais, telefone, entre outros).

Da tua experiência, classifica geralmente o repertório de origem portuguesa que trabalhaste na seguinte escala de dificuldade: Muito difícil, Difícil, Acessível, Fácil, Muito Fácil.

4º Grau – **Acessível/Fácil**

Comentário: Foram peças pequenas quando estava na Iniciação, na altura foram bastante acessíveis, algumas fáceis até.

5º Grau – **Difícil**

Comentário: A interpretação da música contemporânea é algo que é difícil de dominar, é preciso muita prática e as peças portuguesas que trabalhei foram a minha primeira abordagem a esta linguagem. Tecnicamente, por vezes surgiram algumas passagens mais difíceis de dominar, mas nada que fosse impossível.

5º Grau – **Acessível**

Comentário: É acessível, há sempre dúvidas e coisas a corrigir, mas nada que se mostrasse muito difícil de resolver.

5º Grau – **Acessível**

Sem comentário

7º Grau – **Acessível**

Sem comentário

7º Grau – **Acessível**

Comentário: A minha experiência é muito agradável, música muito interessante de trabalhar, uma linguagem menos convencional do que se está habituado e acho que essa é a maior dificuldade. De resto, acessível.

8º Grau – **Difícil**

Comentário: Tecnicamente foi desafiante e na interpretação é um caminho que demora a construir, principalmente na música de câmara, mas nem tudo pode ser fácil, há que ir um pouco mais perto do limite.

12º Ano – Profissional – **Difícil**

Comentário: O que trabalhei exigiu que saísse da minha zona de conforto e explorasse novas expressões no violino e desenvolvesse técnica (alguma mais complexa). A música contemporânea tem um discurso diferente ao que um violinista está habituado no mundo do repertório convencional, mas no fim faz tudo sentido e é mais um universo da música que se fica a conhecer através de música portuguesa.

Anexo 6 – Utilização do repertório português em dois contextos: Da classe da Prof. Anne Victorino d’Almeida e da observação nas provas Recital de violino na EAMCN no ano letivo 2017/2018

Da classe da Prof. Anne Victorino d’Almeida:

Aluno E (5º Grau) – Fantasia sobre um tema de Schumann – Anne Victorino d’Almeida

Aluno G (7º Grau) – Chorinho nº 1 – Eurico Carrapatoso

Aluno I (8º Grau) – Espelho da alma, Trio para clarinete, violino e piano – Eurico Carrapatoso (trabalhado nas aulas de violino no âmbito da PAA)

Aluno J (12º ano – Profissional) - Estudo entre Estudos – Tiago Derriça

Os restantes alunos (A, B, C, D, F e H) não trabalharam repertório português na disciplina de violino no ano letivo 2017/2018.

Da observação das provas Recital de violino na EAMCN

Anticlockwise – Tiago Cabrita (6º grau)

Chorinho nº1 – Eurico Carrapatoso (7º grau)

Chorinho nº2 – Eurico Carrapatoso (5º/6º grau)

Concerto fácil para violino – Rogério de Medeiros (4º/5º/6º grau)

Anexo 7 - Lista de obras portuguesas para violino (séc. XVII – atualidade)

Esta lista procura facilitar a procura de obras para violino de compositores portugueses para uso nas classes de violino no nosso país, apresentando assim todo o tipo de repertório trabalhado nas aulas do instrumento, nomeadamente, obras para violino e teclado, violino solo e violino e orquestra (com redução para piano). Não iremos então encontrar obras de música de câmara, com exceção das sonatas para violino e piano, que regularmente são trabalhadas em aulas de violino e eventualmente alguns duos de violino. A lista é apresentada por ordem cronológica/alfabética e faculta toda a informação disponível sobre a obra. Esta não pretende ser uma lista fechada, mas sim uma lista que se continue a completar com a informação em falta e com as novas obras que forem escritas para violino, assim como todas as que ainda estão por descobrir. Os níveis de dificuldade apresentados são os encontrados em várias fontes e são mencionados em duas escalas distintas, nomeadamente o nível de ensino (NE) onde pode ser aplicada e o nível de dificuldade (ND). (Fresco, 2017)

No âmbito da abertura da lista as obras foram revistas, algumas acrescentadas com respetivas características e outras informações. Foram também, acrescentadas algumas obras que não constavam na lista.

Séc. XVII

Cruz, D. Agostinho da (1590-1633)

Nome da Obra	Data	Instrumentação	Duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Lira de Arco, ou arte de tanger rabeca						Perdido?	Método

Séc. XVII – XVIII

Sec. XVIII

Baptista, Francisco Xavier (17..-1797)

Nome da Obra	Data	Instrumentação	Duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata em Sol M		Violino e cravo		B-S	Youtube	Info	

Nogueira, Pedro Lopes (1ª metade do séc. XVIII)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Peças (Lições), Candências e Tons		Violino solo			CD	Biblioteca Nacional	

Vento, Mattia (1735-1776)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Seis Sonatas		Violino e Piano				AVA IMSLP	

Séc. XVIII – XIX

Bomtempo, João Domingos (1775-1842)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonatas op 18 – nº1,2,3		Piano (c/ violino ad libitum)		B		Purl	
Sonata nº1 e 2 op 15		Violino e piano		S			
Ária com Variações op 15		Violino e piano		B			
Uma sonata fácil op 13		Violino e piano				AVA Purl IMSLP	

Freitas, Ignácio José Maria de (1779-1815)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Concertos para violino						?	

Marechal ou Marchal, Pedro Anselmo (1779-1820)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Duetto Concertante para Cravo e violino						?	

Palomino, José (1755-1810)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Duetto per cembalo o pianoforte e violino		Violino e Piano				AVA e BN	
Concerto para violino solo	1804	Violino e orquestra				BN	

Séc. XIX

Hussla, Victor (1857-1899)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Arabesco	1888	Violino e orquestra					

Rêverie	1889	Violino					
Berceuse	1890	Violino					
Scherzo	1890	Violino					
Fantaisiestuck	1895	Violino e orquestra				IMSLP	
Inromptu	1897	Violino					
Melodias da ópera Lo Schiavo de Carlos Gomes	1897	2 violinos e orquestra					
Feuille d'album		violino					

Meumann, Ernesto (1810-1867)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata	1863?	Violino e piano				Alemanha?	
Sonata		Violino e piano				Alemanha?	

Noronha, Francisco de Sá (1820-1881)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Variações "Domino Noir"				S			

Allegro de Concerto				S		PURL	
Fantasia sobre um Tema Original				S		PURL	
Fantasia “Figlia del Regimento”				S			
Fantasia sobre um Tema de Thalberg		Violino solo		S	CD	AVA	
Fantasia “Trovador”		Violino e piano		S			
Morceaux de Concerto op 15		Violino e piano					
Elegia à morte de D. Pedro V	1861	Violino e piano					
Improviso	1862	Violino e orquestra					
Capricho de concerto		Violino e piano					
Carnaval de Lisboa, valsas burlescas		Violino e piano					
Fantasia “Traviata”		Violino e piano					
Fantasia Peruviana “Los tritès del Perú”		Violino e piano					
Fantasia “Rigoletto”		Violino e piano					

Paiva, Fernando José de (1791-1875)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Estudos para Violino		Violino				?	Natural de Braga

Pinto, Augusto Marques (1838-1888?)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Três Fantásias sobre canções populares portuguesas		Violino e piano					
Fantasia "Aida"		Violino e piano					
Concerto							Dedicado a D. Luiz I
Método de Rebeca							

Ribas, Nicolau Medina (1832-1900)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Fantasia, trechos originais, estudos							Vários
Hommage a mon professeur Charles de Bériot. 6 prelúdios-impromptus para violino op 26						Costa Mesquita, Editeur Porto (impresso em Paris)	
Hommage á Sa Magesté Don Luis I Roi de Portugal 6 Préludes-études pour violon dédiés á ses Eleves. Op 33						Paris, V. Durdilly & C.ie	
Hommage á la Presse Portugaise 6 Préludes-Etudes pour violon. Op 34						Paris, V. Durdilly	
Au célèbre Maitre Charles Marie Widor Souvenir d'Amitié, Morceau de Salon. Op 35		Violino e piano				Paris, V. Durdilly	

[INFO](#)

Séc. XIX – XX

Andrade, Carlos de (1884-1930)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Allegretto Grazioso		Violino e piano					Bisavô de Alexandre Delgado

Arroyo, João (1861-1930)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata op 34		Violino e piano					

Blanco, Pedro (1883-1919)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Romance y Zambra andaluza op 7	1915	Violino e piano			youtube		

Borba, Tomás (1867-1950)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Suite portuguesa – Canção Melodia Religiosa Na romaria (bourrée) Embalo Sapateia		Violino e piano				info	
Sonata		Violino e piano				info	
Peça sem título DóM		Violino e piano				info	
Peça sem Título RéM		Violino e piano				info	

Costa, Luiz (1879-1960)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonatina op 18		Violino e piano		S			
Cantiga d'Embalar		Violino e piano		B		AVA	
3 Peças para violino e piano Gnomo		Violino e piano					
3 Peças para violino e piano Lamento		Violino e piano		B-S			
3 Peças para violino e piano Movimento		Violino e piano					

Motta, José Vianna da (1868-1948)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Romanza		Violino e Piano		B	CD	AVA	Fl. e pn.
Sonata em Si b M		Violino e Piano					Parte de piano perdida??? A FCG (Gulbenkian?) só tem a parte de violino
Sonata		Violino e piano a 4 mãos					
Resignação op 40		Violino e piano				AVA	

Napoleão, Alfredo (1852-1917)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Alegro de Concerto op. 19		Violino e Piano					

Silva, Óscar da (1870-1958)

Nome da Obra	Data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata “Saudade”	1915	Violino e piano			CD	PURL	
1ª Suite op 8 1 – Verfllossene – Jours écoulés		Violino e piano		S		AVA	Erst Suite
1ª Suite op 8 2 – Grille – Boutade		Violino e piano		S			Erst Suite
1ª Suite op 8 3 – Schlummerlied - Berceuse		Violino e piano		S			Erst Suite
1ª Suite op 8 4 - Mazurka		Violino e piano		S	youtube		Erst Suite
Mélodie du Mystère		Violino e piano					
Fantasia		Violino e piano					
La souffrance des fleurs		Violino e piano					
Flirtations (Flirts)		Violino e piano					3 peças
Frases		Violino e piano					4 peças
Humoresque		Violino e piano					
Mélodie op 3		Violino e piano		S			
Berceuse		Violino e piano		S			
Chansonnette		Violino e piano					
Irrésolution		Violino e piano					

Melopeias		Violino e piano					
-----------	--	-----------------	--	--	--	--	--

[INFO](#)

Sousa, David de (1880-1918)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Hexenritt op 24 n°2	1907			S			
Mattinata op 26				B			
Serenade Melancolique op 27	1909			B			
Romanza op 11	1907			B			
Schlummerlied op 24 n°1	1907			B			

Figueira da Foz?

Séc. XX

Barbosa, Luiz (1887-1952)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Romance	1916	Violino e piano		S	CD Youtube	AVA	Vln. e orq.

Benoit, Francine (1894-1990)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata	1945	Violino e piano					

Branco, Luiz de Freitas (1890-1955)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata nº1	1908	Violino e piano	28'30''	S-U	Spotify CD Youtube	AVA	
Sonata nº2	1928	Violino e piano	25'	S-U	Spotify CD Youtube	AVA	
Prelúdio e Fuga	1910	Violino Solo					
Prélude	1910	Violino e piano	4'45''		Spotify CD		
Concerto para violino	1916	Violino e orquestra	32'30''	S-U	Spotify Youtube	AVA	Red. para piano

Capdeville, Constança (1937-1992)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Chant et air gai	1957	Violino e piano					

Carneiro, Álvaro (1909-?)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata em Sol m		Violino e Piano					

Carneyro, Cláudio (1895-1963)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Bruma	1935	Violino e Piano	5'	B-S	Consulta	info	Vlc. e pn.
Improviso sobre uma cantiga do povo op 14 n° 2	1925	Violino e Piano	5'	B	youtube	info AVA	Vlc. e pn.
De D'aquém e d'além mar op 20 n° 3 1 – Pelo oceano voga sem âncora minha saudade	1925-26	Violino e Piano/Orquestra		S			

De D'aquém e d'além mar op 20 nº 3 2 – Ausência	1925-26	Violino e Piano/Orquestra	20'	S	CD		
De D'aquém e d'além mar op 20 nº 3 3 - Regresso	1925-26	Violino e Piano/Orquestra		S			
Sonata op 26 nº 1	1929-30	Violino e Piano	15'	U	Consulta Extrato		3 and.
Roda dos degredados, canção das margens do Zêzere	1943	Violino e Piano/Orquestra	7'	B-S	Consulta	info	Vlc. e pn.
Tema popular	1946	Violino e Piano	3'				
Bailadeiras		Violino e Piano		S-U			Pn. / 2 pn.
Legenda	1939	Violino solo e pequena orquestra	3'				
Canção do Figueiral	1946	2 violinos / violino e piano	1'			Consulta	

Carvalho, Filipe Rosa de (1892-1980)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Madrileña				S			

Castro, Ernesto de Campos Mello e (1896-1973)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata		Violino e Piano					

Coelho, Ruy (1891-1986)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Melodia de amor		Violino e Piano					Vln. e orq.?
Sonata em Si b M nº 1	1910	Violino e Piano			youtube CD Spotify		
Sonata nº 2	1923	Violino e Piano			youtube CD Spotify		
Fantasia Portuguesa - Fado Intermezzo Rapsódia Portuguesa	1935	Violino e Piano		S			Vln. e orq.

Couto, Natércia (1924-1999)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonatina Romântica		Violino e piano					
Duas Peças para violino							

Cruz, Ivo (1901-1985)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata	1922	Violino e piano		S-U	info	info	2º and. nível básico
Fado		Violino e piano					
Pastoral		Violino solo		S-U			
O Sol é Grande				B-S		AVA	

[ESPÓLIO MUSICAL](#)

Fernandes, Armando José (1906-1983)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata em sol M	1946	Violino e Piano	24'	S-U	Spotify		
Concerto para violino em Mi m	1948	Violino e Orquestra	26'	S	Spotify	AVA	Red. Pn.?

Fragoso, António (1897-1918)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Suite romântica	1916	Violino e Piano		S	Spotify		
Allegro em Ré M da sonata inacabada		Violino e Piano		U	Spotify		

Freitas, Elvira de (1928-2015)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Enamorados		Violino e Piano				AVA	

Freitas, Frederico de (1902-1980)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Berceuse	1925-26	Violino e piano	3'	B-S	Spotify	AVA	Arr. para sexteto
Allegro appassionato	1923	Violino e piano	8'30''	S-U	Spotify	AVA	
Nocturno sobre um soneto de Antero de Quental	1924	Violino e piano	4'	B-U	Spotify	AVA	Vlc. e pn.
Dança do palhaço	1964	Violino e piano	3'	B-S	Spotify	AVA	Das 6 Peças (para piano)
Sonata em Fá	1946	Violino e piano	24'	S-U	Spotify		3 and.
3 Peças Simples (ou sem importância) 1 – Serenata perdida	1954	Violino e piano	2'	S-U	Spotify	AVA	
3 Peças Simples (ou sem importância) 2 – Música para funerais		Violino e piano	3'				
3 Peças Simples (ou sem importância) 3 – Alla Zingara		Violino e piano	2'				
Chuva de Setembro		Violino e piano				AVA	
Canção e Dança	1939	Violino e piano					Vla. pn. Vlc. pn

Lima, António Tomás (1887-1950)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Espólio						INFO	

Lima, Eurico Tomás de (1908-1989)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Romance		Violino e Piano		S			
Serenata op 36		Violino e Piano		S-U			
Poema				S			

Lopes-Graça, Fernando (1906-1994)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonatina nº1	1931	Violino e piano	9'	B-S	II youtube IV youtube Spotify		

Sonatina nº2	1931	Violino e piano	6'	S-U	Spotify	info	
Prelúdio, Capricho e Galope	1941	Violino e piano	6'30''	S-U	Spotify		
Trois Piéce	1959	Violino e piano		B-U			
Pequeno Tríptico	1960	Violino e piano	6'	B-S	Spotify		
Prelúdio e Fuga	1961	Violino solo	5'40''	U	Spotify	Info	
Quatro Miniaturas	1980	Violino e piano		B-U	CD	AVA	
Esponsais	1984	Violino solo		S	CD	AVA	
Adagio doloroso e fantasia	1988	Violino e piano	12'				

[ESPÓLIO MUSICAL](#)

Martins, Maria de Lourdes da Silva (1926-2009)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata op 4	1948	Violino e piano	17'	S		Pizzicato Verlag Helvetia	
Prelúdio op 10	1953	Violino e piano	5'				
Sonatina op 12	1955	Violino e piano	4'	U		PVH	
Cromos op 16	1958	Violino e piano	10'			Pizzicato Verlag Helvetia	4 peças

Oliveira, Fernando Correia de (1921-2004)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
6 Peças Progressivas op 22	1967	Violino e piano	10'			info	

Peixinho, Jorge (1940-1995)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Glosa III	1990	Violino solo				MIC	
Dois Pequenos Estudos para Aldo Hans	1961	2 violinos	4'			MIC	
Melodia	1953	Violino e piano		B-S		MIC	
The Missing Miss	1985	Violino solo	15'10''				

Pinto, Victor Macedo (1917-1964)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata	1964	Violino e piano				AVA	

Pires, Filipe (1934-2015)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonatina	1952	Violino e piano	7'	S	info	info	

Rodrigues, Flaviano (1891 – 1970)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Berceuse		Violino e piano		S			
Proemeto				S			
Romance e Barcarola				S			

Santos, Joly Braga (1924-1988)

Nome da Obra	Data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Nocturno op 1	1942	Violino e piano	7'	S-U	CD Youtube	AVA	
Concerto para violino e violoncelo op 42	1968	Violino, violoncelo e orquestra	18'		info		Orq. de arcos e harpa
Improviso		Violino e Orquestra				AVA	
Sonatina nº1?							

Sousa, Augusto Pereira de (1929-)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Improviso		Violino e piano					Vln. e orq.

Sousa, Berta Cândida Alves de (1906-1997)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Dança exótica	1934	Violino e piano	4'	B			
Cantilena	1934	Violino e piano	2'				
Pavana	1948	Violino e piano	3'				
Lamento	1964	Violino e piano	2'				Vlc. e pn.
Variações sobre um tema do Algarve	1957	Violino e piano	7'				Vlc. e pn.
Canto lamático	1960	Violino e piano	4'				Vlc. e pn. / Orq. Arcos

Conservatório Música do Porto

Sousa, Gabriel Morais de (1927-1956)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonatina		Violino e piano					

[Texto vida e obra](#)

Vasconcellos, Jorge Croner de (1910-1974)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Ária e Scherzo	1944	Violino e piano	11'	S	Info		
Canção	1946	Violino e piano	5'	B	Info		

Séc. XX – XXI

Almeida, Anne Victorino d' (1978)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Concertino pequenote		Violino e Piano		I-B		AVA	
Fantasia sobre um Tema de Schumann	Aprox. 7'	Violino e piano				AVA	
Minuetto		Violino e piano	1'40''	B-S		AVA	
Sonatina e Serenata	2015	Violino e piano		B-S		AVA	

Contacto: <https://www.facebook.com/annevictorinoalmeida.compositora/>

Almeida, António Victorino d' (1940)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Diálogo para violino e piano op 99	1996	Violino e Piano				AVA	
Fantasia op 137		Violino e piano				AVA	
Pequena Peça Infantil op 76	1987	Violino e piano				AVA	
Dez Fados Op. 158	2012	Violino e Piano				AVA	

Contacto: antoniovictorinodalmeida@gmail.com

Augusto, Carlos Alberto (1949)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Romeu e Julieta	1997	Violino solo					

Contacto: <https://www.facebook.com/caa49/>

Azevedo, Carlos (1964)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Interchange	1999	Violino solo					

Contacto: carlos.azevedo@mail.telepac.pt

Azevedo, Sérgio (1968)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonatina nº 1	2004	Violino solo	9'	D	CD	AVA	
Sonatina nº 2	2004	Violino solo	7'	M			
Sonatina nº 3	2004	Violino solo	6'	M			
Sonatina nº 4	2006	Violino solo	7'				
Quatro Peças Breves	2004	Violino e piano	7'30''	M	Youtube		
Sonatina in Memoriam Getrude Stein	2003	Violino e piano	8'				
3 peças para violino e piano	2000	Violino e piano					
Passacaglia sobre um tema de Paul Hindemith	1988	Violino e piano	7'				
Sonatina	1988	Violino e piano	15'		Youtube	AVA	
Reflections on a Portuguese Lullaby	2009	Violino e orquestra de cordas	9'		Youtube	AVA	
Concerto para 2 violinos	2009	2 Violinos e Orquestra de Cordas			Youtube Spotify CD		
2 Cadências para o 2º e 3º Andamento do Concerto para Violino de Beethoven	2003	Violino solo					

Contacto: <https://www.facebook.com/sergio.azevedo.754>

Azguime, Miguel (1960)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Soit Seul Sûr de Son	2004-2005	Violino solo	7'		CD	MIC	

Contacto: azguime@azguime.net

Bastos, Paulo (1967)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Pequenas Histórias de um Violino	2013	Violino e Piano	7'	I		AVA	

Contacto: pauloruibastos@gmail.com

Bochmann, Christopher (1950)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Cavatina	2010	Violino solo	2'30''	D		MIC	
Essay III	1981	Violino solo	9'	D			
Lied I	2002	Violino solo	5'	D		MIC	
Partita nº1	1972	Violino solo	8'	D		MIC	
Partita nº2	1978	Violino solo	12'	D			
Dirge	2014	Violino solo	5'			MIC	
Three Caprices	2010	Violino solo		U			
Garota de Ipanema [Tom Jobim]	2005	Violino e piano					arranjo

Contacto: mail@christopherbochmann.com

Brito, Marylin Correia

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
O meu primeiro livro de violino		Violino		I		Site	Método de iniciação

Carrapatoso, Eurico (1962)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Fantasia	2011	Violino e piano	6'				
Duas Melodias Tropicais		Violino e piano		B			
Três Peças Atlânticas	1999	Violino e piano	5'	S			Ob. Pn.
Fantasia em Sol para Violino solo	2006	Violino solo					
Raios de Extinta Luz	1999	2 violinos					
Chorinho nº 1	2000	Violino e piano	5'	S			
Chorinho nº 2	2000	Violino e piano	5'	B/S			

Contacto: carrapatoso.eurico@gmail.com

Carvalho, Sara (1970)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
the moon lost her name	2007	Violino solo	12'	D	CD	MIC	
Solos I	1997	Violino solo	7'	D		info	
O gato malhado e a andorinha	2012	Violino e piano	2'				Obra didática

Contacto: scarvalho@ua.pt

Côrte-Real, Nuno (1971)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Due poesie per l'infinito op 4	1996	Violino solo	6'30''	M-D			
L'Odore di Mare, Eternelle Nostalgie	1997	Violino solo					
<u>Concerto in Memoriam Luigi Nono</u>	2000	Violino e orquestra de câmara	21'30				

Contacto: <https://www.facebook.com/nuno.cortereal.39>

Delgado, Alexandre (1965)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Peças Fáceis Cantilena e Deia	2000-2001	Violino solo					

Contacto: alexandre.delgado@mail.telepac.pt

Ferreira, António Eduardo Costa (1963)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
1º improviso				S			

Contacto:

Ferreira-Lopes, Paulo (1964)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
de Profundis	2006	Violino solo				MIC	

Contacto:

Gabirro, Bruno (1973)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
vai faltar sempre um dia	2008	Violino e orquestra	17'		Soundcloud	MIC	
Tento	2006	2 violinos	3'		Soundcloud	MIC	

Contacto: <https://www.facebook.com/bruno.gabirro>

Gomes, Pedro Faria (1979)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Fantasy on a theme by Copland		Violino e Piano	3'	M			Vla. e pn. / clt. e pn. / fl. e pn
Sonata para violino e piano	2018	Violino e Piano		M/D			Encomenda de Dryads Duo

Contacto: scores@pedrofariagomes.com

Gonçalves, Helder (1976)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Epimítio	2002	Violino e Piano	10'	M			

Contacto:

Henriques, Nuno Miguel (1978)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Cadenza	2005	Violino solo	10'			AVA	

Contacto:

Hieaux, Emmanuel (1958)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
La Prophétie de L'Oubli		Violino solo				AVA	
Sur Trois Poèmes D'Éluard		Violino e piano			youtube	AVA	

Contacto:

Lapa, Fernando C. (1950)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Música para "Paixões"	2001	Violino solo					
Tema e Variações	2001	Violino solo	5'				
Concerto para 2 violino e orquestra de cordas	2007	2 violino e orquestra de cordas	10'				

Contacto: <https://www.facebook.com/fernando.lapa.7>

Lézé, Jean-François (1971)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
ANKH		Violino e Piano				AVA	
O mar e uma gota de água		Violino e piano				AVA	

Contacto: <https://www.facebook.com/jeanfrancois.leze>

Lima, Cândido (1939)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Oi in Lov	1997	Violino solo	8'	D-MD	CD	MIC	
Canzoni Liriche	1964	Violino e piano	5'	M		MIC	Fl. e pn.
2 Quadros Antigos	1987	2 violinos	7'	M-D	info	MIC	
Cadernos de Invenções – Violino I, II, III, IV, V, VI	2011	Violino e piano				MIC	
Cinco momentos de Oama	2010	Violino e piano	5'30''			MIC	

Contacto:

Lobo, Fernando N. (1974)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
La Passeggiata di Dedalo		Violino solo			youtube	AVA	

Contacto:

Lopes, Ângela (1972)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Peça X	1998	Violino solo	5'	D	CD	MIC	

Contacto: <https://www.facebook.com/profile.php?id=638488819>

Madureira, João (1971)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Solo	2002	Violino solo	6'		CD		

Contacto: <http://joomadureira.org/contact/>

Marecos, Carlos (1963)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Portuguese tunes for an english man	2006	Violino solo	9'50''	D			
Ma Pecavi	1993	Violino e piano	3'40	M			

Contacto: carlosmarecos@sapo.pt

Mikirtumov, Ian (1974)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Kayros		Violino solo				AVA	
Lágrimas	2011	Violino solo		U		AVA	
Poisk (Search)	2010	Violino solo		U		AVA	

Contacto: <https://www.facebook.com/yan.mikirtumov>

Nunes, Emanuel (1941-2012)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Einspielung I	1979	Violino solo	19'		CD	Ricordi?	

Oliveira, João Pedro (1959)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Integrais I	1986	Violino solo	11'	S	extrato	MIC	
Derivative I	2017	Violino solo	8'	S/U		MIC	

Contacto: jppo@ua.pt

Patriarca, Eduardo Luís (1970)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
“... para uma voz sem acompanhamento”	1995	Violino solo				AVA	
Bruit II	1995	Violino solo					
Concerto para violino e orquestra	1995	Violino e orquestra					

Contacto: <https://www.facebook.com/eduardoluis.patriarca>

Pérez, Roberto (1958)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Comentários, três gestos breves		Violino e piano					

Letania		Violino e piano					
---------	--	-----------------	--	--	--	--	--

Contacto: robertoalejandroperez@gmail.com

Pinho Vargas, António (1951)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Quasi una Sonata	2010	Violino e piano		M	youtube	AVA	
No Art – Quatro Estudos para violino solo		Violino solo				AVA	
Concerto para violino	2016	Violino e orquestra			youtube	AVA	Red. pn.
Dois violinos para Carlos Paredes	2003	2 violinos	6'		CD youtube		

Contacto: <https://www.facebook.com/antoniopiniovargas>

Prendas, Jorge (1968)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Three Steps for the Fall	2006	Violino solo		III and. – B I and. – S II and. - U		AVA	
Para acabar de vez com este ódio	1998	Violino solo					

Contacto: <https://www.facebook.com/jorge.prendas.1>

Rigaud, João-Heitor (1956)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata Arcádica op 7		Violino solo					

Contacto:

Rodrigues, Eugénio (1961)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Cernicalo	1993			S			

Contacto: eugenio.mlr@gmail.com

Rosa, Clotilde (1930)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Castelos d'Oiro em Mundos Irreais ...	1990	Violino e piano	7'		info	MIC	

Contacto:

Rua, Vitor (1961)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sul G	1995	Violino solo				MIC	
Introduction	1996	Violino solo				MIC	
Stop	1996	Violino e piano				MIC	
Violinex	1995	Violino e fita				MIC	8 vln.

Contacto: <https://www.facebook.com/telectu>

Santos, Joaquim dos (1936-2008)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Arioso	2008	Violino solo				AVA	
Capricio		Violino e piano			youtube		

Schvetz, Daniel (1955)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Piccolo studietto in tango style per violino	2010	Violino solo					
Milhoverdeando	2012	Violino solo					
Pequeña pieza	1992	Violino e piano					
Três fragmentos	1975						
Ejstake	1995				CD		

Composer: <https://www.facebook.com/danielbrunoshvetz/>

Sousa, Filipe de (1927-2006)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Kaleidoscópio	1981	Violino solo	7'		INFO	info	
Monólogo para violino solo e Gravador	1981	Violino e gravador	7'		info		
Prelude to a Manitoba Spring	1985	Violino solo					
Peça em forma de alba para violino solo	2001	Violino solo					
(alfa) Beta	2004	Violino solo					
Adagietto da 5ª sinfonia		Violino e piano					arranjo

Soveral, Isabel (1961)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Anamorphoses III	1995	Violino e eletrónica	12'	D	Audio	MIC	Solo

Contacto: <http://www.isabelsoveral.eu/>

Tínoco, Luis (1969)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Tríptico para violino e piano	1995	Violino e piano	6'30''	S	CD	info	

Contacto: <http://tinocoluis.com/pt/contact/>

Viana, César (1963)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Danses Brisées	2010	Violino e Piano	10'			AVA	
Crú	2005	Violino solo	7'	S	Soundcloud		
Batuk	2010	Violino solo	8'	U			
La Scripcaria	2012	Violino solo	10'	U			
Drei Sterne	1990	Violino e piano					

Contacto: <http://www.cesarviana.net/contact/>

Zíngaro, Carlos (1948)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Solo - Monastère des Jerónimos	1989	Violino solo				AVA	

Solo NeueJazzMusik	1989-1995	Violino solo					
--------------------	-----------	--------------	--	--	--	--	--

Zoudilkine, Evgueni (1968)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Music		Violino e Piano				AVA	
Vocalise	1996	Violino solo					
sonata	1984	Violino e piano					
Concerto para violino e orquestra	1991	Violino e orquestra					

Contacto: <https://www.facebook.com/evgueni.zoudilkine>

Séc. XXI

(nascidos a partir de 1980)

Cabrita, Tiago (1985)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Anticlockwise	2011	Violino solo	3'30''		Youtube	AVA	

Contacto: <https://www.facebook.com/tiago.cabrita.79>

Chaves, Francisco (1993)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Capriccio	2014	Violino solo	3'		youtube	Scherzo Editions	

Contacto: <https://www.facebook.com/francisco.chaves.581>

Costa, João Fonseca e (1994)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Retorno	2017	Violino solo	3'			Scherzo Editions	

Contacto: <https://www.facebook.com/joao.costa.98478672>

Davis, Daniel (1990)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Sonata para violino e pino	2017	Violino e piano	14'				

Contacto: <http://www.danieldaviscomposer.com/contacto-1>

Derriça, Tiago (1986)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Estudo entre Estudo	2010	Violino solo	3'30''	S	Soundcloud	AVA	

Contacto: info@tiagoderrica.com

Durão, Manuel (1987)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Invenção sobre uma Rua	2010	Violino solo	6'40''				

Contacto: m.durao@binganzohr.de

Jacinto, Nuno (1985)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Solo I	2006	Violino solo	7'	D			
Solo II – a Torga	2007	Violino solo	3'	M		AVA	
Solo III – Survoler Messiaen	2008	Violino solo	5'				
“a 2”		2 violinos	4'	F			
Cantilena	2008	Violino solo	5'		youtube	AVA	
Little Obsession	2013	Violino solo	2'		youtube	AVA	

Contacto: nunojacinto4000@yahoo.com.br

Lobo, Nuno (1996)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Chronostasis	2016	Violino solo	3'30			Scherzo Editions	

Martinho, Daniel (1985)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Canção da Eternidade	2009	Violino solo	5'				

Contacto: <https://www.facebook.com/danielmartinho13> dmartinhomusic@gmail.com

Medeiros, Rogério Ferreira de (1979)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Pequeno Concerto Fácil		Violino e orquestra		B		AVA	Red. de pn.

Pérez, Amaia

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Canções Para os Pequenos Violinistas		Violino		I		adquirir	Arr. Mus.Trad.

Ponte, Ângela da (1984)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Segredos ao Vento	2013	Violino e marimba	8'			Scherzo Editions	

Contacto: as.daponte@msn.com

Ribeiro, Hugo (1983)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Danza	2007	Violino e piano	6'	MD	sample		

Contacto: hg.ribeiro@gmail.com

Rocha, Sofia Sousa (1986)

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Jogo Breve	2008	Violino solo	3'			AVA	

Sá, Hélder José Batista (1980)

Nome da Obra	Data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Como estudar os estudos para violino op 20 de H. E. Kayser		Violino solo				AVA	

Woycicki, Piotr (1983)

Nome da Obra	Data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Devil's Dance		Violino e Piano				AVA	

Contacto: <http://pwoycicki.wix.com/piotr-woycicki#!contact>

Sem Data

Almada, Júlio

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Poema				S			
Paráfrase				S			
Saudade (sobre uma canção açoriana)				S			

Coimbra, Rui

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Dança Húngara		Violino e piano					

Girbal, João

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Andantino		Violino e Piano					

Gomes, Luís da Costa

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Balada		Violino e Piano					

Guerra, Ruy Soares

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Czardas	4'30''	Violino e Piano			Youtube		

Henriques, José Pires

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	Nível de ensino a ser aplicada	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Dueto novo		2 Violinos					

Reina, Igor

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Klepsydra		Violino solo	15'	MD			

Compositor: imreina@gmail.com

Torres, H.

Nome da Obra	data	instrumentação	duração	NE/ND	gravação	Onde adquirir (editora/manuscrito)	Obs.
Chamarrita				S			